

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC -SP

MILCA LETÍCIA DE SOUZA ESTANISLAU

FAMÍLIA PASTORAL: CONFLITOS E CAMINHOS

ENTRE A VOCAÇÃO PASTORAL NA

DIMENSÃO INDIVIDUAL E FAMILIAR

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA

SÃO PAULO

2015

MILCA LETÍCIA DE SOUZA ESTANISLAU

Família Pastoral: conflitos e caminhos
entre a vocação pastoral na
dimensão individual e familiar

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de especialista em terapia de casal e família do núcleo de família e comunidade do programa de pós-graduação em psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da prof^a Dr^a Cláudia Bruscagin.

SÃO PAULO

2015

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata a Deus que me possibilitou a concretização do sonho de fazer e concluir este curso.

Dr^a Cláudia Bruscagin, orientadora que me apoiou e ajudou ampliar minha visão dentro deste contexto da família pastoral.

As famílias de pastores (as) que se disponibilizaram com muito carinho, tempo para participarem desta pesquisa dando uma contribuição fundamental para chegarmos aos objetivos proposto neste trabalho.

Ao meu amado marido Cristiano Estanislau que me incentivou, apoiou e sustentou nos momentos de alegria, tristeza e cansaço.

As minhas filhas amadas Letícia Hannah de 10 anos e Esther Johanne de 4 anos que com muita paciência por três anos suportaram a minha ausência em alguns momentos de suas vidas.

Aos meus queridos pais e irmãos, que embora tão distante me apoiaram neste desafio, Maria Elza, Clóvis, Elberti, Gleidson, Clóvis Júnior e Weverton.

Aos meus parentes com quem compartilhei este desafio, Edna, Solimar, Fagner, Viviane, Raquel, Felipe, Maria, Valdelina e Michele.

Aos amigos mais chegados, Marisa, Alcilene, Sylvia, Amanda, Talita e Valéria.
Aos meus clientes que com muita expectativa aguardavam a conclusão desse curso.

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com famílias de pastores (as) metodistas cujo objetivo foi sob conhecer como estas famílias compreendem a vocação do pastor (a) dentro da família e da igreja onde servem/ministram/trabalham. Para compreender melhor estas famílias pastorais foram abordados alguns pontos como: a história de João Wesley o fundador do movimento metodista, o início do metodismo no Brasil e a estrutura da igreja metodista; a família pastoral vocacionada; e a família pastoral entre a vida pública e a privada. Esta pesquisa foi realizada com quatro famílias pastorais (pastor/a; esposo/a; filho/a) em pleno exercício da atividade ministerial na Igreja Metodista do Brasil no Estado de São Paulo, com oito ou mais anos ininterruptos de ministério, e com filho(s) com idade acima dos 10 anos. A análise qualitativa das entrevistas semi-estruturadas, demonstraram que a vocação pastoral foi compreendida por todos os membros dessas famílias como um chamado divino, uma escolha divina, que a vocação pastoral é para todos da família, principalmente para o cônjuge, e que a falta de limite e discernimento a respeito da divisão do tempo no exercício do ministério pastoral tem trazido muitos conflitos e tensões às famílias de pastores. E por fim, eles sugeriram que o (a) pastor (a) precisa ter limite para separar demanda da igreja e a demanda da família; ele (a) precisa ter limite para não se sobrecarregar de trabalho ministerial que vai além de sua condição física e psíquica; e ele (a) precisa de limite para não espiritualizar tudo.

Palavras-chave: Família – Vocação Pastoral – Metodismo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Participantes da Pesquisa	61
----------	---------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 JUSTIFICATIVA	13
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo Geral	14
2.2 Objetivo Específico	14
3 REVISÃO DA LITERATURA	15
3.1 A História e Legislação da Igreja Metodista do Brasil	15
3.1.1 História do Fundador da Igreja	15
3.1.2 Igreja Metodista Brasileira	20
3.1.3 Membros da Igreja Metodista Brasileira	22
3.1.4 Pastores da Igreja Metodista	23
3.1.4.1 Formação Pastoral	23
3.1.4.2 Os Direitos dos Integrantes do Ministério Pastoral	24
3.1.4.3 Os Deveres dos Integrantes do Ministério Pastoral	25
3.1.4.4 Nomeação dos Pastores para a Igreja Local	25
3.1.4.5 Itinerância	26
3.1.4.6 Subsídio dos Pastores	26
3.2 Família Pastoral Vocacionada	28
3.2.1 Vocação Pastoral – Chamado Pessoal e Divino	28
3.2.2 Pastor no Cuidado com a Sua Família	33
3.2.3 Família de Pastor ou Família de Pastores?	37
3.3 Família Pastoral – Entre o Público e o Privado	44
3.3.1 O Cônjuge de Pastor/a	47
3.3.2 Filhos e Filhas de Pastor/a	55
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	59
4.1 Participantes	60
4.2 Instrumentos	61
4.3 Procedimento	62
4.4 Análise dos Dados	63
4.5 Discussão dos Dados	63
4.5.1 Vocação Pastoral	64
4.5.2 Família Pastoral	67
4.5.2.1 Pastores/as	67
4.5.2.2 Cônjuges	69
4.5.2.3 Filhos/as	70
4.5.3 Vocação Individual ou Familiar	71
4.5.3.1 Pastores/as	71
4.5.3.2 Cônjuges	74
4.5.3.3 Filhos/as	75
4.5.4 Conflitos	77
4.5.4.1 Pastores/as	77
4.5.4.2 Cônjuges	79
4.5.4.3 Filhos/as	80
4.5.5 Limites	81
4.5.5.1 Pastores/as	81
4.5.5.2 Cônjuges	83
4.5.5.3 Filhos/as	84
4.5.6 Filhos Sobrecarregados	85
4.5.7 Escolher a Igreja ou a Família	88

4.5.8 Conselhos	90
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
6 REFERÊNCIAS	101
7 APÊNDICES	104
7.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	104
7.2 Roteiro de Entrevista Semiestruturado	105
7.3 Entrevistas	105
7.4 Mapa Mental Sintético	169

INTRODUÇÃO

No livro de João 15:16, Jesus diz aos seus discípulos: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto,...”. O meu interesse pelo tema da família pastoral está ligado a dois fatores principais: o primeiro, a inserção do meu cônjuge nos estudos e preparo para o exercício do ministério pastoral na igreja Metodista, e segundo, que devido a esta inserção passei a acompanhar mais de perto famílias de pastores/as. A partir dessa vivência passei a observar o quanto essas famílias não possuem uma vida particular, ou seja, privada, mas unicamente podemos afirmar em muitas circunstâncias somente uma vida pública, aberta a toda a comunidade de fé da qual a família pertence. Com o seu mundo privado interrompido (suspensão) as famílias pastorais passam a vivenciar somente um mundo público, experimentando as mais árduas exigências da igreja, se desgastando muitas vezes em uma longa jornada de trabalho. Isto é, a vocação pastoral ultrapassa os limites a que se restringe o trabalho pastoral, e acaba por entrelaçar a todos os filhos/as e esposas/os nessa vocação ministerial.

Desta forma, a intenção deste trabalho é tentar compreender este fenômeno chamado “família pastoral”, seus caminhos, suas complexidades e implicações, e suas idiossincrasias. O objetivo é verificar como a família pastoral se compreende: na vocação do pastor(a) dentro de uma família e de uma igreja, ou uma família no exercício da sua vocação pastoral/sacerdotal dentro de uma igreja.

Este trabalho foi dividido em três capítulos, sendo que no primeiro faremos uma explanação da história de João Wesley o fundador do movimento metodista, o início do metodismo no Brasil e a estrutura da igreja metodista dando enfoque aos membros e pastores. No segundo capítulo discorreremos sobre a família pastoral vocacionada, focando mais no chamado pastoral. No terceiro capítulo abordaremos a família pastoral entre a vida pública e a privada. Na sequência teremos a metodologia, análise dos dados e as considerações finais.

O apóstolo Paulo nas cartas segundo aos Coríntios 12.15 declara: *“Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais...”*. Neste verso onde o apóstolo escreve para os membros da igreja em Corinto é possível notar o quanto ele se dedicava ao exercício pelo qual foi chamado, anunciar o evangelho. Ele cumpriu com excelência e amor a sua vocação até o fim. No final de sua carreira ele pode terminar afirmando: *“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”* (2 Timóteo 4.7). Para o apóstolo, a missão de evangelizar não era uma tarefa fácil e simples. Mesmo amando o que fazia ele encarava a missão como um combate, uma guerra, uma luta a ser encarada dia a pós dia.

Nos dias de hoje observa-se que os pastores/as e suas famílias também têm encontrado muitas batalhas no exercício do ministério pastoral dentro das igrejas, como por exemplo: cobranças excessivas, expectativas inatingíveis, itinerância e baixo salário.

Todavia, antes de aprofundar o tema sobre a família pastoral se faz necessário compreender o “chamado – a vocação” do pastor/a, como algo que antecede o seu ministério pastoral. Segundo Leite (2005, p.15) “o chamado pastoral surge de vários fatores (motivos) que precisam ser suficientes, claros, sólidos e conscientes para manter acesa a chama da vocação e conduzir continuamente o ministério pastoral”.

Segundo César (1997), na literatura neotestamentária, a palavra vocação é uma palavra de origem grega do verbo “*kaleo*” – eu chamo, nomeio, convoco, o substantivo “*klêsis*” – vocação, chamado, convite e o adjetivo “*kletós*” - chamado, convocado.

De acordo com César (1997), vocação não significa exatamente o mesmo que talento e dom, embora na Bíblia pareça haver alguma semelhança nessas palavras.

Em termos gerais, vocação é o chamado divino propriamente dito. O talento é aptidão ou capacidade existente na própria natureza do indivíduo como um conjunto de habilidades concedidas pelo Senhor

no ato da criação, independente da fé. Já o dom é a suprema dádiva de Deus aos homens e a concessão de capacidades especiais para o desempenho do serviço divino. (CÉSAR, 1997, p.22)

Se a vocação é um chamado divino pode-se entender que todos são vocacionados. E se levar em consideração o versículo bíblico onde Jesus chama o povo para ir e pregar o evangelho a toda a criatura, isso torna a vocação como algo universal estendido a todo ser humano. César (1997) afirma que todo ser humano remido em Cristo é vocacionado. Ou seja, a vocação para servir é elemento intrínseco ao ser humano, faz parte de sua personalidade, é plano de Deus para aqueles/as que creem em Jesus. Martinho Lutero, o grande reformador, acreditava na vocação universal como um conceito mais amplo quanto possível. E ele dizia: “todo o crente tem uma vocação na vida porque tem uma posição e, nesta posição, ele encontra sempre oportunidade de servir.” (CÉSAR, 1997, p.17-18)

Se a vocação é algo pessoal e divino, como fica a família do pastor/a? A família pastoral é ou não vocacionada também? Se entendemos desta maneira é possível apontar, compreender ou mesmo despertar a família como aqueles que são vocacionados ao ministério pastoral?

Há uma grande divergência entre os autores a respeito do tema da família pastoral ser ou não vocacionada. De um lado há um grupo de teóricos, como Gaby e Rainey (s.d), que defendem a tese de que o chamado é do pastor/a e não da sua esposa e filhos. Porém, há outro grupo que se baseia no texto bíblico que diz: *“Porventura andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?”* (Amós 3.3). E afirmam que a família é vocacionada tanto quanto o pastor/a.

Para Gaby (2007) a esposa do pastor não tem o chamado para servir a igreja. Ela e os filhos não são a extensão do ministério do marido. Afirma que a esposa foi chamada para ser uma companheira do marido e não da igreja. Ele cita que em qualquer outra profissão como de médico, comerciante, professor, piloto e militar a família é mantida a distancia sem qualquer envolvimento. E lembra que, quando o pastor é convidado para assumir uma igreja o salário é

definido em cima do trabalho prestado por ele e não por toda a família pastoral. Com isso, a igreja pode exigir do pastor o desempenho do seu trabalho e não da atuação da esposa como vem ocorrendo em muitas igrejas. Contudo, o autor reconhece que há esposas de pastores que possuem o chamado e são vocacionadas por Deus para prestar um grande auxílio ao ministério pastoral. Reconhece também que se a esposa e os filhos puderem ajudar, o ministério ficará mais completo. Do contrário, todas as demais esposas são membros como qualquer outro da igreja que precisam ser pastoreadas e acolhidas. Portanto, ele defende a ideia de que a ajuda da família pastoral ao ministério é uma condição e não uma “obrigação”.

De acordo com Rainey (2000) a família pastoral deve abraçar o sofrimento junto. Ele acredita que os problemas enfrentados tanto no ministério pastoral quanto na família são de ordem espiritual e que Deus capacita a família para resolver juntos os problemas e assim fugir da desintegração familiar. O mesmo vale para os problemas de ordem ministerial. É importante que o casal compartilhe os vales de ossos secos, ou seja, os problemas da igreja em conjunto para não sucumbirem. Ele se baseia na passagem bíblica de Gálatas 6.2 que diz assim: *“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”*. O autor acredita que suportando o fardo uns dos outros Deus dará condição para o casal vencer as diversidades e cumprir a missão juntos. A Bíblia diz em Efésios 6.12 que *“a luta não é contra a carne ou sangue, mas contra as forças espirituais do mal”*. O autor explica que o adversário não é o cônjuge, mas sim o mal que veio roubar, matar e destruir. Por isso, o casal deve se aliar para cumprir junto à missão de combater o inimigo, ou seja, a missão é de ambos.

Outro ponto importante também a ser ressaltado é como o pastor/a tem cuidado de sua família. Segundo o apóstolo Paulo na carta para Timóteo, *“(...) se alguém não cuida dos seus, e principalmente dos de sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel”* (1Tm 5.8). Ao refletir sobre este verso pode-se entender que ele assevera que aquele que não cuida, não zela pela sua família nega a sua lealdade a Deus, se tornando pior do que uma pessoa que não confia e nem crê na existência de Deus.

Portanto, a problemática em torno deste tema nos desafia a tentar compreender como a “família pastoral” de pastores metodistas tem interpretado e vivido a sua vocação de conduzir, auxiliar e ensinar o povo na caminhada de fé e comunhão com Deus.

1. JUSTIFICATIVA

Existem famílias pastorais que compreendem a missão de Deus e a encaram como um sentido maior de suas existências. Porém, há famílias pastorais que não visualizam o ministério como uma missão em conjunto, podendo aumentar os dilemas e crises para a própria família do pastor/a.

Nesses casos muitos dos membros dessas famílias acabam se distanciando da comunidade e perdendo os valores religiosos por conta da demanda da missão. Muitos até se tornam inimigos algozes dos valores de suas famílias. Embora também possa ocorrer o afastamento de filhos e/ou companheiro (a) que caminhavam juntos com o pastor (a), pelo peso da responsabilidade, pelas auto cobranças e pelo cansaço da missão.

Dessa forma, a intenção deste trabalho é pesquisar este tema e tentar vislumbrar algumas contribuições que possam esclarecer e ajudar a enfrentar dilemas e crises dentro da família pastoral.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- O objetivo é verificar como a família pastoral se compreende: na vocação do pastor/a dentro de uma família e de uma igreja, ou uma família no exercício da sua vocação pastoral/sacerdotal dentro de uma igreja.

2.2 Objetivo Especifico

- Apresentar o conceito de vocação pastoral na dimensão individual e familiar;
- Verificar os conflitos e tensões entre dentro do espaço público e privado da família pastoral;
- Averiguar como as famílias pastorais compreendem a sua vocação pastoral/sacerdotal;
- Apontar alguns recursos que possam ajudar terapeutas que venham a trabalhar com estas famílias.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 A História e Legislação da Igreja Metodista do Brasil

3.1.1 História do Fundador da Igreja

De acordo com Dornelas (2007) o movimento Metodista nasceu da experiência religiosa que ocorreu com seu fundador João Wesley em Londres no dia 24 de maio de 1738. A partir desta experiência, conhecida no meio metodista como a experiência do “Coração Aquecido” o movimento passa a se desenvolver e a se caracterizar pelo seu comprometimento com a educação do ser humano que visa não somente à educação religiosa constante, que lhe dá unidade doutrinária, mas também a educação secular através de universidades e escolas onde se valoriza a excelência do conhecimento que é ministrado, sempre no espírito de “pensar e deixar pensar”.

João Benjamim Wesley, nascido em 17 de junho de 1703 na cidade de Epworth, na Inglaterra, era filho, neto e bisneto de pastores, por parte de pai, e neto por parte de mãe. Seu pai Samuel Wesley e sua mãe Susanna Wesley tiveram 19 filhos. A maioria deles morreram ao nascer ou logo depois que nasceram. João Wesley era o segundo menino, seus irmãos vivos eram Samuel e as meninas Emília, Susana Mary e Mahetabel. Era hábito de sua mãe, no dia em que os filhos completavam cinco anos, começar a ensinar-lhes o alfabeto e, em seguida, utilizando a Bíblia, a ler. A família de João Wesley fazia parte de um grupo de pessoas (os não-conformistas) que desejavam uma grande reforma na igreja, ou seja, era um grupo que desejava uma igreja mais comprometida e menos burocrática. E por causa desse desejo foram muito perseguidos. Embora tenham recebido uma forte herança não-conformista Samuel e Suzana Wesley optaram mesmo assim pela igreja oficial da Inglaterra. (DORNELLAS, 2007)

Um dos acontecimentos que marcaram a vida de João Wesley e que gerou uma forte ligação com sua mãe, foi o incêndio da casa pastoral, que ocorreu no

dia 9 de fevereiro de 1709, quando ele tinha apenas cinco anos. A casa sofreu um atentado por alguns paroquianos insatisfeitos com o pastor. Eles atearam fogo na casa pastoral enquanto a família dormia. Todos conseguiram sair exceto João Wesley que dormia no segundo andar. Após a tentativa fracassada de resgatar João Wesley na casa em chamas, seu pai Samuel passou a reunir o povo que ali estava para orar pedindo a Deus que recebesse a alma de seu filho. Porém, nesse instante eis que se ouviu o choro do menino, que subindo numa cômoda conseguiu chegar até a janela do quarto. O povo que ali estava rapidamente fizeram uma escada humana e salvaram o menino. Após o resgate o teto em chamas veio totalmente abaixo. (DORNELLAS, 2007)

Segundo Dornellas (2007) Susana Wesley entendia que o livramento do seu filho era algo especial e que Deus tinha um objetivo em relação a ele. Por isso, ela aumentou sua preocupação quanto a educação do seu filho João Wesley. Em sua oração que escreveu logo após o incêndio, deixou registrada as seguintes palavras: “pretendo ser particularmente cuidadosa, como nunca antes, com a alma desta criança, que tu tens cuidado tão misteriosamente, para que eu possa inculcar em sua mente os princípios da verdadeira religião e virtude”.

Aos onze anos de idade João Wesley foi levado a Londres para estudar em Charterhouse, numa escola pública onde o aluno ficava interno. As dificuldades eram grandes e faltavam recursos até para uma boa alimentação. Aos dezessete anos Wesley já tinha o conhecimento tanto do latim como do grego. Então ele vai para Oxford, onde recebe uma bolsa para estudar no Christ College. No ano de 1724 Wesley se forma e pelo seu destaque acadêmico foi lhe permitido escolher entre as profissões mais importantes da época: Direito, Medicina e Igreja. Para ele a igreja foi inevitável. Assim ele foi ordenado diácono no dia 19 de setembro de 1725. Wesley passou grande parte desse tempo em Epworth ajudando seu pai na igreja. Era o sonho de seu pai transmitir-lhe por herança a sua pequena paróquia. (DORNELLAS, 2007)

Quando Wesley decidiu realmente pela carreira pastoral, sua mãe Susana lhe aconselhou: “o verdadeiro fim da pregação é endireitar a vida dos homens e

não entulhar as suas cabeças com espetáculos inúteis”. Entre as muitas idas e vinda de Oxford passou ocupar a importante função de moderador da universidade. Passou também a lecionar grego, filosofia e lógica. Este período foi marcado por um êxito profissional, porém de profunda carência espiritual. Sua religião era formal e fria, faltava testemunho e alegria em ser cristão. Os cultos de sua época eram tediosos e as pregações descuidadas tanto em quantidade e em qualidade.

No entanto, João Wesley e um grupo de companheiros formaram o chamado Clube Santo, que tinha como intenção aos desalentos da religião formal, se manter firmes na fé através de estudos bíblicos, testemunhos de vida e na realização de obras sociais. Foi neste contexto que Wesley, tentando encontrar-se a si mesmo, resolve ser missionário na América, na nova colônia inglesa da Geórgia. Wesley via nesta decisão à esperança de salvar a sua própria alma e aprender o verdadeiro sentido do Evangelho de Cristo. (DORNELLAS, 2007)

Durante a viagem para a América, Wesley teve uma experiência marcante no navio, que corria o risco de naufragar. A partir deste momento passou a refletir sobre sua condição de pecador. Mesmo com toda sua bagagem bíblica e religiosa não conseguia entender o estranho desprezo pela morte, que mais tarde intitulou como “o pecado do temor”. Ficou na Geórgia por quase dois anos, mas retornou para Inglaterra desiludido e consciente do fracasso da missão. Antes de desembarcar, Wesley, ainda atordoado com as experiências negativas que tivera na América, declarou em seu diário: “Fui à América converter os índios. Oh, Deus quem me converterá?”. (DORNELLAS, 2007)

Com profundas inquietações e questionamentos João Wesley no dia 24 de maio de 1738 tem uma experiência sobrenatural com Deus que veio mudar definitivamente a sua vida. Ele próprio descreve esta experiência em seu diário declarando assim: “À noite, fui sem grande vontade a uma reunião na Rua Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto para às nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus realiza no coração pela fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e

uma segurança foi-me dada, de que Ele havia perdoado os meus pecados, sim os meus pecados, e salvou-me da lei do pecado e da morte”. A partir dessa experiência com Deus, Wesley encontra aquilo que tanto desejava, a transformação de sua religião de temor numa religião de amor. Como dizia, relembrando a parábola do filho pródigo, passou da condição de escravo para filho. Sua relação com Deus que antes era apenas legalista passa a ser uma relação de fé e confiança. (DORNELLAS, 2007)

Para Dornellas (2007) o movimento metodista inicia-se então pelo movimento na experiência da fé salvadora, que a princípio permaneceu ligada a Igreja Anglicana. O crescimento do movimento foi muito grande e rápido e com isso os púlpitos, das igrejas anglicanas, foram sendo fechados por causa dos “excessos” e “entusiasmos”. A partir de então João Wesley começa a pregar ao ar livre e tem consciência de que o mundo era a sua paróquia. Daí sua célebre frase: “O mundo é minha paróquia”. Mesmo sendo perseguido pelas autoridades religiosas, por pregar ao ar livre, ele nunca mais abandona esta prática, que se tornou uma característica revolucionária do metodismo. Das minas de carvão de Kingswood, passa a pregar ao ar livre em outros lugares, especialmente nos locais pobres de Londres.

O movimento metodista foi crescendo progressivamente conforme aponta Dornellas (2007). E a cada dia muitas pessoas se ajuntavam ao grupo metodista. A maioria eram novos convertidos que se ajuntavam com os fiéis da Igreja da Inglaterra e buscavam uma vida religiosa mais intensa, avivada e desejosa de evangelizar. A designação de “metodista” surgiu, de maneira pejorativa, para identificar os jovens que participavam do Clube Santo em Oxford. Se este nome não tivesse popularizado tanto, talvez o nome mais adequado ao movimento criado por João Wesley seria “redencionista”, já que a redenção pela graça é uma das maiores marcas de sua pregação. O movimento se espalhou pela Inglaterra. Novas sociedades foram criadas e acabou havendo uma conexionalidade¹ entre elas. Hoje os frutos dessas

¹ No modelo conexional adotado pela Igreja Metodista as igrejas locais não possuem autonomia absoluta para tomar suas decisões e os pastores (as) são nomeados (as) pelo Bispo (a) presidente de cada região eclesiástica. Nesse modelo o pastor e a igreja local têm autonomia para tomar várias

sociedades estão espalhados por todo o mundo. Albert Outler (1908-1989), um dos maiores conhecedores da história e teologia metodista foi o primeiro considerar o método de Wesley para a teologia a partir do conhecido “*Quadrilátero Wesleyano*”, no qual estão firmadas as fontes mais importantes da prática metodista que são: a Bíblia, a Tradição, a Experiência e a Razão. (DORNELLAS, 2007)

A Escritura (Bíblia) é a única regra de fé e prática. Ela contém a revelação de Deus. As raízes, para o metodismo, desse primeiro item do quadrilátero vêm da Reforma Protestante do século XVI. A grande ênfase de Lutero foi à leitura da Bíblia. Naquele contexto uma atividade quase que privativa dos clérigos. Todavia Wesley via um grande perigo, em relação à Bíblia. Ou seja, a bibliolatria. Isto é, adorar a Bíblia em lugar de adorar a Deus. A Tradição, isto é, a doutrina da igreja, os regulamentos, o culto, os costumes. Toda a experiência de séculos de vida cristã precisa ser valorizada. As raízes da tradição são a vida da igreja desde a atuação dos discípulos e o próprio movimento da Reforma. O grande risco, em relação à tradição, é valorizar tanto a tradição ao ponto de se cair no tradicionalismo. (DORNELLAS, 2007)

A Experiência não poderia ficar de fora. Ela significa a nova vida em Cristo. O Espírito Santo usa a Bíblia e a Tradição para trazer-nos à fé. Pela graça de Deus nós recebemos a fé. As raízes da experiência, para os metodistas, estão nas igrejas livres, como o próprio movimento Moraviano. O grande risco da experiência é, segundo Wesley, o fanatismo, coisa que ele condenou sempre, especialmente em seu sermão “da natureza do entusiasmo”. Finalmente, o metodismo é uma religião que faz uso da Razão. Quando Wesley dizia que “pensamos e deixamos pensar”, talvez estivesse muito mais nos estimulando a fazer uso da razão do que mesmo mostrar certa flexibilidade doutrinária que ele, realmente, não tinha. Ele dizia sempre: “deixai a razão fazer tudo que ela pode”. O grande perigo, com relação à razão, é o de se cair no racionalismo,

decisões, mas devem se reportar às decisões tomadas pelos concílios regionais e, em instância máxima, aos concílios gerais, que reúnem representantes de todo o país. A partir desta estrutura é possível organizar e compartilhar recursos materiais e intelectuais, com vistas à missão. (José Geraldo Magalhães. A conexionalidade Metodista. Disponível em: <http://www.metodista.org.br/conexionalidade>. Acesso em 15 de nov.2014.)

isto é, tomar a razão somente como base sem correlacioná-la com os demais itens do Quadrilátero. Porque é justamente por essa interdependência entre Bíblia, Tradição, Experiência e Razão que o metodismo tem sido considerado a forma mais clara de um “cristianismo equilibrado”. (DORNELLAS, 2007)

Agora partindo para uma análise mais contemporânea da Igreja Metodista podemos observar que ela se organiza na forma de “Dons e Ministérios” conforme as necessidades e desafios da comunidade local. Os ministérios são os serviços que a igreja se predispõe a realizar em favor de sua comunidade, que por sua vez conta com os dons de seus membros de forma individual e comunitária a serviço da Missão. Tem como órgão responsável pela administração da igreja local a Coordenação Local de Ação Missionária (CLAM). A CLAM tem como missão preparar, coordenar e avaliar o Plano de Ação Local e cumprir o regimento aprovado pelo Concílio Local. Ela é formada por pastores/as, secretários/as, tesoureiro, um representante de cada grupo societário e dos coordenadores dos ministérios locais.

Hoje, na Igreja Metodista brasileira existe, um documento oficial chamado “Plano de Vida e Missão da Igreja”, no qual a área de educação é o destaque. Este plano defini que a educação é “como parte da missão” e que “é o processo que visa oferecer à pessoa e à comunidade uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo e questionando os sistemas de dominação e morte, à luz do Reino de Deus”. (DORNELLAS, 2007)

Nesse documento são firmadas as linhas mestras de atuação nas três áreas de educação da Igreja, a educação cristã, que prepara os seus membros para uma vida de testemunho cristão, a educação teológica, que capacita leigos e clérigos para a Vida e Missão numa dimensão profética, e a educação secular, que “oferece formação melhor qualificada nas suas diversas fases, possibilitando às pessoas desenvolvimento de uma consciência crítica e seu comprometimento com a transformação da sociedade, segundo a Missão de Jesus Cristo”. (DORNELLAS, 2007, p.16)

3.1.2 Igreja Metodista Brasileira

De acordo com os historiadores a primeira presença de metodistas em solo brasileiro aconteceu em 1835 na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império, com a chegada do Rev. Foutain E. Pitts. Em 1836 chega também ao Rio de Janeiro o Rev. Spaulding que se estabeleceu na cidade e abriu uma congregação entre os estrangeiros de 40 pessoas. Já em 1837 chega ao país o Rev. Kidder e esposa, mais tarde, 1867 chegam mais novos obreiros Rev. J. E. Newman e J.J. Ranson. No final do século XIX os metodistas estavam presentes em quatro centros urbanos – Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Piracicaba e São Paulo. Além desses primeiros obreiros na Região Sudeste, outros que também foram pioneiros no Norte e Nordeste como: Benjamim Ninde que atuou em Recife no período de 1882-1892, Justus H. Nelson que atuou em Belém, Manaus e Santarém de 1880 a 1925. Entre 1867 a 1930 o Brasil foi considerado Campo de Missões pela Igreja Metodista dos Estados Unidos.

No dia 2 de setembro de 1930, na Igreja Metodista Central de São Paulo, a Igreja Metodista do Brasil proclamou sua autonomia em relação a Igreja Mãe (Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos) e realizou o seu primeiro Concílio Geral elegendo seu primeiro Bispo, J. W. Tarboux, ex-missionário, surgindo assim a “nova Igreja” em busca de seus próprios caminhos. (SILVA, 2005)

Dando continuação ao movimento iniciado na Inglaterra por João Wesley, no séc. XVIII. A igreja no Brasil tem por missão participar da ação de Deus no seu propósito de salvar o mundo. No art.2º do cap. II dos Cânones da Igreja Metodista aponta sobre a Missão da igreja:

- a) Realizando o Culto de Deus, pregando a sua Palavra, ministrando os Sacramentos, promovendo a fraternidade e a disciplina cristãs e proporcionando a seus membros meios para alcançarem uma experiência cristã progressiva, visando ao desempenho de seu testemunho e serviço no mundo; b) Prestando serviços de mensagens, sermões, palestras, orações, por todos os meios de comunicação disponíveis e atendimento pastoral; c) Ministrando Educação Cristã, Teológica e Secular, em todos os graus e níveis e prestando serviços de ação comunitária, filantrópica e beneficente, por intermédio de suas regiões eclesiais e missionárias, de suas

igrejas, instituições e órgãos especializados por ela organizados, instituídos ou mantidos. (CÂNONES, 2012, p.167-168)

A doutrina da Igreja citada no artigo 3º do cap. III dos Cânones (2012, p.169) adota os princípios de fé do Metodismo Universal, os quais estão fundamentados nas Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento, onde contém tudo quanto é necessário para a salvação e são suficientes regras de fé e prática para os cristãos.

A Igreja tem como área de ação todo o território brasileiro e os campos missionários internacionais que se estabelecem no exterior, por decisão do Concílio Geral. O território ocupado pela igreja Metodista se divide em oito regiões que por sua vez são subdivididos em distritos e igrejas locais estabelecidos pelos Concílios Regionais, conforme descrito abaixo:

- 1) Primeira Região - Rio de Janeiro.
- 2) Segunda Região - Rio Grande do Sul.
- 3) Terceira Região - Estado de São Paulo - Capital, ABCDMR, Litoral, Vale do Paraíba e Região de Sorocaba.
- 4) Quarta Região - Minas Gerais e Espírito Santo.
- 5) Quinta Região - Interior de São Paulo, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Triângulo Mineiro, Sul e Brasília.
- 6) Sexta Região - Paraná e Santa Catarina.
- 7) Região Missionária do Nordeste (REMNE) - Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Rio Grande do Norte.
- 8) Região Missionária da Amazônia (REMA) - Acre, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima.

Cada região eclesiástica tem seu bispo/episcopisa e sua estrutura organizacional regional com o intuito de organizar as atividades de cada região em específico, as instituições regionais e cuidar de seu corpo clérigo.

3.1.3 Membros da Igreja Metodista

Os membros da Igreja Metodista são as pessoas que preenchem os requisitos canônicos e são recebidas de acordo com o ritual da igreja à sua comunhão, tendo os nomes arrolados numa igreja local. O artigo 11º da subseção II, do cap. II dos Cânones (2012, p.179) cita os direitos do membro leigo da Igreja Metodista, que podem ser resumidos da seguinte maneira: Participação do sacramento da Ceia do Senhor; Solicitar o sacramento do batismo infantil para seus/suas filhos/as; Receber a bênção sobre seu casamento; Participar de cursos de formação cristã, segundo orientação da Igreja Metodista; Votar e ser votado/a para ocupar cargos eletivos na Igreja Metodista; Receber assistência pastoral; Transferir-se para outra igreja local; Apresentar queixa, nos casos e na forma previstos nos Cânones e apelar para instância superior, em grau de recurso.

3.1.4 Pastores da Igreja Metodista

3.1.4.1- Formação Pastoral

O ministério pastoral é a categoria eclesiástica clériga na qual a igreja Metodista, com autoridade e a direção do Espírito Santo, acolhe, em nome de Deus, sem distinção do sexo, os membros que reconhecem que são vocacionados para o Santo Ministério da Palavra e dos Sacramentos e outro ministério por eles reconhecidos, consagrando para o desempenho da missão. O padrão mínimo de formação para o ingresso no ministério pastoral é o curso teológico com duração de quatro anos, oferecido pelas instituições teológicas metodistas. Nos artigos 37º e 38º da subseção I, seção III do cap. III referente aos Membros Clérigos os Cânones apontam para o processo de formação para o Ministério pastoral.

De acordo com o Cânones (2012, p.206-208) nesse processo de admissão se faz necessário que o candidato/a tenha cinco anos ininterruptos como membro de efetiva participação na Igreja Metodista. Que cumpra o programa de formação pastoral e o período probatório de, no mínimo, 2 (dois) anos e, no

máximo, 5 (cinco) anos, a se iniciar após a conclusão do programa de formação pastoral. Nesse período o candidato/a fica na condição de aspirante ao pastorado e continua na condição de membro leigo e não tendo os mesmos direitos do Pastor/a consagrado/a, embora possa ter o título de pastor e exercer as funções pastorais. Ainda nesse período o/a aspirante deverá estar vinculado/a ao sistema oficial de previdência do País, considerando que ele/a assume votos de religioso/a e terá subsídio específico estabelecido pelo Concílio Regional ou órgão que o substitua.

Durante este tempo o/a Aspirante ao Ministério Pastoral, no exercício de sua nomeação, é acompanhado, avaliado, admoestado pelo/a Bispo/a, Superintendente Distrital, Supervisor e Comissão Ministerial Regional. Após a conclusão do período probatório o/a candidato deverá prestar o exame da ordem e apresentar o certificado comprobatório do término do período probatório, expedido pelo Bispo/a- Presidente, atestando sua realização e seu aproveitamento, com o qual estará habilitado a pleitear o ingresso no Ministério Pastoral. Ao passar por este processo o candidato/a poderá assumir os votos do Ministério Pastoral e ser consagrado/a de acordo com o Ritual da Igreja Metodista. Todavia, há de se ressaltar que a admissão de candidato/a ao Ministério Pastoral pressupõe a existência de vaga no quadro regional.

3.1.4.2 – Os Direitos dos Integrantes do Ministério Pastoral

No artigo 39º da subseção III, seção III do cap. III os Cânones (2012, p.211-212) apontam para os direitos dos integrantes do ministério pastoral que consistem em:

Ser nomeado Pastor/a, titular ou coadjutor/a, para uma igreja local, pelo Bispo/a presidente; Ser membro de seu respectivo Concílio Distrital; Ser membro do Concílio Regional de sua respectiva região; Transferir-se para outra Região Eclesiástica, mediante entendimento com os respectivos Bispos/as e Concílios Regionais; Votar e ser votado/a para cargos e funções da Igreja Metodista; Licenciarse, na forma prevista nas Normas de Administração de Pessoal, previstas nestes Cânones, permanecendo na situação de integrante do Ministério Pastoral, sem estar nomeado/a Pastor/a em igreja local; Usufruir da licença maternidade, sendo Pastora; Gozar 30 (trinta) dias de férias anualmente; Aposentar-se, sem ônus para a Igreja Metodista, conforme Normas de Administração de Pessoal Clérigo; Apelar para instância superior em grau de recurso; Desligar-se

voluntariamente do Ministério Pastoral, reintegrando-se às condições plenas de membro leigo; Solicitar reingresso ao Ministério Pastoral, após período de desligamento.

3.1.4.3 - Os Deveres dos Integrantes do Ministério Pastoral

Já no artigo 41º da subseção III, seção III do cap. III os Cânones (2012, p.213) apontam para os deveres pertinentes ao/à integrante do ministério pastoral. Esses deveres consistem em:

Aceitar nomeação episcopal de tempo integral ou parcial; Cumprir as obrigações inerentes à nomeação para o pastorado; Comparecer e participar das reuniões do Concílio Distrital e Concílio Regional; Participar dos trabalhos programados como formação pastoral continuada; Comparecer aos institutos ministeriais e reuniões oficiais; Sujeitar-se à disciplina da Igreja Metodista; Comprovar, periodicamente, que está em dia com as contribuições ao sistema de previdência do País; Cumprir as orientações do Código de Ética do Ministério Pastoral; Contribuir regularmente com dízimos e ofertas.

3.1.4.4- Nomeação dos Pastores para a Igreja Local

Os Cânones (2012, p.243-245) em seu art. 63º da seção VII, cap. II cita que o/a Pastor/a é nomeado/a de tempo integral ou parcial e sem distinção de gênero pelo Bispo/a presidente. No entanto, esta nomeação deve-se levar em conta o Plano Local de Ação Missionária que a igreja local pretenda executar no prazo da nomeação. Sendo assim, este processo de nomeação contido neste artigo não invalida o critério da itinerância e o exercício de outros cargos ou serviços previstos na organização eclesiástica, em especial os privativos dos membros clérigos. Portanto, todas as igrejas locais são supridas de Pastor/a nomeado/a pelo Bispo/a- Presidente. Há de se ressaltar que quando mais de um/a Pastor/a for nomeado/a para uma mesma igreja local, o/a Bispo/a presidente determina qual deles deverá ser o/a Titular, sendo os demais considerados/as Pastores/as Coadjuutores/as, com tarefas a eles/as atribuídas pelo/a Titular. Para as nomeações o Bispo/a presidente também determina o local da residência do casal, quando forem nomeados cônjuges Presbítero e Presbítera para igrejas locais diferentes. Todavia, o processo de nomeação é

regulamentado pelo Concílio Regional em face às características e necessidades regionais, respeitadas as disposições canônicas.

3.1.4.5- Itinerância

Dentro do modelo Metodista de organização a “itinerância” é o deslocamento que o pastor/a realiza juntamente com a sua família quando é nomeado de uma igreja para outra. O Bispo/a- Presidente é quem faz as nomeações de acordo com a necessidade da igreja local atribuindo o regime de trabalho, tempo parcial ou integral ao pastor/a. Nos casos de nomeação de tempo parcial o pastor/a poderá exercer outro cargo ou profissão. Porém, sua nomeação não invalidará o critério da itinerância. Não há um tempo determinado para o cumprimento da nomeação podendo variar de 2 anos a 10 anos, mas há exceções tanto para menos quanto para mais. Dependendo da distancia para onde o pastor/a for nomeado é necessário executar também a mudança de cidade, bairro, casa e escola dos filhos.

3.1.4.6 -Subsídios dos Pastores

Na Bíblia há várias passagens que afirmam que o sacerdote, obreiro, ou seja, aquele que serve no reino de Deus, tem o direito de ser recompensado materialmente pelo cumprimento do exercício ministerial. No Antigo Testamento no livro de Deuteronômio cap. 18 versos de 3-5 o autor deuteronomista destaca o direito dos sacerdotes e levitas:

Será este, pois, o direito devido aos sacerdotes, da parte do povo, dos que oferecerem sacrifício, seja gado ou rebanho: que darão ao sacerdote a espádua, e as queixadas, e o bucho. Dar-lhe-ás as primícias do teu cereal, do teu vinho e do teu azeite e as primícias da tosquia das tuas ovelhas. Porque o SENHOR, teu Deus, o escolheu de entre todas as tuas tribos para ministrar em o nome do SENHOR, ele e seus filhos, todos os dias.

Portanto, o sacerdote e o levita tinham o direito de ficar com uma parte da oferta que o povo oferecia para Deus. Do mesmo modo o apóstolo Paulo vai dizer no Novo Testamento na primeira carta a Timóteo no cap. 5, verso 18:

“digno é obreiro do seu salário”. A partir do ensinamento bíblico a Igreja Metodista estabelece pelo Concílio Regional a regulamentação para o subsídio para o pastor/a. Todavia, há de se ressaltar que este subsídio pode ser complementado a critério da Igreja local. Esta regulamentação se encontra nos Cânones (2012, p.383) no artigo 211, seção I, do cap. IV referente a Administração de Pessoal e afirma que “o subsídio correspondente ao mês de nomeação é pago pela Igreja local ou instituição de onde são transferidos os membros clérigos com ônus. O subsídio é integrado pelo adicional por tempo de serviço, até 6 (seis) quinquênios e dos encargos de família”.

Já no artigo 212, seção I, do cap. IV dos Cânones (2012, p.384) acrescenta que o subsídio dos pastores nomeados com ônus não pode ser inferior ao valor mínimo (R\$ 3.140,00) aprovado anualmente pelo Concílio Regional (Apêndice). Este artigo também regulamenta o seguinte:

Adicional por encargo de família de 25% (vinte e cinco por cento) da base regional para o cônjuge e 10% (dez por cento) por filho/a menor de 18 (dezoito) anos ou 21 (vinte e um) anos, enquanto este for dependente e estudante; Adicional por tempo de serviço de 10% (dez por cento) da base regional para cada quinquênio de trabalho, a contar da data da primeira nomeação com tempo integral subsidiada, até o limite de 60% (sessenta por cento) da base regional, descontadas as interrupções e licenças.

Outros pontos que complementam o artigo 212 destacados nos Cânones (2012, p.384-385) são:

- 1) O adicional por encargo de família é mantido, independentemente de idade, para os filhos/as definitivamente incapazes para o trabalho e que vivam sob a dependência financeira do membro clérigo;
- 2) Quando ambos os cônjuges forem clérigos, somente um deles tem direito ao encargo de família e ao percentual por filho dependente;
- 3) Aos membros clérigos nomeados com ônus é assegurada a remuneração de 1/3 (um terço) a mais do subsídio referente às férias;
- 4) É permitido à Igreja local negociar com o membro clérigo acima da base regional;
- 5) É permitido à igreja local negociar com o membro clérigo uma cota de custo, adequada à realidade da igreja local, respeitados os limites mínimo de

- 50 % (cinquenta por cento) e máxima de 100 % (cem por cento) referente aos custos de água, luz, telefone, seguro de vida e plano de saúde;
- 6) Aos pastores nomeados com ônus (salário) é assegurada a formação de um pecúlio por tempo de serviço, regulamentado pelo Concílio Geral e calculado na base de 8% (oito por cento) da remuneração mensal;
 - 7) O disposto no § 6º deste artigo não se aplica aos membros clérigos nomeados sem ônus e aos que prestam serviços a instituições e similares;
 - 8) Em caso de separação judicial o cônjuge clérigo/a deixa de receber os 25% (vinte e cinco por cento) de encargo família, referido no inciso I deste artigo.

E para finalizar esta parte do subsídio pastoral o artigo 213, seção I, do cap. IV dos Cânones (2012, p.385-386) aponta também para o pastor/a, nomeado com ônus o direito à moradia em casa pastoral e reembolso de despesa com combustível usado no exercício da função. Neste mesmo quesito ressalta também que:

Quando não houver casa pastoral, a Igreja local, Região, Instituição ou órgão para o qual foi nomeado o membro clérigo com ônus assume o aluguel, dentro de suas possibilidades. Quando houver casa pastoral e o membro clérigo quiser residir em outra casa, a Igreja local, Região, Instituição assume parte do aluguel limitado ao valor da locação da casa pastoral. (CÂNONES, 2012, p.385-386)

Quanto a obrigação com a Previdência Social a Igreja Metodista ressalta no artigo 227, seção III do cap. II que todos os pastores em atividade são contribuintes obrigatórios, em equiparação ao regime do trabalhador autônomo ou outro que a lei vier a determinar. Ou seja, “os membros clérigos são regidos em suas relações com a previdência social oficial pela legislação federal. E a contribuição destinada ao órgão de previdência social oficial é de responsabilidade pessoal do pastor/a” (CÂNONES, 2012, p.394-395).

3.2 Família Pastoral Vocacionada

3.2.1 Vocação Pastoral – Chamado Pessoal e Divino

“Não me escolhesteis vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça (...).” João 15.16

Segundo César (1997), na literatura neotestamentária, a palavra vocação é uma palavra de origem grega do verbo “*kaleo*” – eu chamo, nomeio, convoco, o substantivo “*klêsis*” – vocação, chamado, convite e o adjetivo “*kletós*” - chamado, convocado. Esse termo quase sempre é empregado com sentido de vocação procedente da parte de Deus.

Assim, a vocação é um chamado divino dirigido ao homem. Todo ser humano é, de alguma forma, vocacionado. Os eleitos são especialmente chamados para receber a salvação que é oferecida em Cristo Jesus, para agregar-se à igreja de Deus e para colocar-se inteiramente à sua disposição, servindo-o em algum tipo de missão que Ele determinará. Na vocação. Deus deseja promover a sua glória, proclamar seu plano salvador, executar seus propósitos no governo sobre as criaturas e suas ações, bem como cumprir as promessas que fez ao seu povo. O homem é convocado para ser um instrumento dessa proclamação, desse governo e dessa providência. (CÉSAR, 1997, p.22)

César (1997) comenta que, vocação não significa exatamente o mesmo que talento e dom, embora na Bíblia pareça haver alguma semelhança nessas palavras.

Em termos gerais, vocação é o chamado divino propriamente dito. O talento é aptidão ou capacidade existente na própria natureza do indivíduo como um conjunto de habilidades concedidas pelo Senhor no ato da criação, independente da fé. Já o dom é a suprema dádiva de Deus aos homens e a concessão de capacidades especiais para o desempenho do serviço divino. (CÉSAR, 1997, p. 22)

Se a vocação é um chamado divino pode-se entender que todos são vocacionados se levarmos em consideração o versículo bíblico onde Jesus chama o povo para ir e pregar o evangelho a toda à criatura. César (1997) afirma que todo ser humano remido em Cristo é vocacionado. Ou seja, a vocação para servir é elemento intrínseco ao homem, faz parte de sua personalidade, é plano de Deus para aqueles que creem em Jesus. Martim Lutero, o grande reformador, acreditava na vocação universal como um conceito mais amplo quanto possível. E ele dizia: “todo o crente tem uma

vocação na vida porque tem uma posição e, nesta posição, ele encontra sempre oportunidade de servir.” (CÉSAR, 1997, p.17-18)

Viktor Frankl (1992) psiquiatra e professor e neurologia, também aponta o sentido da vocação, mas usando o termo de busca do sentido da vida. Ele vai dizer que a existência por si só é algo essencialmente espiritual, portanto, não tem como fugir desse ser último a qual o nosso ser clama por essa direção, a vocação. Sendo assim, todo o ser humano possui uma natureza espiritual que lhe é inata e transcendente.

Quando me coloco em disponibilidade para servir a uma causa, é a causa que tenho em vista e não a mim mesmo e quando amo uma pessoa perco-me de vista a mim mesmo. Somente conseguirei ser totalmente pessoa humana e realizar-me na medida em que me transcendo em função de algo ou de alguém existente no mundo (FRANKL, 1990, p. 15).

A Bíblia no livro de Gênesis vai dizer que o homem não pode encontrar sua plenitude a não ser na entrega sincera de si mesmo. O apóstolo Paulo nas cartas aos Coríntios declara que de boa vontade deixará se gastar em prol do amor ao povo. Portanto, a vocação pastoral pode ser a busca de sentido ainda que penosa e sofrida para alguns pastores que encaram como uma missão de ensinar, orientar e conduzir o povo a uma caminhada de fé com o eterno Deus. Ao se falar de pastores e pastoras não se pode deixar de falar do seu chamado que antecede o seu mistério pastoral.

Segundo Leite (2005, p.15) “o chamado pastoral surge de vários fatores (motivos) que precisam ser suficientemente, claros, sólidos e conscientes para manter acesa a chama da vocação e conduzir continuamente o ministério pastoral”. O autor alerta que o chamado, embora seja muito importante para o ministério pastoral, não é suficiente para alimentar e retroalimentar a vocação pastoral. Alguns personagens da Bíblia que receberam o chamado de Deus foram fiéis e outros não, como o rei Saul (I Samuel 13.8-14), o profeta Jonas (Jonas 1.1-3) e o sumo sacerdote Eli (I Samuel 2:27-36). Desta forma há várias situações e fatores que dificultam a realização plena da vocação. Alguns desses fatores foram apontados por Leite (2005, p.17) como: falta de caráter e

piedade, temperamento explosivo, falta de responsabilidade, ausência de estudo adequado, carência de metodologia e disciplina pastoral, falta de organização, perseverança e outros.

Leite (2005) buscando verificar, dentro do contexto metodista brasileiro, os motivos iniciais do chamado vocacional para o ministério pastoral entrevista, entre os anos 1997 a 2003, alunos e alunas da faculdade de Teologia da Igreja Metodista em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo (SP). Ao analisar as respostas constatou que o que mais influenciou na decisão para a vocação ministerial foram: “vivência na igreja local, consciência progressiva da vocação, convicção do chamado divino, desejo de servir a Deus e ao próximo, momentos de crise, influência pastoral, experiência pessoal com Cristo” (LEITE, 2005, p.18).

César (1997) elenca seis pilares importantes e necessários na vocação pastoral: o primeiro pilar é a conversão, que traz transformação, pois não há possibilidade de pregar o evangelho desconhecendo a pessoa e obra de Cristo; o segundo pilar é a convicção, é necessário que esteja convicto da vocação, ter certeza do que está fazendo, entender o estilo do trabalho que o Senhor determinou e executar somente as tarefas que foram delegadas; o terceiro pilar é a obediência, o chamado é compreendido como divino e, portanto, deve ser obedecido, não há espaço para dúvida; e o último pilar é a santidade de vida, a vocação exige santidade, separação do mundo, comunhão com Deus e dar exemplo de vida. Se não viver o que prega, não tem nenhum proveito na pregação.

De acordo com George (1998) há quatro requisitos para confirmar o chamado pastoral: primeiro se dá com a confirmação do chamado por outras pessoas e por Deus; segundo habilidades necessárias para o serviço de liderança; terceiro desejo ardente de servir o mistério; e quarto e último ter um estilo de vida pautado na integridade moral.

Para Leite (2005) a vocação para o ministério se resume do vínculo com o Reino de Deus e com sua expressão na vida em sociedade.

A sustentação vocacional depende de intimidade com Deus, com a Palavra, com os meios de graça. Depende da presença e da ação do Espírito Santo; comunhão, relacionamento e convivência com a Igreja e com os colegas pastores; relacionamento com outras comunidades cristãs. Adicione-se ainda a convivência e o envolvimento com as pessoas, família e sociedade. Não é um fechar-se em torno de si mesmo, mas um abrir-se para Deus e para a realidade da situação do ser humano na sociedade. (LEITE, 2005, p.21)

Alves (2011) acrescenta que para compreender a vocação é necessário que haja conhecimento de si mesmo, descobrindo suas potencialidades e fragilidades, para enfrentar os tempos de adversidades sem esmorecer e desistir do chamado. Ele diz ainda: “a vocação é a nossa formação, o que somos, o que poderemos ser e até onde podemos chegar, é o conteúdo do nosso ser. Tudo que fazemos inclui a nossa vocação.” (ALVES, 2011 p.112-113)

Segundo a Bíblia, Deus chama e capacita os seus escolhidos para um propósito, para uma missão importante e dura. Portanto, Ele não escolhe pela aparência, condição social e capacidade intelectual. Pode-se verificar como foi o chamado de Davi para ser rei de Israel. Estava o profeta Samuel, enviado por Deus, na casa de Jessé para consagrar o sucessor do rei Saul quando o Senhor disse a ele: *“Não atentes para a sua aparência, nem para sua altura, pois eu o rejeitei. O Senhor não vê como vê o homem. O homem olha o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha o coração.”* (I Samuel 16.7)

A partir deste ponto podemos fazer a seguinte indagação: Qual a diferença do pastor vocacionado e um membro da igreja vocacionado? O apóstolo Paulo na sua carta aos Efésios capítulo 4 versos 8, 11 e 12 afirma: “Por isso diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e deu dons aos homens. E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”. No verso 11 são mencionados cinco ordens de ministérios que explica alguns dons dados por Deus aos homens. Chaplin (s.d), interpreta esses versos dizendo que Deus através do Espírito Santo conferiu dons aos homens conforme o serviço a ser desempenhado na igreja, ou seja, conforme o seu chamado. O pastor receberá

o dom para desenvolver seu pastorado, o evangelista receberá outro dom, o mestre outro e a sim por diante. O objetivo da distribuição dos dons na igreja é que ela possa crescer espiritualmente a fim de atingir a plenitude de Cristo. Portanto a diferença entre o pastor vocacionado e o membro vocacionado está intimamente relacionado ao dom, a missão que cada um recebe de Deus.

Até aqui foi analisado a vocação para o ministério pastoral como sendo algo divino e pessoal. Ou seja, Deus chama e capacita o homem para o exercício do seu ministério. O homem por sua vez, não só deve ter consciência do seu chamado, mas deve buscar o seu desenvolvimento em todas as instancias (física, psíquica, social, moral e espiritual), principalmente deve buscar o autoconhecimento para tornar conhecidas suas habilidades e fraquezas que precisam ser trabalhadas. É um trabalho em conjunto entre Deus e o homem na vocação ministerial. Retomando a história do personagem bíblico Davi, antes mesmo dele assumir o seu chamado, ser rei de Israel e governar uma nação, precisou conhecer a si mesmo no campo junto com as ovelhas. Aprimorou suas habilidades e identificou suas fraquezas.

Na prática o autoconhecimento se dá quando o aspirante ao pastorado vai percebendo a sua vocação ao ministério. Podemos afirmar que esta percepção parte de si, intrinsecamente, e também parte de fora, extrinsecamente, ou seja, a comunidade vai sinalizando (reconhecendo) tal vocação/ministério. Todavia, com o desenrolar do tempo este chamado ao ministério vai se intensificando através do desejo de conduzir, ensinar e cuidar de pessoas.

Se a vocação é algo pessoal e divino, como fica a família do pastor? A família pastoral é ou não vocacionada também? E se forem vocacionados, como fazer a família entender que eles são vocacionados também?

3.2.2 Pastor no Cuidado com a Sua Família

Gaby, 2007 conta a estória que certa vez uma mulher pobre, com uma criança no colo, ao passar diante de uma caverna escutou uma voz misteriosa, que lá de dentro dizia: “Entre e apanhe tudo que você desejar, mas não esqueça o

principal. Lembre-se, porém, de uma coisa: depois que você sair, a porta se fechará para sempre! Portanto, aproveite a oportunidade, mas não esqueça o principal”. A mulher entrou na caverna e lá encontrou muitas riquezas. Fascinada pelo ouro e pelas joias, pôs a criança no chão e começou a juntar ansiosamente tudo que podia em seu avental. A voz misteriosa, então, falou novamente: “Você só tem oito minutos”. Esgotado o tempo, a mulher, carregada de ouro e de pedras preciosas, correu para fora da caverna, e a porta se fechou. Lembrou-se ela, então, de que a criança ficara lá dentro e que a porta estava fechada para sempre!

Provavelmente a riqueza durou pouco, mas o desespero de ter perdido o seu filho durou por toda vida. O mesmo pode estar acontecendo com muitos pastores/as que ganharam o mundo inteiro, mas perderam a sua família por falta de atenção, cuidados e carinho. Os pastores/as devem sempre ouvir a voz que os adverte: “Não esqueça o principal!” O principal é a família, pois antes mesmo que o homem progredisse no mundo Deus lhe fez uma mulher para ser sua esposa, companheira para estar diante dele. Portanto, a família vem em primeiro lugar na vida de um sacerdote, ministro e pastor. Ela precisa de cuidados, investimento e proteção. Gaby (2007) acrescenta: “família não se terceiriza, se investe”. Ou seja, não devemos transferir aos outros a responsabilidade de cuidar da nossa família, mas devemos investir e gastar o nosso tempo na manutenção e edificação dela.

O apóstolo Paulo nas cartas de I Timóteo afirmou: *“Mas, se alguém não cuida dos seus, e principalmente dos de sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel”* (1Timóteo 5.8). Ao refletir sobre esta passagem bíblica em que o apóstolo Paulo escreve ao seu companheiro de missão Timóteo, pode-se entender que ele assevera que aquele que não cuida, não zela pela sua família nega a sua lealdade a Deus, se tornando pior do que uma pessoa que não confia e nem crê na existência de Deus.

Gonçalves (2010) declara que existem muitas famílias de pastores que estão doentes precisando de cura. De acordo com o autor há muitos pastores cometendo erros, tais como: não honrar a esposa em público; não investir no crescimento da esposa, deixando-a apenas à sua sombra como uma

empregada de luxo; não dar o que toda mulher deseja - afetuosidade; não honrar sua parentela; não reconhecer as carências do cônjuge; não ser fiel e amigo dela. De acordo com o autor é possível que muitos desses pastores não tenham consciência do seu erro ou não querem ter, pois acham que são especiais por serem chamados por Deus, e sendo assim podem colocar o ministério pastoral acima da sua família.

Segundo Gonçalves (2010), o agravante é que este quadro tem aumentado e tais pastores/as têm vivido uma vida de fachada, mentiras, hipocrisia, para mostrar um casamento equilibrado que não existe, só para não perder o seu “ganha pão” que vem do ministério.

As falhas dos pastores com suas famílias também podem estar relacionadas com a falta de limite e discernimento no exercício de seu ministério. Há pastores que não sabem separar tempo para a igreja e tempo para a família. Não sabem separar momento de lazer e momento de trabalho, não tem discernimento para escolher o que é prioridade. Esta falta de limite, falta de controle que ocorre no exercício do ministério não se dá apenas pela demanda exaustiva da igreja, nem por ser missão divina, mas pela vaidade e pela auto-realização pessoal do pastor/a. Há pastores que ficam tão obstinados pela busca pessoal de aumentar o número de membros da igreja que acabam perdendo o controle e o equilíbrio da família. Esse obstinado descontrole em busca do quantitativo faz com a família pastoral fique à mercê de viver o desejo e realização pessoal do pastor.

Se os pastores/as dessem as suas vidas em sacrifícios por suas esposas/maridos como Cristo deu a Sua vida para sua noiva, a igreja, muitos dos problemas das famílias pastorais desapareceriam. Pode-se dizer que família pastoral é uma família que vive uma constante ameaça da invasão de sua intimidade. E que paralelamente se vê também na condição de ter que abrir mão de sua vida privada em dedicação integral à igreja. Portanto, a família pastoral necessita de apoio psicológico e suporte espiritual no exercício do pastoreio. Rainey (2000) cita algumas maneiras para o pastor amar e liderar sua esposa e sua família: fazer um pacto matrimonial, colocando o casamento

e a família como prioridade; orar diariamente juntos com a esposa e filhos para superarem os desafios; abraçar o sofrimento junto, ou seja, o casal juntos enfrentar e vencer as aflições do ministério, casamento e família; manter o romance vivo dentro do casamento como: carícia, beijos, abraços, elogios e ato conjugal; edificar o casamento com boas palavras, isto é, palavra de elogios, incentivo e respeito; conhecer as necessidades do cônjuge, identificar e resolver os conflitos entre o casal; reservar um tempo para curtir os filhos; proteger a sua família, ou seja, estar atento na dinâmica, nas conversas e nas amizades dos filhos; ser pastor íntegro, isto é, viver aquilo que se prega; envolver os filhos na missão para que eles possam ter uma experiência evangelística e que possam assumir uma responsabilidade com Deus e com o ministério; e ser fiel a Deus e a família, ou seja, manter leal aos princípios bíblicos e aos pacto matrimonial.

Além dessas maneiras de amar e liderar sua esposa e sua família há algumas atitudes simples que o pastor/a podem estar promovendo para um lar saudável e feliz, tais como: 1- Passear com a esposa e filhos em lugares que eles gostem; 2- Controlar a agenda na igreja de tal forma que reserve tempo para estar com a família toda à semana. 3- Promover momentos de diálogo com a esposa e filhos e permitir que eles falem de seus problemas, ansiedades, preocupações, planos, projetos e experiências; 4- Ser amoroso e compreensivo em casa da mesma forma que é na igreja. 5- Demonstrar o seu amor através de atitudes; 6- Tirar férias da igreja todo ano para passear com a família; 7- Não ser um ativista, porque gera exaustão e negligência no cuidado com a família; 8- Namorar seu esposa/ marido; 9- Ser amigo de seus filhos, para que eles sintam confiança em quaisquer situação; 11- Demonstrar que o pastorado deva ser um motivo de alegria e suavidade e não peso e sofrimento; 12- Ser feliz e desfrutar dessa felicidade em família.

Enfim, há muitas sugestões, informações de como ser um pastor/a e fazer uma família pastoral feliz e realizada. Estas sugestões também não são diferentes para casais e famílias de modo geral. O que difere é na constante vigilância do cumprimento das sugestões em detrimento da demanda exaustiva que as famílias pastorais vivem. O pastor não bate cartão de ponto, ou seja, seu

tralhado não começa numa determinada hora e conclui num determinado tempo, ele fica disponível para igreja 24 horas do seu dia e todos os dias da semana. Seu compromisso não se restringe somente as programações semanais da igreja, mas precisa também dar assistência em todos os eventos e situações que acontecem fora do âmbito da igreja, como por exemplo: nascimento, aniversário, casamento, velório, enterro e visitas domiciliar e hospitalar. Enfim, a demanda é muito grande e concorre junto com a demanda da família que aparentemente demonstra ser menor.

Mas antes de tudo, como ressaltou Leite (2005, p.46) “o pastor (a) deve com muita humildade, à luz da realidade e das necessidades pessoais e familiares fazer uma avaliação, reconhecer suas carências e falhas, na busca de caminhos alternativos para a melhoria do relacionamento familiar”

Para terminar este tópico Paulo escreve para seu amigo e discípulo Timóteo nas cartas de Timóteo 3:1-5 os seguintes versos:

Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avaro; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito, pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus? (BÍBLIA, 1995)

Se alguém almeja o episcopado fez uma excelente escolha, porém, são necessários alguns pré- requisitos para ser habilitado e vocacionado por Deus. Portanto, não basta só querer, tem que ser convocado por Deus e acima de tudo ter o discernimento e sabedoria para poder não se perder nos encantos e desencantos do ministério. Pois o pastorado pode ser comparado como a uma faca de dois gumes que corta para frente e para trás. Isto é, o mistério pode ser aos olhos do pastor/a nocivo, destrutivo como também uma autopromoção ou uma auto-realização. E a família pastoral em ambos os casos irá sofrer. Todavia, o pastor não sofrerá no seu ministério e nem a sua família se ele não perder o foco em sua família e em Deus. Caso contrário o pastor que olha mais para si e para igreja e que coloca a família em planos inferiores, a probabilidade dele se perder na missão pastoral é muito grande.

3.2.3 Família de Pastor ou Família de Pastores?

Há uma grande divergência de pensamentos entre os teóricos a respeito da família pastoral ser ou não vocacionada. De um lado há um grupo de teóricos que defendem a tese de que o chamado é do pastor (a) e não da sua esposa e filhos, porém há outro grupo que se baseia no texto bíblico que diz: “*Porventura andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?*” (Amós 3.3). E afirmam que a família é vocacionada tanto quanto o pastor (a).

Para Gaby (2007) a esposa do pastor não tem o chamado para servir a igreja. Ela e os filhos não são a extensão do ministério do marido. Afirma que a esposa foi chamada para ser uma companheira do marido e não da igreja. Ele cita que em qualquer outra profissão como de médico, comerciante, professor, piloto e militar a família é mantida a distância sem qualquer envolvimento. E lembra que, quando o pastor é convidado para assumir uma igreja o salário é definido em cima do trabalho prestado por ele e não por toda a família pastoral. Com isso, a igreja pode exigir do pastor o desempenho do seu trabalho e não da atuação da esposa como vem ocorrendo em muitas igrejas.

Contudo, o autor reconhece que há esposas de pastores que possuem o chamado e são vocacionadas por Deus para prestar um grande auxílio ao ministério pastoral; e reconhece também que se a esposa e os filhos puderem ajudar o ministério ficará mais completo. Do contrário, todas as demais esposas são membros como qualquer outro da igreja que precisam ser pastoreadas e acolhidas também. Portanto, ele defende a ideia que a ajuda da família pastoral ao ministério é uma condição e não uma “obrigação”.

Ramos (s.d.) aponta duras críticas as igrejas que cobram da família pastoral (cônjuges e filhos) o mesmo desempenho que o pastor /a. Elas cobram que os cônjuges e os filhos sejam líderes de ministérios e que exerçam outras funções como tocar na igreja, fazer visitas e ministrar pregações. Para ele, a comunidade de fé tem que compreender que a família pastoral não é co-pastor e que precisa ser cuidada como qualquer outra família. Ou seja, ele deixa claro que o chamado é do pastor e não da família pastoral.

Segundo Quaresma (2013) este assunto deve ser tratado de forma mais sutil. Pois antes de qualquer tarefa a ser desempenhada pela esposa do pastor a igreja precisa compreender que ela é uma serva do Senhor, tendo ou não um chamado ministerial. Por isso, ela deve se posicionar e orientar as demais esposas de pastores, que não se sentem pastoras ou que não conseguem corresponder às expectativas da igreja, quais são suas intenções diante da comunidade, esclarecendo assim de que maneira servirá ao Reino. Com isso, espera-se que a igreja fique feliz e acolha com sabedoria a família pastoral, ajudando-a a crescer na comunidade. Todavia a família pastoral (cônjuges e filhos) poderá continuar exercendo suas profissões desde que alcancem a honra do Senhor e depois da igreja.

Como esposa de pastor, Quaresma (2013) dá o seguinte relato:

Ser esposa de pastor, sempre foi um grande desafio, em especial pelas expectativas geradas pelas igrejas, mas, ao mesmo tempo, é uma honra caminhar, chorar, sorrir, dormir e acordar ao lado de alguém que foi separado por Deus para ser Seu ministro aqui na terra. Alguém que um dia achou uma mulher que o escolheu e ele a escolheu para estarem juntos, até que a morte os separe. *A casa e os bens vêm como herança dos pais, mas do SENHOR, a esposa prudente.* (Pv 18.22). Quem caminha sozinho pode até chegar, mas quem caminha acompanhado chega melhor e mais rápido. Portanto, é honroso ser esposa de pastor; porém, é impossível exercer esta função sem ter um compromisso sério com Deus, que a fortalece todos os dias e a conforta nas horas de tribulações. É um privilégio acompanhado de responsabilidade para com o Reino e o mundo, pois todo bônus tem seu ônus. Louvado seja Deus que viu em nós, esposas de pastores, capacidade também de cuidar de um rebanho, seja ele pequeno ou grande, mas aquele que o Senhor confiou juntamente com seu marido. (Quaresma, 2013)

Outro ponto de vista também é destacado por Vieira (2009). Para o autor há duas situações diferentes neste caso. A primeira é que a esposa de pastor tem também o chamado para o ministério, capacita-se investindo em cursos, estudos e com sua ajuda contribui muito para o ministério do esposo. O segundo, a esposa não se sente chamada para o ministério, mas aceita o desafio diante de Deus de fazer parceria conjugal, ou seja, fica como staff e suporte no cuidado do esposo vocacionado, mesmo que não venha desempenhar nenhuma atividade dentro da igreja. Ela se dispõe ao serviço de cuidar do marido e filhos enquanto o esposo vocacionado cuida do rebanho

(igreja). Segundo a autora o problema está quando a mulher aceita ou faz que aceita, mas não se compromete pessoalmente com Deus e dentro dela nasce o sentimento de obrigação, de peso, de fardo, de tristeza, de angustia, de medo e de revolta. Estes sentimentos poderão fazer mal para si, para o esposo e para o ministério, podendo levar a separação do casal ou a desistência do marido do chamado.

Bonhoeffer (apud FIGUEIRA, acesso 01/07/14) escreve uma carta para uma sobrinha que iria se casar. Suas palavras são:

O casamento é maior que o amor que vocês têm um pelo outro. Ele tem em si grande dignidade e força por ser a ordenança santa através da qual Deus planejou a perpetuação da raça humana, até os fins dos tempos. No amor que os une, vocês veem apenas a si mesmos no mundo, mas ao se casarem tornam-se um elo na cadeia das gerações que Deus faz aparecer e partir para a Sua glória, chamando-as para o seu Reino... Seu amor é propriedade particular, mas o casamento não pertence apenas a vocês; é um símbolo social, uma função de responsabilidade.

Neste texto o autor tira o casamento do âmbito humano e pessoal e o coloca na dimensão divina e social em que o casal não tem somente um compromisso, responsabilidade entre ambos, mas principalmente com Deus e com a sociedade. Segundo Bruscagin (2008), o casamento é um relacionamento sagrado, pois foi a primeira instituição criada por Deus, cujo objetivo era promover o amor, fazer companhia para o outro, enfrentar e resolver os desafios juntos, estabelecer famílias, perpetuar a espécie humana, satisfazer sexualmente e promover a ordem social. Todavia, o compromisso do casal com Deus é promover e viver esta instituição afetiva criada por Ele. Com a sociedade o compromisso é de divulgar o amor e a ordem social. Um aspecto importante que podemos ressaltar é o amor de Deus sendo transmitido para o homem, do homem para sua família e da sua família para a sociedade.

O apóstolo Paulo em Efésios 5:31 declara: *“Deixará o homem a seu pai e sua mãe e a sua mãe, e se unirá a sua mulher, e serão os dois uma só carne”* (BÍBLIA, 1995). Pode-se entender com esta passagem que a partir da união do casal as coisas da família de origem serão deixadas para traz em prol de uma nova família a ser constituída, terá projetos, sonhos, pensamento, vocação e sentimento comuns. Como ser uma só carne e não almejar e viver o mesmo

chamado? Para o casal o chamado pastoral começa dentro de casa e não fora dela. O chamado continua sendo pessoal porque o casal será uma só pessoa no Senhor e divino porque Deus capacitará (sentimento e pensamento) também o cônjuge para exercer junto esta vocação. Deus jamais chamará um sem englobar o outro na mesma vocação. Quando Deus chama o pastor para trabalhar na obra, não chama apenas o pastor, Ele chama toda a família. Então, a esposa passa a ser vocacionada por Deus para exercer junto com o marido o chamado.

Entendemos que o pastor/a deve estar em harmonia tanto no casamento como no mistério. Por isso, antes de dar prosseguimento com a família pastoral vocacionada é necessário pensar na escolha do parceiro que, por sua vez, terá que estar disposto a viver um casamento em todas as áreas de um relacionamento.

É de vital importância, conforme cita Figueira (s.d.), que aquele que se sente chamado para o ministério cristão – pastor/a, evangelista, missionário/a – seja extremamente cuidadoso em escolher o cônjuge, caso contrário terá muita dificuldade em exercer plenamente o seu chamado pela incompatibilidade de pensamentos e desejos, podendo gerar crises no casamento e no mistério.

Mello (2007) acrescenta ainda mais um detalhe sobre a questão, quando o/a cônjuge não corresponde ao chamado do/a pastor/a. Para o autor haverá dificuldade na relação dentro do ministério pastoral se o cônjuge não se sentir parte integrante deste serviço, onde mais cedo ou mais tarde o mistério sucumbirá. A cumplicidade do cônjuge ao mistério é uma forma de demonstrar o seu amor, cuidado e respeito, reconhecendo e aprovando o chamado do seu companheiro/a. Portanto, o candidato ao pastorado ou o pastor/a que maneja bem a Palavra de Deus e se esforça para apresentar-se aprovado diante do Senhor, precisa ser sábio na escolha de seu cônjuge. Pois ele deverá estar ciente que ao longo do caminho ministerial se exigirá do seu cônjuge a mesma disposição e responsabilidade para enfrentar as grandes batalhas e lutas ministeriais.

Rainey (2000) aponta que a família pastoral deve abraçar o sofrimento junto. Ele acredita que os problemas enfrentados tanto no ministério pastoral quanto na família são de ordem espiritual e que Deus capacita a família para resolver juntos os problemas, e assim fugir da desintegração familiar. O mesmo vale para os problemas de ordem ministerial. É importante que o casal compartilhe os vales de ossos secos, ou seja, os problemas da igreja em conjunto para não sucumbirem. Ele se baseia na passagem bíblica de Gálatas 6.2 que diz assim: *“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”*. O autor acredita que suportando o fardo uns dos outros Deus dará condição para o casal vencer as diversidades e cumprir a missão juntos. A Bíblia diz em Efésios 6.12 que *“a luta não é contra a carne ou sangue, mas contra as forças espirituais do mal”*. O autor explica que o adversário não é o cônjuge, mas sim o diabo que veio roubar, matar e destruir. Por isso o casal deve se aliar para cumprir juntos a missão de combater o inimigo.

Portanto, Rainey (2000) enfatiza que a missão não é somente do casal como também dos filhos. Ele vai dizer que os pais não devem só ensinar e transmitir o conhecimento da Bíblia aos filhos, mas também deve levá-los a uma prática, a uma experiência com Deus, de modo que eles se sintam vocacionados e parte do ministério dos pais. Rainey (2000) deixa um recado aos pais: *“É sua responsabilidade e minha. Você e eu fazemos parte de uma corrida de revezamento de gerações em que temos que fazer um bom passe para a próxima geração”*.

Na cultura judaica também os pais transmitem o ensino religioso aos filhos de uma forma informal e levando-os a praticarem no seu dia a dia. Também se observa que Jesus ensinava seus discípulos de forma informal, espontânea, em todos os momentos e colocando em prática o conhecimento adquirido por eles. Sendo assim, Rainey (2000) conclui o seu pensamento dizendo que o casamento e os filhos são a pedra fundamental do ministério e acrescenta lembrando a passagem bíblica em que Paulo advertiu o amigo Timóteo nas cartas de Timóteo 3:12 que, para encontrar um líder dentro da igreja, seria primeiro necessário verificar como aquela pessoa lidava com a sua própria família. Rainey (2000) termina dizendo:

Os membros de sua família não são um impedimento à realização de tudo o que Deus quer realizar e executar por intermédio de você. Eles são uma dádiva de Deus para você. Eles são as âncoras da realidade. Marido, sua esposa é seu discípulo número um. Pais, seus filhos também são seus discípulos. Deus quer ser glorificado dentro de seu casamento e dentro de sua família.

Santana (2008) também é um dos teóricos que apoia a família pastoral sendo vocacionada para o ministério. Ele acredita que a família do pastor/a são pessoas únicas/escolhidas e que podem contribuir com o mistério participando ativamente, orando e intercedendo. Afirma categoricamente que cônjuges e filhos de pastores/as são um ministério, pois na maioria das vezes eles se veem transformando adversidades em bênção e em vitórias. E conclui que a família do pastor/a é um legado de Deus para a humanidade e que jamais deve ser compreendido como um ministério de sofrimento ou peso, porque jamais Deus daria um fardo aos seus filhos. O próprio Deus pede que levemos nossos fardos Ele porque seu jugo é suave e leve, ou seja, os pastores e suas famílias devem buscar renovo e fortalecimento em Deus para continuar a jornada.

Mello (2007, p.27) afirma que “o cônjuge faz parte do chamado de Deus, porém ele deve desenvolver o dom que Deus lhe deu sem se cobrar por aquilo que não tem aptidão para fazer. E deve entender também que todos os privilégios e os desafios do ministério chegam para ele/a também”. Ou seja, isso tem um preço a ser pago, mas nunca deve ser visto como um peso, um sofrimento. Por isso o cônjuge não deve se anular da vocação de seu marido/esposa, mas antes usar dos seus dons a serviço do Senhor.

Segundo Rainey (2000), os filhos de pastores devem de igual maneira assumir o chamado ministerial para dar continuidade ao mistério. Partindo desse pressuposto, podemos também conjecturar que a partir do momento que os filhos de pastores formam suas famílias atuais eles, caso desejam, se isentam de perpetuar o compromisso de auxiliar o ministério do pai/mãe pastor/a. Porque a partir de então ele passa ser uma só carne com a sua esposa e um novo projeto se constrói com esta união. Numa linguagem simples pode-se dizer que Cristo, sendo o filho de Deus, desejou assumir o chamado e

participar do plano de salvação da humanidade. Para os cristãos Cristo se entregou por amor no lugar dos pecadores para salvá-los da morte eterna. Enfim, Cristo como filho também se rendeu por amor ao mistério de Deus Pai (pregou, ensinou, curou e salvou).

Enfim, quando Deus chama um membro da família Ele vocaciona todos para estarem desempenhando junto o ministério em harmonia e comunhão. Usando a metáfora do futebol, a família pastoral é como se fosse um time de futebol. Onde Deus seria o técnico, o pastor (a) seria o capitão e cada membro da família (marido/esposa e filhos) atuaria numa posição para que em sintonia e sincronia levasse o time à vitória. Quando um membro da família se ausenta de seu mistério há um desfalque no meio de campo. Quando acontece uma infração, e um jogador é expulso todo o time sofre com aquela perda, ficando desfalcado, fraco e sobrecarregado porque ter que fazer a função também daquele que está ausente. Então, pode-se entender que a família pastoral é muito similar com as famílias de levitas e reis, em que os filhos são preparados, treinados e instruídos para assumirem a missão junto com os pais.

3.3 Família Pastoral - entre o Público e o Privado

A intenção neste capítulo é refletir sobre as problemáticas enfrentadas pela família pastoral nos caminhos da missão. Observa-se que a família do pastor/a tem experimentado tempos de sofrimento e exaustão na missão de conduzir, auxiliar e ensinar ao povo uma caminhada de fé e comunhão com Deus. É possível perceber, ainda empiricamente, que muitas famílias de pastores/as têm se revoltado e abandonado o ministério deixando a missão nas mãos do membro que fez a escolha pelo exercício da vida pastoral. No entanto, também é possível perceber o oposto, a família pastoral sendo o alicerce, e por assim dizer, todos os membros assumindo a missão de pastorear. Por isso, ressalta-se o questionamento sobre qual o viés que nos levaria a entender melhor este fenômeno das relações sociais e seus dilemas dentro da família pastoral. A ideia é de se começar analisando o papel do cônjuge, suas expectativas e seus conflitos nessa missão. E por fim, sob a ótica dos filhos de pastores/as as suas expectativas e conflitos.

A família é um projeto de Deus e está presente desde a criação do homem. No primeiro livro da Bíblia, Gênesis, Deus disse que não seria bom que o homem estivesse só, por isso lhe fez uma companheira para estar diante dele. A família começa com a união de duas pessoas que projetam os mesmos sonhos e objetivos. Os filhos posteriormente nascem como fruto desse casamento, ou seja, como um dos projetos dessa união. Os pais também almejam, sonham que os filhos não só perpetuem sua genealogia, cultura, mas que eles também dêem continuidade aos seus sonhos e projetos. É muito comum verificar pais que desejam que seus filhos sigam as mesmas profissões que eles, principalmente quando se obteve êxito profissional, exemplo: o médico deseja que seu filho/a faça medicina, o cantor deseja que seu filho/a grave um CD, o pastor deseja que seu filho/a assuma seu ministério quando jubilar. Enfim, esta é uma forma da família continuar se perpetuando nas gerações seguintes.

A família além de perpetuar a etnia, cultura, tradições e sonhos é também a base de sustentação dos seus membros. Minuchin (1982) acrescenta que a função da família tem dois diferentes objetivos: o interno que é a proteção social de seus membros, e o externo que é a acomodação a uma cultura e a transmissão dessa cultura.

Segundo Santana (2008) a família do pastor/a tem uma importância grandiosa não só para a igreja como também para pastor /a. É através de sua família que o pastor/a renova suas forças ao ver sua esposa e filhos felizes. O ideal que a família seja o suporte do pastor que, a partir de seu olhar/cuidado de dentro (da casa - o particular), ele/a se projeta na missão para olhar/cuidar as famílias dos membros de sua comunidade.

Diferente de outras profissões, em que a família não tem participação efetiva e direta no trabalho de um de seus membros, a profissão de pastor/a por outro lado acaba envolvendo toda família no ministério de pastoral. Observa-se que os filhos e cônjuges de pastores/as se dispõem muitas vezes (ou a maioria das vezes) a uma jornada extensa de trabalho como: fazer visitas aos membros enfermos, participar de todas as programações da igreja, receber visitas de pessoas da igreja em sua casa, assumir um cargo/compromisso dentro da

igreja. Em muitas circunstâncias são envolvidos e absorvidos por cobranças extremas chegando ao ponto de renunciarem a si mesmos para suprirem as expectativas da comunidade de fé, por exemplo, há igrejas que exigem que a esposa de pastor assuma a função no grupo de mulheres e que os filhos também assumam um cargo no grupo de juvenis ou jovens. A igreja chega a exigir muitas vezes que a família pastoral, seja muito mais que uma família de pastor, isto é, que seja uma família de pastores. Ela exige também que a família (esposa e filhos) seja modelo para as outras seguirem. No caso das crianças elas não podem desrespeitar, correr e nem gritar na igreja. Os jovens não podem ter comportamentos de rebeldia e nem tão pouco usar vestimentas indecentes ou chamativos. Já a esposa por sua vez deve se vestir bem e ser comunicativa e acolhedora. Além da postura, do comportamento, do vestuário a igreja cobra que todos os membros da família pastoral desempenhem uma tarefa para o bom andamento da comunidade de fé.

Observamos que a cobrança excessiva em cima do pastor/a e de sua família tem gerado no interior das igrejas uma família perturbada e sobrecarregada. Sobtensão, exaustão, insatisfação e caminhos mal resolvidos, o pastor/a se transforma no principal alçôz de sua família. A missão/vocação deixa de ser um prazer para ser uma obrigação, um fardo a ser carregado. Como exemplo de caso acompanhado podemos citar uma família pastoral que devido ao trabalho exaustivo que vinham fazendo ao longo dos dezesseis anos interruptos, sem férias e descanso, começou adoecer psiquicamente. Primeiro o pastor desenvolveu a depressão e o médico diagnosticou que o estresse era a causa da enfermidade. Logo depois veio a esposa e que também começou a desenvolver a depressão. Mais tarde os filhos ficaram entediados e começaram a reclamar de ter que ir à igreja durante a semana. Porém, não podiam se ausentar dos cultos com seus pais, pois faziam parte do pequeno grupo de músicos que existia. Neste caso a missão passou de prazer a obrigação/sofrimento. Diante desse quadro de enfermidades, a passos muito lentos, a família vem diminuindo suas atividades dentro da igreja e separando um tempo para estarem juntos.

A igreja cria muitas expectativas em cima da família pastoral e vice-versa. Kemp (2006), em seu livro “Pastores em perigo”, afirma que há pastores/as que, no intento de corresponder às expectativas da igreja, tornam-se acrobatas de circo. Ou seja, procuram rodopiar vários pratos ao mesmo tempo, correndo desenfreadamente de um lado para outro num desespero existencial enquanto lutam para manter todos os pratos em pé sobre varas rodopiantes. Segundo Leite (2005), isso acontece porque os pastores/as querem responder a todo custo e sacrifício as expectativas da comunidade a fim de serem aceitos, acolhidos, de agradar e de se auto-afirmar.

Por outro lado muito dessas expectativas que causam tensão, sobrecarga e exaustão na família pastoral tem como fundamento os mitos que giram em torno da figura do pastor/a e de sua família. Gaby (2007) cita alguns desses mitos a respeito do pastor/a e da sua família:

1. A igreja espera que o pastor/a conduza seu lar como padrão para todos os crentes, independentemente de suas obrigações e responsabilidades ministeriais;
2. O lar do pastor/a deve ser um modelo para o lar dos membros de sua igreja;
3. A ordem, a paz, a harmonia, o trabalho e a santidade devem imperar no lar do pastor/a;
4. O lar do pastor/a deve ser um verdadeiro santuário, onde seus filhos cultuam a Deus, onde o cônjuge louva a Deus com sua vida plena de ideais, onde o pastor/a recebe de Deus, sua fonte, continuamente forças para continuar seu ministério e se deleitar em seu poder e graça.

A partir dos itens acima entendemos que a igreja projeta na família de pastores um ideal que gostariam de ser ou viver. Porém, a igreja não compreende que este ideal é algo inatingível pelo homem, pois se trata de uma vida perfeita, sem desonra e feliz. A igreja olha para a família pastoral como sendo eles “semi-deuses na terra”. Buscam ser como eles, mas quando chegam perto percebem as falhas e imperfeições, pois não são semi-deuses, mas são homens e mulheres imperfeitos que também carecem da orientação divina tanto quanto. O problema está que a igreja busca no pastor “um ser divino” e não um guia, um condutor que os levem a divindade.

3.3.1 O Cônjuge de Pastor/a

Deus desejou que o homem nunca estivesse só e fez uma companheira. Na família pastoral o cônjuge tem um papel importante de ser o suporte e o alicerce para o pastor/a no exercício da missão. Enquanto o pastor/a está cuidando da igreja o cônjuge está cuidando da família pastoral. No entanto, existem muitos cônjuges que além de dar o suporte para a família pastoral também acabam assumindo a missão com seu companheiro/a. E ainda há cônjuges que desempenham uma terceira tarefa que é de trabalhar fora, ou seja, ajudam também no orçamento familiar tendo um trabalho, uma profissão secular. Nos atendimentos as famílias pastorais, observamos que muitos desses cônjuges assumem mais um trabalho secular e sem abrir mão do compromisso com os trabalhos da igreja.

A igreja, na sua maioria, vê os cônjuges dos pastores/as apenas como um personagem e com várias funções a cumprir. Leite (2005, p.71), afirma que a “esposa de pastor é uma mulher sem nome, personagem sem identidade pessoal, chamada somente por ‘mulher do pastor’. Na casa do homem, o ‘marido da pastora’”. Neste caso é possível também acrescentar a seguinte observação: o marido ou a esposa de pastor/a por muitas vezes assumem uma carga de compromisso e responsabilidade “imposta” pelas expectativas da comunidade de fé ainda que ele/a não tenha nome e nem reconhecimento.

A igreja sempre vai cobrar do cônjuge do pastor/a as tarefas eclesiais. No caso da esposa de pastores ela tem que manifestar seus dons e carismas, ou seja, cantar no louvor, cuidar das crianças, das mulheres da comunidade, dar aulas nos cultos dominicais (Escola Bíblica Dominical) além de ter que estar todo o tempo com o pastor fazendo visitas com ele. No caso do marido de pastora, ele também tem que manifestar seus dons e carismas, estar presente em todos os cultos, ser professor na escola dominical, ser pregador substituto na ausência de algum obreiro, ajudar na administração da igreja, pegar no “pesado” nos mutirões da comunidade, ou seja, ser multifuncional em todas as áreas ministeriais.

Já ouvimos relatos de esposas de pastores de igrejas (grandes comunidades), que foram obrigadas a fazer tratamento por causa do stress, problemas emocionais, por não conseguirem lidar com tamanhas cobranças. Nesses casos elas se “auto-acusam” de estarem em débito com o marido, ou com os filhos, ou com Deus. Elas se sentem omissas por não darem conta dos compromissos que a igreja exige. Por outro lado, observa-se que alguns cônjuges se afastam da igreja em que seus companheiros/as são dirigentes por conta das frustrações sofridas e o excesso de exigência da comunidade de fé.

Pensando sobre as cobranças da igreja sobre a família pastoral, em específico aos cônjuges, surgiu uma pergunta: qual era a participação da esposa no sacerdócio do marido no Antigo Testamento? Champlin (s.d.) responde dizendo que as mulheres israelitas esposas dos sacerdotes, assim como as demais, tinham somente a função cuidar da casa, da família, do plantio e dos animais. Segundo o autor, na sociedade antiga o homem degenerou rapidamente devido as consequências do pecado, e com isso mostrou-se cruel aos seus semelhantes e aos mais fracos. A mulher, por sua vez, foi colocada no papel de fraca, frágil e inferior, contrariando a passagem bíblica que diz em Gênesis capítulo 1 e versos 26 e 27 “... criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou...” Ou seja, Deus coloca o homem e a mulher na condição de semelhantes tendo a Sua imagem refletida em ambos os gêneros. O papel da mulher neste tempo se restringia aos serviços domésticos, como: fabricar pão, costurar, carregar água e prover outras coisas necessárias para si mesmas, para seus maridos e para os filhos.

Sendo assim, na época não era permitido e nem cobrado que as esposas de sacerdotes auxiliassem no serviço sacerdotal. A função de sacerdote surgiu com o advento dos 10 Mandamentos, na qual a tribo de Levi (Arão e seus filhos e descendentes) assumiu as funções sacerdotais. O sacerdote era um mediador entre Deus e o homem e que ensinava a lei, mas principalmente oficiava os cultos religiosos dos israelitas. Então, ser sacerdote era uma honra especial, e os que desempenhavam essa função eram diretamente chamados por Deus. Os demais levitas desempenhavam trabalhos importantes na vida

religiosa de Israel, mas não eram sacerdotes. Portanto, não era qualquer pessoa que podia auxiliar o sacerdote, muito menos as esposas, mesmo porque não era permitido a entrada de mulheres no tabernáculo.

Gaby (2007) acrescenta que as igrejas criam muitas expectativas sobre o cônjuge do pastor/a. Muitas vezes, eles/as não possuem a liberdade de ser e agir conforme as suas características próprias, gerando a impossibilidade de se sentir à vontade ou seguro. No texto abaixo o autor descreve alguns mitos sobre a esposa de pastor.

“Esperam que ela seja uma pastora auxiliar – Via de regra, Deus chamou o marido para o pastorado, e exige isso dele, não dela. A esposa do pastor não tem o chamado para servir à igreja como extensão do ministério do marido. Não podemos nos esquecer de que ela foi chamada para ser uma ajudadora idônea do marido, e não da igreja! Quando um pastor é convidado a assumir uma igreja e seu salário é definido, não existe nenhum documento, nenhuma cláusula que estabeleça um salário para a esposa. A igreja pode exigir do pastor visitas pastorais, melhoria na administração, maior empenho na pregação, mais dedicação ao ensino. Entretanto, não pode exigir nada da esposa. A esposa do pastor não é pastora auxiliar, e sim outro membro da igreja. Portanto, ela precisa ser vista dessa forma. Todavia, há esposas de pastores chamadas e capacitadas por Deus para prestar um grande auxílio ao ministério do marido na obra do Senhor.

Esperam que ela seja uma santa - Alguns membros da igreja parecem não perceber que, mesmo sendo a esposa do pastor ela é um ser humano como qualquer outro: experimenta desgosto; fica irada; às vezes se comporta de maneira censurável; necessita de muita compreensão e amor. O status de esposa de pastor nem sempre a coloca em lugar de privilégio e honra, mas na maioria das vezes essa condição a priva do direito de sua identidade, de sua individualidade. A esposa do pastor não é uma estátua de gesso numa vitrine. Por essa razão, “não deve agir com hipocrisia para satisfazer uma igreja insatisfeita e sem consideração”.

Esperam que ela nunca se queixe – As pressões sobre o pastor, fatalmente refletirão na esposa. As pressões ministeriais produzem tensões, ansiedades e depressão. Os membros da igreja podem ver o sorriso disfarçado nos lábios de seu pastor, mas é a esposa que vê suas lágrimas e escuta suas queixas. Se o marido dedica quase todo o tempo à igreja e suas famílias, é compreensível que ela exija tempo para si e para seus filhos.” Gaby, s.p. 2007)

Quaresma (2013) afirma que o grande dilema dos cônjuges é equilibrar as tarefas de modo a se fazer presente na vida da comunidade sem se sentir sobrecarregado. O fato é que além das igrejas terem expectativas irreais em relação aos cônjuges dos pastores/as elas cobram demasiadamente sem dar a

devida valorização para estas pessoas. Como exemplo podemos citar as poucas igrejas que fazem homenagem e dão presentes às esposas/maridos de seus pastores/as no dia do aniversário deles. Porém, ao mesmo tempo exigem que sempre estejam bem vestidos, bonitos, com boa aparência e de bom humor. Há muitos cônjuges frustrados por trabalharem tanto e não serem reconhecidos, e ainda escutando frases como "*é obrigação dela/dele fazer isso e aquilo.*" (Quaresma, 2013)

Todavia, Quaresma (2013) elenca também algumas armadilhas que são desencadeadores da crise nas esposas de pastores:

1ª) Perda do Nome: Muitas vezes a esposa de pastor é apresentada nas igrejas sem citar o seu nome próprio, mas apenas apresentada como esposa do pastor fulano de tal. O nome da esposa do pastor é trocado pela sua função, com isso ela deixa de ter a sua identidade, sua referência. Passando ser uma personagem que tem que ser igual a todas as outras esposas de pastores.

2ª) Expectativas Irreais: Viver em função das expectativas da igreja não é fácil, pois além de estar fora do interesse e capacidade das pessoas pode gerar sérios desgastes físicos e emocionais de ambas as partes. A igreja espera ações e reações da esposa do pastor que, tantas vezes, ela nem sonha quais são. Normalmente as expectativas são humanas e não divinas.

3ª) Estresse Financeiro: A maioria dos pastores não são bem remunerados como deveriam. E por isso as esposas têm que fazer malabarismo para conseguir pagar todas as contas, manter a família bem arrumada, bem vestida e suprir os gastos com as visitas constantes de membros da igreja em sua casa, no caso das esposas que não possui um trabalho secular.

4ª) Sobrecarga de Compromissos: A esposa de pastor tem que ter muita cautela nesta área para não "dar o passo maior que a perna". Algumas esposas de pastores, na ânsia de agradar e serem aceitas pela igreja, assumem cargos e compromissos demasiados, que podem levá-la à estafa ou a não ter tempo suficiente para se cuidar, cuidar dos filhos do esposo e da casa. É difícil pensar em um Deus que nos pede mais do que possamos realizar. Em Eclesiastes 9:10 diz assim: "*Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças.*" (BÍBLIA, 1995)

Pode-se também acrescentar que a itinerância do pastor/a, ou seja, a mudança de uma igreja para outra que ocorre em geral, de quatro em quatro anos, tem sido também um dos fatores que tem gerado crises na família pastoral. Em se tratando do cônjuge este fato se torna muitas vezes difícil de ser superado por envolver muitos aspectos como: mudança de casa, rotina, escola dos filhos, trabalho e afastamento dos amigos e parentes. Segundo Vieira (2009) a sensação de se sentir uma pessoa sem raiz fixa pode levar muitos cônjuges ao desânimo, a depressão e chegando até mesmo prejudicar o ministério de seu companheiro/a.

Muitos cônjuges tornam-se amargos, resistentes, queixosos e podendo até cometer o mesmo exemplo bíblico errôneo da esposa de Ló, que se transformou em estátua de sal ao olhar para trás quando não aceitou sair da cidade de Sodoma e Gomorra. Ou seja, quantos chegam ao divórcio porque não conseguem se manter na missão junto com o marido/esposa pastor/a.

Uma das dificuldades que a esposa do pastor enfrenta, são as constantes mudanças que a atividade pastoral exige, com isso vem à dificuldade de criar raízes; dependendo de cada personalidade, é claro, pois há pessoas que não tem dificuldades, somente bastam alguns dias e logo estará adaptada, mas, existem outras que levam meses e até anos para conseguir se estabelecer novamente. (Vieira, 2009, p. 55)

Assim como muitas igrejas criam expectativas e cobranças sem reconhecimento em cima do cônjuge do pastor/a também é possível observar muitos pastores falhando no cuidado com sua família.

Gonçalves (2010) diz que há pastores que estão precisando de cura, porque se perderam no cuidado com a sua família em detrimento do trabalho ministerial. Ele questiona que vantagem tem o pastor ganhar o mundo inteiro e perder a sua família. “Se perder sua família, perdeu seu maior patrimônio. Quem não é capaz de liderar a própria casa, não é capaz de liderar o povo de Deus”. (Gonçalves, 2010)

De acordo com Gaby (2007) muitos pastores cometem erros descuidando da esposa e dos filhos, e dedicando todo o seu tempo e atenção ao ministério. A

própria Bíblia (1995) ressalta em Cantares 1:6 : “...*me puseram por guarda de vinhas; a vinha que me pertence não guardei.*” O autor interpreta este verso da seguinte forma: “*Puseram-me para cuidar dos membros da igreja, e da minha própria família descuidei*”.

Gonçalves (2010) ressalta algumas confissões de esposas de pastores a respeito de seus maridos.

- Preferia ser apenas uma ovelha dele, nunca esposa;
- Ele dá tudo de si para a igreja e nunca sobra o suficiente para suprir as minhas necessidades. Eu sou a ovelha mais carente da igreja;
- Já ouvi dele, se não fosse o meu ministério, já teria me separado de você;
- Ele nunca prega sobre relacionamento, por que o nosso casamento é um fracasso;
- Se a igreja soubesse quem ele é dentro de casa, não o aceitaria como pastor;
- Meus filhos não vão à igreja por causa da hipocrisia do pai. Ele prega aquilo que não vive;
- Meu marido-pastor não pode ver um “rabo de saia”, cobiça mulheres na minha frente;
- Estou cansada de ouvir dele: Eu não te amo mais...
- Por duas vezes o peguei vendo pornografia, o pior é que ele se irrita por eu ser contra esta imoralidade;
- Já ficamos mais de um mês sem conversar dentro de casa;
- Já passamos três meses dormindo em camas separadas;
- Ele já me agrediu fisicamente antes de sair para a igreja onde iria dirigir um culto de oração;
- Nós não temos vida sexual já faz seis meses.

Desta forma, tanto a igreja quanto os pastores devem compreender que a esposa ou esposo de pastor/a é um ser com vida própria, ou seja, com sua individualidade, capacidades e aptidões e não um/a personagem que deve executar uma demanda imposta por outros. Leite (2005) acrescenta que a esposa ou esposo é uma pessoa com características próprias, a quem deve ter

tempo para si e para sua família, privacidade, amizades, cooperação, apoio e lazer.

Para Kemp (2006, p. 60), a esposa de pastor e o esposo de pastora é uma pessoa que possui características próprias, que tem suas necessidades que precisam ser supridas, tais como:

- 1- Necessidade de ter amizades verdadeiras, autênticas e confiáveis, com quem ela possa desabafar seus problemas e se sentir acolhida, amparada e amada;
- 2- Necessita de gastar tempo de qualidade com seu/sua marido/esposa, através dos momentos de comunhão, diálogo, lazer, recreação, passeio;
- 3- Necessidade de privacidade em sua casa, onde ela possa se sentir a vontade e segura.
- 4- Desejo de não ter que aceitar e corresponder com as expectativas da igreja.

A comunidade entende que a casa pastoral é a extensão da igreja e acha no direito de poder chegar sem avisar e há até pastores que fazem de sua casa o gabinete pastoral, tirando a privacidade de sua família.

Gaby (2007) orienta as esposas de pastores que elas não possam ser ninguém mais do que elas mesmas. E que em primeiro lugar elas devem buscar a felicidade de sua família e a estabilidade de seu casamento. O autor (2007) vai classificar 3 tipos de esposa de pastores de acordo com seu desempenho ministerial:

A Esposa inativa – é muito comum em algumas igrejas alguém dizer: “A esposa do pastor é inativa”, “Ela não faz nada”, “Ela não ajuda o marido”. As outras irmãs da igreja podem continuar caladas não ensinar na escola dominical, não pregar, não atuar como dirigente do círculo de oração, não reger ou cantar no coral e ninguém comentará nada. Mas quando se trata da esposa do pastor, não há boca que resista permanecer calada. Mesmo que ela não ocupe cargo na igreja, não deve ser criticada, porque o mais importante é sua presença, seu apoio sua contribuição para o trabalho do marido e sua cooperação na igreja.

A Esposa ativa - Mesmo não recebendo salário nem ofertas ela sente o peso do ministério que o marido e se esforça para ajudá-lo. Por isso, ajuda-o a levar a carga. Uma esposa assim garantirá o ministério do marido por muitos anos. Ela não busca recompensa,

mas o bom êxito do marido e o triunfo evangelho. Esse tipo de esposa: prega; ensina; dirige; aconselha; faz visitas a lares, hospitais e presídios. O mais importante é reconhecer seu lugar e não explorar o privilégio que lhe foi concedido de ser a “primeira dama da igreja”. A esposa sábia e prudente busca servir, e não ser servida. Na ausência do marido, ela sabe trabalhar mantendo a humildade e a consideração para com os demais líderes da igreja.

A Esposa demasiadamente ativa - Esse tipo de esposa quer fazer tudo e controlar tudo. Esse comportamento é desaconselhável porque dessa maneira ela fará sombra às pessoas que desejam exercer outros ministérios na igreja. Muitas vezes ela coloca em dificuldade a autoridade de seu marido, comprometendo o ministério do pastor. A participação excessiva da esposa do pastor pode contribuir para o distanciamento entre a congregação e seu marido, levando a igreja a reagir contra ela. (s.p.)

Sendo assim, a igreja e o pastor/a têm que compreender que há uma pessoa ao lado deles e não um/a personagem em quadrinhos que tem um papel a cumprir imposto pelas expectativas alheias.

3.3.2 Filhos e Filhas de Pastor/a

Não muito diferente dos cônjuges, os filhos também assumem um personagem e um papel já pré-estabelecido pela comunidade de fé. Leite (2005) afirma que os filhos em geral são vistos como pessoas ideais e não pessoas reais, com suas próprias características, desejos, realidade e necessidades. Isto ocorre tanto por parte da igreja como, às vezes, do pai pastor, da mãe pastora. Assim como no cônjuge também recaem grandes expectativas sobre os filhos.

Segundo Nunes (2007), além dos filhos de pastores/as serem vistos pela igreja como exemplo a serem seguidos, uma vez que seu pai/mãe é pastor/a, ele devem também dar exemplo. Ou seja, saber todas as respostas de perguntas bíblicas, estarem sempre dispostos a trabalhar, ser líderes de ministérios, terem bom comportamento etc. Gaby (2007) diz que os filhos de pastores/as sofrem alta pressão e cobrança irreais. E faz uma crítica: “Muitas igrejas gostariam de ver os filhos do pastor como anjos, querubins ou figuras de ornamentação.”

De acordo com Netto (2005) os filhos e filhas de pastores também sofrem com a falta de comunicação. O tempo entre eles e o pai/mãe pastores que estão sempre ocupados com o mistério e muitas vezes quando estão com os filhos não tem paciência de dialogar, ensinar e compartilhar. Neste formato o filho/a fica sem respaldo afetivo e instrutivo para a formação de sua identidade, de seu caráter. Outro problema levantado pela autora é que a família pastoral não tem um pastor/a que os guie, discipline, acolha, orienta. Ela tem que tratar dos assuntos dos outros, mas não tem quem cuide deles.

A itinerância, ou seja, a transição de uma igreja para outra é um assunto muito delicado para os filhos de pastores, pois segundo Leite (2005), acarreta mudanças constantes, com perda do ambiente, dos amigos da convivência, bem como mudança de escola e de trabalho quando já são maiores de idade. A questão financeira, para Netto (2005) é outra questão também difícil de ser ajustada, porque dependendo da nomeação há uma diferença salarial que prejudica o relacionamento familiar e atrapalha as finanças da família pastoral que já tem um orçamento fechado. Novamente a família pastoral tem que se adaptar com o novo salário estipulado pela nova igreja, pois cada igreja define/negocia com o pastor o seu subsídio. Esse subsídio pode variar de uma ajuda de custo a um salário estipulado. Pode incluir como benefício ou não, auxílio moradia, transporte, água, luz, telefone e seguro saúde. Há de se ressaltar que estas condições são negociadas de acordo com as decisões estabelecidas pelo Concílio Regional e as normas dos Cânones da Igreja Metodista.

Gaby (2007) resume em três os aspectos aos quais os filhos (as) de pastores estão sujeitos a sofrer: 1) Omissão dos pais (marcas indelévels); 2) Tratamento inadequado da igreja e às vezes dos próprios pais; 3) Expectativas irreais da igreja.

Segundo Mesquita (2006) há três principais razões porque muitos filhos de pastores deixam a igreja: 1) A hipocrisia dos pais (não vivem o que pregam e ensinam); b) Seus ídolos quebrados (pregadores, cantores e artistas); c) Ingratidão das igrejas. Os filhos do pastor se ressentem da ausência do pai em

suas vidas, comparam os pais de seus amigos, presentes, com o seu, distante, e deixam de respeitá-lo e honrá-lo, e abandonam o ambiente da igreja na adolescência ou assim que se tornam independentes financeiramente.

Mediante ao número excessivo de cobranças, idealizações, renúncias, frustrações e omissões, os filhos e filhas aprendem a viverem de forma agressiva e lutam por seu espaço. Lutam para serem eles mesmos e se sentirem pessoas comuns no meio da multidão. Com isso, muitos filhos de pastores são tidos como rebeldes, desviados e mal educados. Nesse sentido muitos perguntam nas comunidades: porque os filhos de pastores são considerados anjos ou demônios?

Os filhos de pastores não são anjos e nem demônios eles só precisam ser respeitados como pessoas com características, dons, habilidades e personalidades próprias. Por isso se faz necessário compreender que ao longo de seu crescimento estão sendo transformados e moldados como qualquer criança na fase de seu desenvolvimento.

Gaby (2007) vai enfatizar que os filhos de pastores precisam ser amados pela igreja. E aconselha a igreja: a) Ser menos exigente com os filhos do pastor/a (Isso não significa que tenha de ser excessivamente tolerante, mas que os tratem da mesma forma em que gostariam que fossem tratados os próprios filhos); b) Deve tratá-los com consideração e apreço; c) Evitar que as pressões que o pastor recebe em seu ministério recaia sobre os filhos; d) Não transformar os filhos do pastor em crianças-modelo ou pastores mirins, a igreja deve proporcionar-lhes alegrias e incentivos.

Os pastores/as devem fazer as seguintes perguntas segundo Mesquita (2006) para avaliar seu desempenho como pais/mães na vida de seus filhos: Onde estão meus filhos? Tenho ouvido meus filhos? Tenho apascentado meus filhos? Quando foi a última vez que conversei com meus filhos? Leite (2005) afirma que os pais/mães pastores/as devem amar seus filhos incondicionalmente e de forma que não falte o amor, o diálogo, a disciplina, a compreensão, a aceitação, o tempo e os momentos de vivências espirituais.

(...) o pai/mãe deve expressar amor incondicional, aceitar, acatar. Mesmo não concordando, acolher. Na disciplina, ser firme, amoroso/a, não desgastante. Preocupe-se com a pessoa, e não com as imagens ou expectativas de terceiros. Não irritar e nem desanimar os filhos. Nos relacionamentos expressar acolhimento, graça, perdão e apoio. Valorizar o que o filho faz e é bom, cuidar da autoestima e evitar o contínuo espírito crítico são práticas educativas que geram bem-estar e estabilidade. Nesse aspecto, cuidado com a forma de falar. A palavra tem grande valor, em especial no período da infância. Lembrar sempre: por trás das palavras há sentimentos. Dar tempo é fundamental. Preocupe-se com a importância da qualidade do tempo, do lazer, da convivência e respeitar as diferenças individuais. Na comunicação, abrir espaços, gerar confiabilidade, ouvir atenciosamente, amorosa, paciente e empaticamente, dialogar com pessoas da família, orar pessoalmente e de forma objetiva, criar valores ligados à espiritualidade, dar testemunho, acompanhando e aprimorando os alvos reais ou imaginários, fornecendo aos filhos estímulos, apoio, compreensão e companheirismo. (LEITE, 2005, p.73)

Mesquita (2006) também vai resaltar a importância do amor para com os filhos/as, mas acrescenta que os pais pastores também não devem achar e tratar o filho/a como anjo. O pastor/a não deve canonizar e nem esculpir seu filho em uma estátua de gesso e nem tão pouco colocá-lo numa vitrine como santo. Caso o faça o pastor/a estará falhando com Deus.

É importante entender que os membros de uma família no qual o pai ou a mãe são pastores são pessoas únicas e que estes podem contribuir no ministério com determinação e coragem, muitas vezes sem que muitos saibam sustentando o pastor com orações, outras vezes participando ativamente do ministério, mas todos igualmente tem a mesma importância no chamado pelo qual pastor (a) foi chamado. Com certeza ser esposa e filho de pastor é um ministério, pois na maioria das vezes as esposas e filhos se vêem transformando adversidades em bênçãos, entendendo o chamado e a trajetória do chamado. (SANTANA, 2008)

Mediante os percalços enfrentados pela família pastoral compreendemos que o esposo/a e filhos/as de pastores/as têm exercido um papel fundamental no ministério. Pode-se compará-los como os pés de uma mesa, que não são tão apreciados e reconhecidos como o tampo da mesa, mas que sem eles seriam impossíveis à existência da mesa. Enfim, para que a igreja faça uso da mesa é necessário que ela esteja com seus pés firmes. Ou seja, para que a igreja tenha um pastor/a satisfeito e feliz no exercício de sua missão/vocação é necessário que sua família seja bem cuidada, reconhecida e respeitada pela comunidade de fé.

4. ASPECTOS METODOLOÓGICOS

Como método para este trabalho, optamos pela pesquisa qualitativa a fim de buscar uma compreensão particular do fenômeno vocacional no núcleo da família pastoral e não sua explicação. De acordo com Guimarães (et al., 2004, p.82) na pesquisa qualitativa “a realidade é construída a partir do quadro referencial dos próprios sujeitos do estudo e cabe ao pesquisador decifrar o significado da ação humana, e não apenas descrever os comportamentos”.

Para Bogdan e Biklen (1982, apud SOUZA; MATOS, 2004) a proposta da pesquisa qualitativa está em supor um contato direto entre o pesquisador e o fenômeno que está sendo estudado. Desta forma a preocupação do pesquisador está em analisar determinado problema/questão a fim de averiguar como ele se manifesta em suas mais variadas atividades, interações e procedimentos cotidianos. A ideia é trazer à tona o significado, os conceitos que os indivíduos dão as coisas e as suas vidas. Ou seja, investigar como os indivíduos encaram a questão, o fenômeno.

Segundo Martins e Bicudo (1994) o pesquisador através da análise qualitativa substitui as correlações estatísticas e as conexões causais objetivas da análise quantitativa pelas descrições individuais e pelas interpretações subjetivas oriundas das experiências vividas. Para os autores o pesquisador interroga o mundo ao seu redor (perspectivas de primeira ordem) e as ideias que as pessoas têm sobre o mundo (perspectivas de segunda ordem).

Para Rampazzo (1998, p.64) a pesquisa qualitativa introduz um rigor que não provém da descrição numérica dos fenômenos que não podem ser quantificados tais como “angustia, ansiedade, medo, alegria, cólera, amor, tristeza, solidão, etc”. Segundo o autor esses fenômenos apresentam significados mais pessoais e relevantes para os sujeitos envolvidos. Sendo assim, devem ser analisados de forma mais abrangente e multidimensional e não de forma independente de tempo, espaço e de suas relações com outros sujeitos. Ou seja, os dados captados não podem ser analisados como coisas

isoladas ou captadas num instante fixo, pois como fenômeno eles se dão em um contexto fluente de relações.

Portanto, na pesquisa qualitativa todos os fenômenos e suas interações e manifestações são importantes, seja sua ocasionalidade, sua frequência, interrupção, fala ou silêncio. Em outras palavras, a pesquisa qualitativa em psicologia tem como intento a busca, a compreensão sistêmica de toda a experiência do sujeito frente ao fenômeno.

4.1 Participantes

Para a escolha dos participantes foram considerados os seguintes critérios:

- a) Famílias pastorais (pastor/a; esposo/a; filho/a) em pleno exercício da atividade ministerial na Igreja Metodista do Brasil no Estado de São Paulo (região metropolitana e interior), com oito ou mais anos ininterruptos de ministério;
- b) Famílias pastorais com filho(s) com idade acima dos 10 anos;

Participaram deste estudo quatro famílias pastorais, total de 12 pessoas. Conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice), adotou-se substituir os nomes por letras e números mantendo em sigilo a identidade e a privacidade dos participantes. Abaixo segue um quadro síntese dos participantes.

Quadro 1 – Participantes da Pesquisa:

Participantes	Sexo	Tempo de Ministério	Tempo de Casado	
Pastor 1 (P1)	M	38	35	
Pastor 2 (P2)	M	32	25	
Pastor 3 (P3)	F	31	16	
Pastor 4 (P4)	M	14	22	
				Idade
Esposa (E1)	F	Filho (F1)	F	33
Esposa (E2)	F	Filho (F2)	M	13
Esposa (E3)	M	Filho (F3)	F	13
Esposa (E4)	F	Filho (F4)	M	22

Fonte: Autora

4.2 Instrumento

Como instrumento de coleta de dados para a pesquisa utilizou-se a técnica da entrevista semi-estruturada. De acordo com Calil e Arruda (2004, p.191) “dentro do campo da psicologia clínica a entrevista constitui-se em procedimento de caráter científico e assume um lugar de destaque para a investigação do fenômeno humano e sua inter-relação com o sujeito da pesquisa”.

Para Goldenberg (2002) na pesquisa qualitativa a vantagem da adoção da técnica da entrevista está em que ela combate o perigo de viés, ou seja, torna difícil para o pesquisador a produção de conclusões equivocadas, ou enviesamento por outros caminhos e também de restringir suas observações somente em suas expectativas e preconceitos.

Segundo Paulin (2004) esta técnica permite que o informante tenha mais liberdade que o pesquisador. Ou seja, que ele fale mais, exponha o seu conhecimento, impressões e vivências sobre o fenômeno.

As entrevistas semi-estruturadas devem combinar perguntas fechadas e abertas ou estruturadas de forma que o entrevistado tenha condições de discorrer sobre o assunto de forma espontânea sem que suas respostas sejam

pré-concebidas. Segundo, Goldenberg (2002) uma vantagem para este processo de coleta de dados está em que o pesquisador estabeleça desde o início uma relação de confiança e amizade com o informante de modo a propiciar outras vivências, dados importantes para desenvolvimento da pesquisa.

Portanto, para esta pesquisa foi desenvolvido um roteiro de oito questões (Apêndice) pertinentes ao tema da pesquisa e ao objetivo(s) geral e específico na tentativa de poder melhor compreender o fenômeno a partir das narrativas dos participantes.

4.3. Procedimento

Foram no total quatro famílias pastorais entrevistadas. Um total de doze pessoas. Sendo que, para cada grupo familiar constam três entrevistas individuais por membro (pastor/a; esposa/o; filho/a). As entrevistas foram agendadas, gravadas e realizadas nas próprias igrejas e residências dos pastores no período de setembro a novembro de 2014.

Em primeira instancia juntamente com cada grupo familiar foi realizado a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice), onde constam de acordo com a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, esclarecimentos completos e detalhados sobre a intenção da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos e possíveis riscos.

As entrevistas somente se iniciaram após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o seu tempo de duração variou entre 1:00h a 2:00h/grupo. Após as entrevistas aplicadas aos participantes da pesquisa todas foram transcritas para a análise dos dados e se encontram na parte final deste trabalho (Apêndice). De acordo com a Resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde os dados da pesquisa após o seu término serão mantidos por cinco anos em arquivo, físico ou digital, sob a total guarda da pesquisadora deste trabalho.

4.4 Análise dos Dados

Para Souza e Matos (2004) a análise dos dados não visa a busca de evidências que venham comprovar as hipóteses que em outro momento foram previamente definidos pensamento moderno. Mas visa o desvelar do fenômeno através das narrativas dos participantes. O sentido é compreender os dados e não encapsulá-los em redomas, “pre-conceitos”, não é explicar, apontar o caminho, mas é deixar que eles nos apontem o caminho. Segundo Martins e Bicudo (1994, p.57) na análise dos dados “o pesquisador deve deixar de lado seus conhecimentos ou explicações e procurar ver que significados os entrevistados estão tentando mostrar”. E por fim, junto o que surgiu da entrevista com o conhecimento que o pesquisador tem e faz uma explanação.

Desta forma, para a análise dos dados serão propostas algumas categorias analíticas a fim de retornar de modo circular as narrativas e as suas unidades de significados em busca da compreensão do fenômeno. Em seguida será construído um mapa mental sintético (Apêndice) a partir das categorias apresentando as convergências, divergências e idiosincrasias entre as unidades de significado. Dando sequência será realizada uma discussão integrando os “insights” contidos nas unidades de significado transformando-os em uma interpretação consistente da estrutura situada do fenômeno (MARTINS; BICUDO, 1994).

4.5 Discussão dos Dados.

A partir das entrevistas foram levantadas algumas categorias nas quais foram apresentadas as convergências, divergências e idiosincrasias entre as unidades de significado. Na sequência realizaremos uma discussão integrando os “insights” contidos nas unidades de significado transformando-os em uma interpretação consistente da estrutura situada do fenômeno (MARTINS; BICUDO, 1994).

4.5.1 Vocação Pastoral

Esta primeira categoria tem como objetivo analisar, comparar e discutir as narrativas dos membros da família pastoral e como eles compreendem a vocação pastoral para suas vidas, como um chamamento pessoal ou divino.

Na análise do discurso dos participantes sobre a vocação pastoral observamos que todos, pastores (a), esposas/esposo e filhos (as), compreendiam a vocação pastoral como um chamado divino, uma escolha divina, que vai além do desejo do homem. Ou seja, o homem não escolhe a si mesmo, nem tão pouco decide por si só viver esta vocação, mas é um chamado que ele identifica na relação com Deus. Alguns participantes (filha Pr. 1, Pr. 3, Pra. 4.) acreditam que se não fosse um chamado divino o homem não seria capaz de suportar as lutas, batalhas e renúncias que esta vocação enfrenta ao longo dos anos. Portanto, creem na vocação como um chamado divino que se dá na relação do homem com Deus para proclamar a salvação à humanidade.

“A vocação é um chamado de Deus porque senão não aguenta, as lutas e as batalhas são grandes.” (Filha Pr.1)

“É bom eu vejo que não foi uma escolha da minha mãe e nem de mim, mas Deus escolheu ela para está sendo pastora.” (Filha Pra. 4)

“Eu vejo como um chamado mesmo né, como uma pessoa que não decidi por si só, que foi escolhida, chamada para este ministério.” (Esposa Pr. 2)

“Compreendo como um chamado que a pessoa identifica na relação dela com Deus.” (Esposa Pr.3)

“Ah, eu compreendo a vocação pastoral como um chamado de Deus para a vida da pastora primeiramente e depois da família.” (Esposo Pra. 4)

“É um chamado de Deus, ninguém se chama a si mesmo. É algo que a gente recebe de Deus pela fé, algo que nos é proposto a fazer por Deus”. (Pr. 2)

“Eu compreendo como um chamado especial, um chamado único, um chamado diferenciado porque entre todos os chamados ele exige muita renúncia, exige muita dependência, exige muita entrega”. (Pra. 4.)

“Olha, na verdade para ser bem honesto é algo que a gente não compreende bem, é algo incompreensível. Não, não se traduz numa equação assim, racional né. Ao contrário acho que se fossemos seguir um caminho racional, não somente eu como os meus colegas todos, na grande maioria dos pastores e das pastoras não seguiriam este caminho. Então é algo de uma profundidade espiritual que alcança a nossa vida em algum momento e que a gente não tem muita explicação realmente”. (Pr. 3)

Cesar (1997) afirma que a vocação é um chamado divino dirigido ao homem. Todos os escolhidos, eleitos que receberam a salvação por intermédio de Jesus Cristo tem uma missão, serviço a desempenhar no reino de Deus.

Deus deseja promover a sua glória, proclamar seu plano salvador, executar seus propósitos no governo sobre as criaturas e suas ações, bem como cumprir as promessas que fez ao seu povo. O homem é convocado para ser um instrumento dessa proclamação, desse governo e dessa providência. (CÉSAR, 1997, p.22)

O apóstolo Paulo em sua carta aos Efésios capítulo 4 versos 8, 11 e 12 afirma: *“Por isso diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens. E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”*. No verso 11 são mencionados cinco ordens de ministérios que explica alguns dons dados por Deus aos homens. Champlin (s.d.p.) interpreta esses versos dizendo que Deus através do Espírito Santo conferiu dons aos homens conforme o serviço a ser desempenhado na igreja, ou seja, conforme o seu chamado. O pastor receberá o dom para desenvolver seu pastorado, o evangelista receberá outro dom, o mestre outro e assim por diante. O objetivo da distribuição dos dons na igreja é que ela possa crescer espiritualmente a fim de atingir a plenitude de Cristo. Portanto, todos os vocacionados receberão o chamado divino conforme o dom que lhe foi dado por Deus.

Porém, o dom, o chamado, embora seja divino, não é suficiente para alimentar e retroalimentar a vocação pastoral. Segundo Leite (2005) há alguns fatores que podem interferir no desempenho da vocação pastoral, como: falta de caráter e piedade, temperamento explosivo, falta de responsabilidade, ausência de estudo adequado, carência de metodologia e disciplina pastoral, falta de organização, perseverança e outros.

Os participantes Pr. 3 e o Pra. 4 afirmaram que sempre foram ativos na igreja e que a confirmação do chamado veio através de outras pessoas que os acompanhavam. Também, ressaltaram o desejo ardente de estar desempenhando o trabalho evangelístico nas suas comunidades mesmo diante de muito cansaço ou de situação adversas, como falta de infraestrutura e falta de recursos econômicos.

“...no meu período de estudante, ainda eu tive a satisfação de conviver com pessoas da igreja que sempre me apoiavam muito, sempre com uma palavra orientadora, sempre com um tipo de visão que aquilo me trazia certa tranquilidade. E especialmente numa comunidade da minha cidade de origem, no interior, onde eu era seminarista, eu tinha muita satisfação de estar ali, às vezes muito cansado pela dinâmica do trabalho sempre muito puxado, trabalho missionário numa comunidade nova que estava se formando. Mas eu diria assim que era um sentimento de alegria... Ou se eu fosse muito maluco de dizer bem estou aqui sofrendo e achando bom, mas não se trata disso né, eu acho que foi uma confirmação.” (Pr. 3)

“...sempre fui muito envolvida com a igreja desde pequena, de cantar, declamar poema, de participar. E aí então, uma das mulheres me disse, eu tinha onze anos, _ Ah Pra. 4 a pessoa não veio né, você lê um texto bíblico para gente né. Faz... eu tinha né.... aí eu peguei a bíblia e abri em Jeremias capítulo um e quando eu comecei a ler foi muito forte para mim, foi forte para algumas pessoas que começaram a chorar naquele momento que eu comecei a ler e ali eu tive a certeza do meu chamado com onze anos, eu quero ser pastora e para isso que Deus está me chamando desde o ventre.” (Pra. 4)

A vocação é um chamado divino que Deus dá ao homem mediante o dom e o propósito que Ele tem para com a pessoa. Porém, também cabe o homem fazer a sua parte como: ter uma vida íntegra e correta; buscar a capacitação através de estudo adequado; ter comprometimento e responsabilidade; ser disciplinado, organizado e perseverante; não ignorar suas emoções, mas trabalha-las em terapia ou em grupos terapêuticos; e viver em constante oração. De forma que essa parceria Deus e o homem venha trazer satisfação, edificação e crescimento para o reino, pois é neste propósito que o homem foi chamado.

4.5.2 Família Pastoral

Esta segunda categoria tem como objetivo analisar, comparar e discutir as narrativas dos membros da família pastoral e como eles interpretam e vivem este chamado efetivamente no seu dia-a-dia tanto no âmbito familiar (casa – particular) como no âmbito da igreja (público). E está apresentada nas respostas dadas pelos pastores (2-1), cônjuges (2-2) e filhos (2-1).

4.5.2.1 Pastores/as

Na compreensão de dois pastores (Pr. 1 e Pr. 2) a família é o lugar onde eles exercem a função de pai e esposo. Demonstram estarem tranquilos no comando das funções de pastor, esposo e pai. Eles se sentem amparados por ter a família que os apoia, e com isso sentem-se ajudados para se projetar no ministério do pastoreio.

“A gente tem uma família muito informal, a gente dentro da família é pai e marido e no último lugar é pastor, mas a gente tenta manter o testemunho de uma família honrada, de um procedimento cristão.” (Pr. 1)

“Na família eu sou pai e marido. (...) Eu vivo com muita tranquilidade essa vida pastoral e a família. A família está por traz, está junto(...)” (Pr. 2)

Segundo Santana (2008) a família do pastor/a tem uma importância grandiosa não só para a igreja como também para pastor /a. É através de sua família que o pastor/a renova suas forças ao ver sua esposa e filhos felizes. O ideal que a família seja o suporte do pastor que, a partir de seu olhar/cuidado de dentro (da casa - o particular), ele/a se projeta na missão para olhar/cuidar as famílias dos membros de sua comunidade.

Portanto, podemos entender que estes pastores buscam na família um suporte, apoio para o seu ministério. Porém, Gaby (2007) fala que a família precisa de cuidados, investimento e proteção. A família também necessita do suporte e apoio vindos do pastor, para que ela se sinta amada, cuidada e valorizada. Na fala dos outros dois pastores, observamos esta preocupação em cuidar e proteger a família desse ministério tão glorioso, porém, tão exaustivo.

O Pr. 3 e a Pra 4 demonstraram preocupação com as suas famílias. Fizeram questão de destacar que tem uma preocupação quanto à conscientização e preparo da família na inserção ao ministério pastoral e destacaram também a preocupação em separar as necessidades da família e da igreja.

“Eu sempre tentei fazer uma divisão do trabalho pastoral e do trabalho familiar. Eu sei que isso não é possível de ser feito 100% porque as coisas se misturam, mas eu sempre tentei em termos práticos. Nunca trazer problemas, informação da igreja para dentro de casa”. (Pr. 3)

“Eu e o meu esposo entramos muito consciente de como seria a nossa vida, (...) a filha que veio depois entrou sem saber (...) eu imagino que também Deus porque me deu, Ele deu na soberania Dele, já deu essa família para ela (...) entre os erros e acertos que nós temos ela vai se encaixando e Deus vai também curando, sarando (...)”. (Pra. 4)

Enfim, o pastor não deve ver a família apenas como suporte para seu ministério, mas também tê-la como uma instituição divina e que necessita de suporte. O apóstolo Paulo nas cartas de 1 Timóteo afirmou: *“Mas, se alguém não cuida dos seus, e principalmente dos de sua família, negou a fé, e é pior*

do que o infiel” (1Tm 5.8). Ao refletir sobre esta passagem bíblica em que o apóstolo Paulo escreve ao seu companheiro de missão, Timóteo, podemos entender que ele assevera que aquele que não cuida, não zela pela sua família nega a sua lealdade a Deus, se tornando pior do que uma pessoa que não confia e nem crê na existência de Deus.

4.5.2.2 Cônjuges

As narrativas de duas esposas demonstraram bastante insatisfação com os parceiros no que se refere separar, dividir entre a vocação e a família. Estes depoimentos vêm de encontro ao que Gonçalves (2010) declara que existem muitas famílias de pastores que estão doentes precisando de cura.

“A vocação sempre esteve em primeiro lugar. Ele largava tudo e ia”. (Esposa Pr.1)

“É uma coisa muito séria, muito difícil porque a vocação é dele não é da família. A vocação é vivida de tempo integral. Ele não é uma pessoa de descansar, ele não é uma pessoa que aceita as férias pastorais, ele não aceita não estar em alguma atividade da igreja, ele quer estar em todas as atividades da igreja. Ele não se permite faltar programação da igreja para estar em reunião de família. E quando chega em casa já está exausto que só descansar.” (Esposa Pr. 2)

Os outros dois esposa/esposo declararam que a família vive bem porque compreende que a vocação do parceiro envolve toda família. Um destaca a importância da conscientização das dificuldades da vocação pastoral, mas que a família busca o equilíbrio através do diálogo. E o outro vai destacar a cobrança que a igreja faz sobre a família em especial o cônjuge, mas compreende e lida com isso de forma tranquila.

“A gente vê essa vocação pastoral na família como algo de muito valor e um comprometimento que tem que ser de todo mundo, de entender que não é uma

profissão, entre aspas, normal. Então a gente conversou muito sobre isso, se preparou para isso e a gente sempre viveu na família essa busca de um equilíbrio”.(Esposa Pr. 3)

“Ah eu não vejo diferença dentro de casa, a gente tem um vida normal, (...) como família, como marido, como família pastoral tem algumas cobranças que a igreja faz (...). Mas eu falo eu não sou pastor, o pastor é ela, ela que é a pastora. Ficou muito tranquilo nesta questão”. (Esposo Pra. 4)

Mello (2007) discorre sobre as dificuldades que surgem na relação dentro do ministério pastoral se o cônjuge não se sentir parte integrante deste serviço, onde mais cedo ou mais tarde o mistério sucumbirá. Pode-se observar a partir das narrativas, que não só o ministério pode sucumbir como também à família quando a esposa não se sente parte integrante dessa vocação ou quando essa vocação vem em primeiro lugar. A esposa/opode se sentir uma mulher/homem traído, uma vez que o esposo/a só têm olhos pela igreja. Neste ponto se justifica aqui o não envolvimento da esposa/o na igreja devido o sentimento de troca.

4.5.2.3 Filhos/as

Em relação às narrativas dos filhos, podemos observar que eles foram divergentes nas suas declarações. Dois filhos se mostraram alienados porque os pais não trazem problemas da igreja para casa. E também porque eles não se envolvem nos ministérios da igreja. Sendo assim, para eles pertencer a família pastoral ou não, isso não faz nenhuma diferença. Porém, os outros dois filhos demonstram um engajamento maior nos ministérios da igreja, e descreveram ter sofrido ou ainda estarem sofrendo com a dinâmica da família pastoral.

“É a gente, eu e minha mãe, sempre fomos à igreja com ele (...)” (Filho Pr. 3)

“(...) no meu caso não interfere muito não, porque ele é uma pessoa reservada (...). Ele não traz para casa os problemas do seu trabalho, da igreja”. (Filho Pr. 2)

“Foi difícil, é sempre muito difícil esse negócio de está sempre mudando, porque a gente vai mudar de casa, mudar de escola, vai mudar totalmente a vida e assim é muito difícil.” (Filha Pra. 4)

“Os conflitos existem porque a igreja teve e sempre tem problemas. As tensões existem na igreja né, a igreja ela cobra muito e causa muitos conflitos dentro da família pastoral, e aí a gente tem que saber administrar esses conflitos”. (Filha Pr. 1)

A partir das narrativas dos participantes percebemos duas vertentes. A primeira é que quanto maior o envolvimento dos filhos na vocação pastoral de seus pais, maior também é a possibilidade de tensão e sofrimento. A segunda é quanto maior o envolvimento dos filhos na vocação pastoral de seus pais, maior também é a possibilidade deles terem a sua própria (independente) vivência / experiência íntima com Deus. O primeiro caminho aponta para o sofrimento, tensão e crise, mas o segundo para a independência, libertação, o desabrochar de uma nova vocação (dos filhos) dentro de outra vocação (dos pais).

4.5.3 Vocação Individual ou Familiar

Optou-se por esta categoria no objetivo de analisar, comparar e discutir as narrativas dos membros da família pastoral sobre como eles tem compreendido e resignificado o chamado pastoral para dentro da família, como um chamado para todos os integrantes da família pastoral ou só do pastor (a)?

4.5.3.1 Pastores/as

Através das respostas às perguntas, três pastores reconheceram que o chamado é familiar porque num dado momento, aquilo que era só do vocacionado, passa influenciar a família. Ou seja, eles reconhecem que o chamado é divino e pessoal, e que haverá situações em que a família será afetada, ou seja, não tem como separar a família, pois ela acaba sendo envolvida direta ou indiretamente na vocação. Como exemplo: na itinerância, que gera mudança de endereço, casa, escola, trabalho e amigos; no apoio direto, atuando em algum ministério dentro da igreja ou apoio indireto, ouvindo, aconselhando e acompanhando; na renúncia, abrindo mão de algo que gosta de fazer ou de poder estar em algum lugar; no sofrer as cobranças e expectativas da igreja; nas rotinas, entre a família e a igreja porque o trabalho é de tempo integral; e outros.

“É individual o chamado, mas há momento que se mistura porque a esposa acaba participando dessa dimensão vocacional também. O filho também está envolvido nesta mistura, porém cabe aos pais filtrar bastante os conflitos para que seja uma mistura positiva”. (Pr. 3)

“Ela num certo sentido ela é individual. Há coisas assim eu carrego sozinha, não tem como compartilhar né. Mas para mim eu vejo que é também familiar. Porque é um ministério itinerante, que muda a vida de todos dos membros da família quando tem que mudar de casa, escola; onde a família tem que estar juntas nas ocasiões festivas como: natal, ano novo, dia das mães, dia dos pais; quando abro as portas da casa para fazer aconselhamento pastoral; quando viajo e o marido tem que assumir as obrigações de casa; apoiam assumindo um ministério na igreja”. (Pra. 4)

“Eu acho que não é dos filhos, não da família, mas a esposa ela tem que ser, tem que ter vocação para ser esposa de pastor. Porque se ela não tiver não consegue. Porque tem que ter vocação para ser esposa de pastor, não dá pra casar com pastor se não tiver vocação de esposa”. (Pr. 1)

Rainey (2000) aponta que a família pastoral deve abraçar o sofrimento junto. Ele acredita que os problemas enfrentados tanto no ministério pastoral quanto

na família são de ordem espiritual e que Deus capacita a família para resolver juntos os problemas, e assim fugir da desintegração familiar. O mesmo vale para os problemas de ordem ministerial. É importante que o casal compartilhe os vales de ossos secos, isto é, os problemas da igreja em conjunto para não sucumbirem.

Santana (2008) também é um dos teóricos que apoia a família pastoral sendo vocacionada para o ministério. Ele acredita que a família do pastor/a são pessoas únicas/escolhidas e que podem contribuir com o mistério participando ativamente, orando e intercedendo. Afirma que cônjuges e filhos de pastores/as são um ministério, pois na maioria das vezes eles se veem transformando adversidades em bênção e em vitórias. E conclui que a família do pastor/a é um legado de Deus para a humanidade e que jamais deve ser compreendido como um ministério de sofrimento ou peso, porque jamais Deus daria um fardo aos seus filhos. O próprio Deus pede que lancemos nossos fardos sobre Ele, e tomemos o seu jugo, porque seu jugo é suave e leve (Mt. 11.28-30). Desta forma os pastores e suas famílias devem buscar renovo e fortalecimento em Deus para continuar a jornada.

Há de se ressaltar, que apenas um pastor que foi determinado ao dizer que a vocação é individual, citando que o chamado é dele e cabe a ele responder sozinho por todas as demandas desta vocação.

“É individual, porque o chamado é meu,... A família ela pode ser bênção na minha vida estando comigo nessa caminhada e me dando apoio, sendo suporte, sendo coluna, mas o chamado é meu. Mulher de pastor não é pastora e filho de pastor não é pastorzinho (...)” (Pr. 2)

Para Gaby (2007) a esposa do pastor não tem o chamado para servir a igreja. Ela e os filhos não são a extensão do ministério do marido. Afirma que a esposa foi chamada para ser uma companheira do marido e não da igreja.

Ramos (s.d.) também acha que a família não pode estar envolvida no chamado pastoral. Ele aponta algumas críticas as igrejas que cobram da família pastoral (cônjuges e filhos) o mesmo desempenho que o pastor/a. Elas cobram que os cônjuges e os filhos sejam líderes de ministérios e que exerçam outras funções como tocar na igreja, fazer visitas e ministrar pregações. Para ele, a comunidade de fé tem que compreender que a família pastoral não é co-pastor/a e que precisa ser cuidada como qualquer outra família. Portanto, ele deixa claro que o chamado é do pastor e não da família pastoral.

4.5.3.2 Cônjuges

Os cônjuges na sua grande maioria entendem que a vocação pastoral é familiar, principalmente para o esposo e esposa. Já os filhos discordam, pois acreditam que serão vocacionados se assim desejarem. Eles compreendem que a presença, o apoio e o suporte indireto já é uma vocação que vem a contribuir na vocação pastoral, assim como um dom específico como cantar, ensinar e dançar. Há outras interpretações que não vêem este apoio como vocação, mas como um papel natural/espontâneo do cônjuge, independente da profissão exercida pelo companheiro.

“É pra família...” (Esposa Pr. 2)

“A esposa deve ser vocacionada já os filhos não”. (Esposa Pr. 1)

“Eu entendo que é familiar, porque eu tenho que apoiar, ouvir, entender que é um trabalho exige muito. Acho que se o marido ou a esposa do pastor se sente vocacionado acho que deveria assumir, eu não me sinto vocacionado para isso”. (Esposo Pra. 4)

“Eu acho que é individual, a vocação é dele, ele recebeu este chamado. E eu entendo que a família deve valorizar, compreender e acompanhar né. Dá todo apoio, todo o suporte, mas a vocação é de quem recebeu este chamado...”. (Esposa Pr. 3)

Gaby (2007) esclarece esta questão da vocação ser individual ou familiar com muita sutileza. Para ele a esposa do pastor não tem o chamado para servir a igreja. Ela e os filhos não são a extensão do ministério do marido. Ressalta que a esposa foi chamada para ser uma companheira do marido e não da igreja. E que em qualquer outra profissão como de médico, comerciante, professor, piloto e militar a família é mantida a distância sem qualquer envolvimento. O autor lembra que, quando o pastor é convidado para assumir uma igreja o salário é definido em cima do trabalho prestado por ele e não por toda a família pastoral. Com isso, a igreja pode exigir do pastor o desempenho do seu trabalho e não da atuação da esposa como vem ocorrendo em muitas igrejas. Contudo, o autor reconhece que há esposas de pastores que possuem o chamado e são vocacionadas por Deus para prestar um grande auxílio ao ministério pastoral. Reconhece também que se a esposa e os filhos puderem ajudar o ministério ficará mais completo. Do contrário, todas as demais esposas são membros como qualquer outro da igreja que precisam ser pastoreadas e acolhidas. Portanto, ele defende que a ajuda da família pastoral ao ministério é uma condição e não uma “obrigação”.

De acordo com as entrevistas realizadas, percebemos uma unanimidade no entendimento dos entrevistados (pastores, esposas e filhos) em dizer que o chamado é para todos, inclusive para os cônjuges. Todos os entrevistados fazem uma distinção entre chamado para ser “suporte”, apoio sem que isto tenha que assumir um cargo ministerial e o chamado quando o cônjuge assume um cargo dentro da igreja porque possui um dom e/ou habilidade. Ambos os chamados são importantes e nenhum é maior ou menor que o outro. Eles compreendem que o chamado para atuar diretamente na igreja é opcional e não uma obrigação. Todavia, o cônjuge exercendo um cargo ou não dentro da igreja ele já é um vocacionado/a, visto que o ministério pastoral não se restringe somente ao templo, mas principalmente no apoio e no suporte dado ao pastor (a) fora da igreja.

4.5.3.3 Filhos/as

Nesta questão os filhos ficaram divididos, metade deles concordaram que a vocação é familiar. Isto é, confirmaram ser deles também e outra metade concordaram que é individual. Ou seja, é somente do membro vocacionado, no caso o pai ou a mãe.

“Eu acho que a família tem que envolver um pouco porque se não fica difícil... Embora a vocação seja dela, o chamado seja dela a família acaba indo no pacote junto. Gosto de me envolver naquilo que eu gosto de fazer, por exemplo, dançar...” (Filha Pra. 4)

“Não, o chamado é só do meu pai, tanto é que não hereditário o que ele faz, o que ele se tornou é individualmente para ele. Então cada um tem a sua vocação, ele é vocação pastoral e eu posso ter uma outra vocação referente outra coisa, não que seja uma vocação de família toda.” (Filho Pr. 2)

Podemos diferenciar os filhos de pais que são pastores de igrejas pentecostais e neopentecostais e de filhos de pastores de igrejas tradicionais, como por exemplo, a igreja Metodista. Os filhos de pastores pentecostais/neopentecostais são estimulados, e às vezes obrigados desde pequenos almejam o pastorado. Isto porque quando no futuro o pai-pastor se aposentar o seu sucessor, nada melhor, será o seu próprio filho. Essas igrejas funcionam nos moldes da monarquia onde o trono é passado de pai para filho. Aqui prevalece o ditado popular: “a esposa de pastor é pastora e filho de pastor é pastorzinho”. Diferentemente das igrejas tradicionais onde os filhos não assumem o cargo dos pais caso não passem por todo o processo de formação exigida pelo regimento da igreja. Portanto, uns são encaminhados a serem pastores outros são chamados por Deus para serem pastores.

Rainey (2000) enfatiza que os filhos devem continuar o ministério dos pais. A missão não é somente do casal como também dos filhos. Ele vai dizer que os pais não devem só ensinar e transmitir o conhecimento da Bíblia aos filhos, mas também deve levá-los a uma prática, a uma experiência com Deus, de modo que eles se sintam vocacionados e parte do ministério dos pais. Rainey

(2000) deixa um recado aos pais: “É sua responsabilidade e minha. Você e eu fazemos parte de uma corrida de revezamento de gerações em que temos que fazer um bom passe para a próxima geração”. Portanto, acreditamos também que a forma como os filhos vivenciam a vida pastoral vai determinar ou não a entrada deles no ministério pastoral.

4.5.4 Conflitos

Optou-se por esta categoria porquê de acordo com os autores citados no tópico 3.2 deste trabalho a família do pastor/a tem experimentado tempos de conflitos e tensões na missão de conduzir, auxiliar e ensinar ao povo uma caminhada de fé e comunhão com Deus. Sendo assim, esta categoria intitulada “conflitos” tem a intenção de conhecer quais os conflitos e tensões que a família pastoral tem experimentado hoje entre a vida pública e privada.

4.5.4.1 Pastores/as

Dois dos pastores concordaram que os conflitos existentes na família pastoral, na sua maioria, advêm da igreja. Os conflitos podem ser classificados da seguinte forma: de ordem ministerial, que são considerados os conflitos institucionais (regimentos, plano de ação, ideologias) e os conflitos entre o corpo de pastores; de ordem da igreja, que são considerados os conflitos entre membros e o pastor, entre os membros e entre os mistérios da igreja; de ordem pessoal, que são conflitos pessoais dos membros da igreja; e de ordem pessoal do pastor, que são conflitos relacionados diretamente ao pastor, como por exemplo, a dificuldade de separar tempo para família. Os maiores conflitos relatados pelos pastores foram: separar tempo para a família e colocar a família em segundo plano em detrimento da igreja. Porém, dois pastores afirmam que não tem conflitos em suas famílias porque não levam problemas da igreja, do ministério para casa.

“O conflito aparece quando se dá mais valor para igreja do que para esposa e filhos”. (Pr. 1)

“O conflito está na dificuldade de colocar limite no meu mistério e separar tempo para família.” (Pra. 4)

“Nunca tive dificuldades porque eu deixo muito claro que o papel da família diante da igreja, tanto da esposa quanto do filho são papéis de membros como todas as outras pessoas. Nunca tive conflito porque não levo para casa os problemas da igreja”. (Pr. 2)

“Não trago nenhum tipo de conflito para casa, nem problemas de igreja com o pastor, de conflitos membros com outros, ou de tensões entre os pastores”. (Pr. 3)

Pensando nestas falas acima será que estes pastores que declaram não ter conflitos em casa estão também conseguindo administrar o seu tempo para se dedicar a família? Será que eles conseguem colocar suas famílias em primeiro lugar? Ou fazem vistas grossas para os conflitos familiares e lidam com a família como se nada de errado estivesse acontecendo? Na narrativa abaixo podemos observar com mais clareza a divergência no sentido e na compreensão do que significa “conflito”. Para um cônjuge não ter tempo para a família isto já é um conflito. Já para o esposo que é pastor isto não é visto como conflito. Somente quando é questionado sobre o tempo disponibilizado para família que ele reconhece a existência de um conflito pessoal, mas mesmo assim ainda espera que sua família compreenda a sua ausência.

“Não há conflitos referente aos problemas da igreja porque o pastor não traz nada para casa. Porém, há conflito quanto ao tempo disponibilizado para família.” (Esposa Pr.2)

“Nunca tive conflito porque não levo para casa os problemas da igreja. Então esta é uma área que esta sim já causa mais um conflito pessoal, porque haverá momentos em que eu gostaria de dar mais atenção à família, mas há uma

demanda pastoral que exige a minha presença. Aí eu conto muitas vezes com a compreensão da...ou espero conta com a compreensão da família”. (Pr. 2)

De acordo com Leite (2005, p.46) “o pastor (a) deve com muita humildade, à luz da realidade e das necessidades pessoais e familiares fazer uma avaliação, reconhecer suas carências e falhas, na busca de caminhos alternativos para a melhoria do relacionamento familiar”. Desta forma percebemos que o pastor deve procurar com muita habilidade criar um ambiente de escuta familiar e de avaliação do seu próprio desempenho dentro de sua casa, e não somente se preocupar se está ou não trazendo problemas da igreja para a sua família. Dessa forma, ele poderá atuar em duas vertentes. Primeiro impedindo que os problemas de fora (igreja) entrem pela porta da frente de sua casa gerando conflitos internos. E segundo impedindo que os problemas de dentro de sua casa (família) sejam banalizados, negligenciados causando uma tensão camuflada.

4.5.4.2 Cônjuges

A metade dos cônjuges afirmou que os conflitos ocorrem quando os parceiros trazem os problemas da igreja para dentro de casa. Somente uma disse que não há conflitos porque o marido não traz problemas de fora para dentro de casa, e que o diálogo entre eles contribuí para a harmonia familiar. A outra metade afirmou não ter conflito de ordem ministerial, porque o marido não traz os problemas da igreja para casa. Porém, confessou que há problema de ordem pessoal do pastor que não consegue separar tempo para a família.

“Os conflitos são mais por causa da igreja mesmo, porque a igreja traz muito problema para dentro da casa da gente”. (Esposa Pr. 1)

“Não há conflitos porque tem sido um caminho de muito diálogo e porque os problemas da igreja não são trazidos para casa”. (Esposa Pr. 3)

“Não há conflitos referente aos problemas da igreja porque o pastor não traz nada para casa. Porém, há conflito quanto ao tempo disponibilizado para família”. (Esposa Pr. 2)

Gonçalves (2010) ressalta que há muitas esposas de pastores que ficam apenas como sobra. Isto é, não possuem vidas próprias, parecem “vaquinhas de presépio”, estão ali de enfeites. Por isso, é que no trabalho foram ressaltadas algumas atitudes para o pastor amar e liderar sua esposa e sua família, porque se trata de um assunto pouco explorado, buscado pelos pastores.

Nas narrativas observamos que os maiores conflitos não estão relacionados com a incompatibilidade entre os cônjuges ou problemas particulares da família pastoral, mas são oriundos de questões externas, como problemas ministeriais e problemas de administração do tempo por parte do pastor. Nesse sentido, a família, o cônjuge acaba sendo colocado de lado, em detrimento da demanda da igreja como expressou o autor acima.

4.5.4.3 Filhos/as

Dois filhos reclamaram que os conflitos existem e estão relacionados com as cobranças e as expectativas que a igreja coloca sobre eles de serem perfeitos e de não poderem errar. Para eles também os conflitos advêm de fofocas e mexericos a respeito da família pastoral, injustiças e desrespeito da igreja para com o pastor e da ausência dos pais na sua vida particular (escola, lazer). Somente um filho ressaltou a ausência do pai por conta da demanda da vocação e o outro filho que não apresentou nenhum conflito de qualquer ordem.

“(...) muitas vezes a gente fica revoltada com os acontecimentos na igreja né, e aí você vê muita injustiça, vê muita cobrança injusta, muitos falatórios. Enfim todos os problemas que é, que tem em qualquer igreja, fofoca, pessoas que não respeitam pastor e aí você como filha de pastor você quer a todo o custo

que teu pai seja a autoridade, seja respeitado, e seja amado, seja cativado”. (Filha Pr. 1)

“(...) sempre teve conflito de (...) por exemplo apresentação de escola a minha mãe não podia estar porque estava na reunião de trabalho, dia das mães tem que estar na igreja não consegui ver ela muito bem (...)” (Filha Pra. 4)

“O pai é uma pessoa muito reservada e não traz conflitos da igreja para casa. A dificuldade é conciliar o tempo para a família porque ele dá prioridade para a igreja”. (Filho Pr. 2)

“Eu nunca tive esse problema, muito, pelo contrário, me trata melhor, não melhor do que os outros, mas me trata bem eu nunca tive nenhum problema de brigas ou conflitos.” (Filho Pr. 3)

Através das respostas obtidas observamos que os conflitos são gerados tanto pela igreja como também pelos próprios pais/ mães, pastores (as), mas ambos estão relacionados à vocação. Nas narrativas ficou claro que ainda que duas famílias pastorais estejam passando pela fase complexa da adolescência do ciclo de vida dos seus filhos os problemas maiores continuam sendo de ordem ministerial (igreja).

Os conflitos citados pelos filhos acima ressaltam a fala dos autores a seguir. Nunes (2007), afirma que além dos filhos de pastores/as serem vistos pela igreja como exemplo a serem seguidos, uma vez que seu pai/mãe é pastor/a, ele devem também dar exemplo. Gaby (2007) diz que os filhos de pastores/as sofrem alta pressão e cobrança irreais. E Netto (2005) diz que os filhos e filhas de pastores também sofrem com a falta de comunicação. O tempo entre eles e o pai/mãe pastores, que estão sempre ocupados com o ministério, é muitas vezes pequeno, para não falar que quando estão com os filhos não tem paciência de dialogar, ensinar e compartilhar.

4.5.5 Limites

Para esta quinta categoria optou-se em averiguar através das narrativas como os pastores/as tem administrado o tempo e as atividades da família e do ministério pastoral. A análise parte da prioridade, da atenção, da equação que esses pastores vocacionados tentam realizar a fim de que divisão do seu tempo seja algo equilibrado.

4.5.5.1- Pastores/as

Todos os pastores confessaram ter muita dificuldade de colocar limite sem si mesmo em detrimento a demanda dos trabalhos da igreja. Isto é, de separar tempo para as necessidades da familiar devido a grande demanda da igreja. Exceto um pastor que afirmou saber separar bem as necessidades, principalmente no que se refere ao lazer.

“É talvez essa seja uma área mais difícil, porque vamos estar falando de tempo. A família precisa de um tempo não como pastor mas como pai ou como esposo e a igreja demanda um tempo também. Então esta é uma área, que esta sim, já causa mais um conflito pessoal, porque haverá momentos em que eu gostaria de dar mais atenção à família, mas há uma demanda pastoral que exige a minha presença”. (Pr. 2)

“Ainda é muito difícil separar a vida familiar da vida ministerial. A família acaba ficando em segundo plano por conta da demanda da igreja”. (Pra. 4)

“É esta eterna pergunta que a gente faz a nós mesmos, que eu tenho que atender a demanda da igreja, tenho que visitar, tenho que ir atrás, tenho que telefonar e não posso esquecer das demandas da família, das necessidades da família”. (Pr. 1)

“Eu sempre me esforcei de ter o período de férias e não vou a nenhuma igreja neste período. Dedicção à família (...)”. (Pr. 3)

Observamos o quanto os pastores demonstram ter dificuldades para estabelecer limites e fazer mudanças na sua vocação para ter mais tempo com

suas famílias. Minuchin (1982) cita três fronteiras que definem a habilidade da família para se adaptar às mudanças. A primeira denomina de fronteiras claras, são firmes e flexíveis, pois permite o máximo de adaptação dos membros da família às mudanças. A segunda, fronteiras rígidas – que é inflexível há pouca comunicação que limita o apoio e adaptação afetiva, gerando o desligamento entre os membros da família. E a terceira, fronteiras difusas – que implica num emaranhado onde todos sabem da vida de todos. Pensando nesta vertente observamos que muitas famílias pastorais possuem fronteiras rígidas, inflexíveis, que não se comunica, não se dialoga, podendo gerar com isso rompimentos e distanciamentos entre os membros da família e entre a família e a igreja.

Nas entrevistas analisadas percebe-se o quanto os pastores/as criam fronteiras rígidas sem diálogo entre a família e a igreja no intuito de evitar conflitos e preservar a sua casa dos problemas da comunidade de fé. Por outro lado, percebe-se também que os pastores/as em muitas situações acabam não conseguindo estabelecer um equilíbrio do seu tempo, deixando sua família descoberta e desprovida de cuidados. Como exemplo, veremos abaixo o relato das esposas apontando esses fatos.

4.5.5.2 Cônjuges

A maioria dos cônjuges afirmou que o pastor/a não consegue separar as necessidades da família e as necessidades da igreja. Somente uma esposa declarou ter resolvido este problema separando um dia da semana para família. Os demais alegam que a dificuldade de separar está relacionada ao excesso de trabalho que demanda a igreja.

“Há muitos anos não separava, largava a os filhos para se dedicar aos trabalhos da igreja. Hoje está se dedicando mais com a família”. (Esposa Pr. 1)

“Eu separo ele não separa, para ele é só igreja, só, só e só”. (Esposa 2)

“A gente procura conversar, tratar, mas tem conflito não tem como, isso gera um conflito grande ainda”. (Esposo Pra. 4)

“(...) a gente aprendeu e que a gente precisava é ter tempo para gente, que muitas vezes a igreja consumia o nosso tempo todo. Então a gente tomou a decisão (...) que a gente ia separar o sábado”. (Esposa 3)

De acordo com Gaby (2007) muitos pastores cometem erros descuidando da esposa e dos filhos ao dedicarem todo o seu tempo e atenção ao ministério. O autor também menciona que existem esposas que sofrem por não se dar o direito de questionar a conduta e a postura do marido visto que ele está a serviço de Deus, ou seja, debaixo da direção do Senhor. A esposa do Pr. 2 diz assim: *“Todas as mulheres reclamam disso e nós esposas de pastores reclamamos e muitas vezes não reclamamos porque a gente sabe que aquilo que ele está fazendo é uma coisa de Deus”*. Portanto o número de esposas insatisfeitas deve ser maior do que imaginamos se pensarmos que muitas delas acham que não tem o direito de reclamar, de reivindicar.

Como exemplo, chegamos a conhecer através do atendimento clínico uma esposa de pastor que estava desenvolvendo um quadro depressivo sem motivo aparente. Depois de uma entrevista com uma psicóloga identificou-se que sua depressão estava associada ao afastamento afetivo do esposo, que já não a procurava para o ato conjugal aproximadamente a mais de dois meses. Ela se conformava com a justificativa do esposo que alegava já estar velho, acima dos 40 anos se que não havia necessidade de manter uma relação sexual ativa já que estavam acostumados a não ter. Porém, conforme o relato da esposa o marido se mostrava incansável nos trabalhos da igreja, mas em contrapartida se mostrava velho e cansado para investir na área conjugal. Quando o pastor não consegue separar as necessidades da família e da igreja, ele acaba anulando uma para não ter que se deparar com uma escolha ou com um pedido de mudança.

4.5.5.3 – Filhos/as

Três filhos afirmaram que conseguem separar as necessidades da igreja das necessidades pessoais, mesmo diante das cobranças excessivas da igreja. Somente um filho se referiu a estratégia do pai para separar as necessidades pessoais das necessidades da igreja.

“(...) eu me vejo como um membro normal, eu separo, sou uma pessoa reservada. Daí as pessoas já percebem que sou uma pessoa reservada, que não gosto e não procura para ministério porque o meu pai exerce a função de pastor”. (Filho Pr. 2)

“Acho que meus pais souberam dividir isso e não cobraram de forma excessiva. Ele soube dosar, equilibrar e não impôs o chamado dele sobre nós”. (Filha Pr. 1)

Observamos que os filhos estão conseguindo separar as necessidades pessoais das necessidades da igreja mesmo estando numa posição de muitas cobranças e expectativas.

4.5.6 Filhos/as Sobrecarregados

Optou-se por esta categoria porquê de acordo com os autores citados no capítulo. III os filhos/as de pastores/as são vistos pela igreja como exemplo a serem seguidos. Por isso, não podem errar e nem envergonhar a igreja. Esses filhos/as sofrem a alta pressão e as cobranças irreais por parte da igreja e, às vezes, também por parte dos pais. Muitos deles devido às pressões acabam se afastando da igreja. Portanto, esta categoria teve a intenção de averiguar como os filhos de pastores/as tem vivenciado esta pressão por parte da igreja, e quais as causas que muitas das vezes levam ao “esfriamento” (o estar na igreja sem compromisso) ou mesmo ao afastamento da igreja.

A maioria dos entrevistados declararam que a cobrança e expectativas das igrejas com os filhos de pastores são exagerados e irreais. As respostas dos participantes foram variadas a respeito dos filhos de pastores que se afastam das igrejas. Inúmeros foram os motivos que eles levantaram, mas as repostas que mais prevaleceram estão correlacionadas com a postura da igreja para com os filhos de pastores e na conduta dos pastores para com seus filhos.

Falas relacionados à igreja:

“(...) porque viram também os pais sendo maltratados, viram coisas horríveis de uma igreja cruel para a vida dos pais, viveram isso, viram isso na casa, viram os pais chorando, viram os pais se lamentando, viram os pais sendo colocados ao ridículo, viram os pais passando necessidades financeira (...)”. (Pra. 4)

“(...) cansaço e a desmotivação em decorrência dos problemas da igreja”. (Pr. 1)

“Primeiro eu acho que tem muitas vezes certas posturas de obrigatoriedade que são colocadas sobre os filhos (...), das expectativas que a igreja coloca, que a família do pastor tem que ser a família pastoral, que todo mundo é pastor, tem que ser modelo e tudo mais. E a itinerância, ou seja, a mudança de igreja pode gerar a falta de identificação com a comunidade”. (Esposa Pr. 3)

“Os filhos de pastores cansam dessa cobrança, desse papel que ele tem que exercer (...)” (Filha Pr. 1)

“Cobrança da igreja em cima dos filhos do pastor. E as críticas que os membros fazem a respeito do trabalho do pastor”. (Esposa Pr. 1)

Ficou evidente nas entrevistas que em algumas igrejas essa pressão tem sido muito desumanizante para com os filhos/as dos pastores/as. Pois, essas igrejas têm cobrado demasiadamente a postura, atitude e o desempenho ministerial. Essas criam expectativas irreais em cima dos filhos/as de pastores/as exigindo que esses sejam modelos perfeitos para os filhos dos membros da igreja. Quando os filhos/as de pastores/as não alcançam esse

padrão idealizado pela comunidade, esta mesma comunidade os expõe a situações de rebaixamento, criticando e ridicularizando suas atitudes e seus pais (pastores/as) que não conseguem impor este “padrão” aos seus filhos. Desta forma acabam cobrando os pastores/as de forma direta e indireta a sua postura com seus filhos. Uma vez que esses (pastores/as) não conseguem exigir algo dos seus próprios filhos, como esses poderão exigir algo dos filhos dos membros.

Falas relacionadas à conduta do Pastor

“Os pastores não souberam separar adequadamente a vida pastoral da vida familiar. Impuseram talvez aos filhos muitas obrigações, impuseram posturas e não souberam dar a liberdade aos filhos”. (Pr. 2)

“(...) mas eu creio que a maioria dos casos é porque vem à dedicação absurda que eles têm com a igreja, com o trabalho e o tanto que as pessoas sugam deles que quando chegam em casa não tem mais saúde para (...), não tem mais tempo, não tem mais vigo”. (Esposa Pr. 2)

“Talvez sejam os filhos de pastores que se sentem envergonhados porque os pais estão envolvidos em escândalo de corrupção”. (Filho Pr. 2)

“Ah, na minha opinião porque eles perderam os pais para igreja. Viram muitas vezes que os pais, os pastores priorizaram a igreja”. (Pra. 4)

Gaby (2007) resume em três os aspectos aos quais os filhos (as) de pastores estão sujeitos a sofrer: 1) Omissão dos pais (marcas indelévels); 2) Tratamento inadequado da igreja e às vezes dos próprios pais; 3) Expectativas irreais da igreja. Analisando as falas dos entrevistados verificamos os mesmos aspectos levantados pelo autor acima. Os filhos sofrem e acabam se afastando da igreja porque perdem o pai para o pastor. Isto é, o excesso de compromisso dos pastores acaba roubando a função de pai dos filhos. Entre os aspectos mencionados acima podemos também citar a cobrança excessiva dos pais (pastores/as) sobre os filhos/as impedindo que eles/as tenham liberdade de escolha – ter uma vida “comum” como membro de igreja ou uma vida separada

vocacionada ao serviço ministerial / pastoral. Outro ponto que não podemos omitir se refere ao testemunho pessoal dentro e fora da casa / igreja. Ser um pai/mãe sem testemunho de vida dentro de casa e na igreja estar envolvido com escândalos, corrupção e favorecimentos impróprios também tem sido fatores apontados pelos filhos como um dos motivos possíveis de afastamento da igreja.

Falas relacionadas ao filho

“Acho que não seja por causa dos pais pastores, mas por eles tomarem caminhos, pensamentos mais críticos inconcebível nas igrejas”. (Pr. 3)

“(...) muitos filhos de pastores não querem ser visto como evangélicos”. (Filho Pr. 3)

“(...) a maioria dos filhos de pastores eu acredito que saiam porque querem ser pessoas normais, não ser visto como o filho do pastor que tem que ser igual ao pai (...)”. (Filha Pra. 4)

Em algumas narrativas percebe-se que a decisão de não permanecer na igreja vem do próprio filho que decide trilhar outros caminhos, independentemente se houve sofrimento na caminhada ou não pelas igrejas por onde passou com os seus pais. No entanto, segundo as narrativas o fator “igreja” é o que mais tem influenciado nesta decisão de se afastar.

4.5.7 Escolher a Igreja ou a Família

A escolha desta categoria tem a intenção de analisar/compreender através das narrativas qual seria a opção dos pastores/as se em determinada circunstância da caminhada ministerial tivesse que escolher entre o ministério pastoral/igreja e a família. Averiguar/Conhecer a ordem estabelecida por cada pastor/a em seu ministério: “família – igreja” ou “igreja – família”. E o que leva os mesmos/as fazerem esta opção.

Todos os pastores foram unânimes em ressaltar que diante da decisão entre a vocação e a família escolheriam a família. Alegaram que a família vem em primeiro lugar e que esta seria a vontade de Deus. Porém, percebemos nas narrativas que eles não conseguem responder esta indagação de forma pronta, imediata. Exceto um pastor que prontamente afirmou: *“Com certeza a família”* (Pr. 1) Os demais hesitaram até responder que escolheriam a família, mas antes tentariam fazer de tudo para conciliar os dois, família e vocação para não ter que abandonar um detrimento do outro.

“Eu não vivi esta situação assim sabe, para ser testado. Se eu vivesse ou se eu viver eu não saberia (...) eu acho assim que eu ia tentar de tudo para conciliar os dois. Mas eu acho na altura da minha vida eu consideraria que uma prioridade para a família.” (Pr. 3)

“Mas vamos dizer que haja uma situação dessa, que é hipotética, não consigo imaginar nunca cheguei perto de uma situação assim. Sem dúvida a vida familiar ela sempre tem a precedência diante de Deus”. (Pr. 2)

“Ora tem que ser uma questão mas muito, muito, muito, muito, muito delicada mesmo. Muito, porque meu Deus eu não me vejo assim fazendo outra coisa, sabe assim, a vocação, o ministério eu não consigo. Ficaria com a família, mas teria que ser algo muito pesado, muito difícil mesmo”. (Pra. 4)

A partir das narrativas podemos perceber algo paradoxal. Pois se a família está em primeiro lugar ao ponto de ser escolhida, então porque muitos pastores não conseguem administrar o seu tempo para investirem mais na família, como afirmaram anteriormente?

Gonçalves (2010) diz que há pastores que estão precisando de cura, porque se perderam no cuidado com a sua família em detrimento do trabalho ministerial. Ele questiona que vantagem tem o pastor ganhar o mundo inteiro e perder a sua família. “Se perder sua família, perdeu seu maior patrimônio. Quem não é capaz de liderar a própria casa, não é capaz de liderar o povo de Deus”. (GONÇALVES, 2010, s.p.)

De acordo com Gaby (2007) muitos pastores cometem erros descuidando da esposa e dos filhos, e dedicando todo o seu tempo e atenção ao ministério. A própria Bíblia (1995) ressalta em Cantares 1.6 “(...) *me puseram por guarda de vinhas; a vinha que me pertence não guardei.*” O autor interpreta este verso da seguinte forma: “*Puseram-me para cuidar dos membros da igreja, e da minha própria família descuidei*”.

Todavia a própria Bíblia alerta aos vocacionados quanto ao descuido da família em detrimento do trabalho pastoral. A intenção bíblica é de sinalizar ao vocacionado/a sobre a facilidade de se perder a família pelo encanto e pela demanda de trabalho da igreja. Esta questão ficou bem explícita quando os pastores/as apresentaram certo grau de dificuldade em comentar suas escolhas durante o período de pastorado. Embora, a escolha de todos fosse “primordialmente” pela família, todos foram unânimes em afirmar que tentariam de tudo, o possível e o impossível, para permanecerem com os dois, família e igreja.

4.5.8 Conselhos

A última categoria tem como intuito pontuar através das narrativas quais seriam as sugestões, possibilidades de novas maneiras e alternativas para um viver mais tranquilo e saudável para as famílias pastorais que estão no início do ministério. A intenção não é de promover o demérito da vocação pastoral, mas o re-encanto pelo chamamento ao serviço de Deus.

Interessante que os pastores e cônjuges deram conselhos para as famílias (pastor/a e cônjuge) e os filhos deram conselhos para os filhos. Variados foram os conselhos. Esses serão colocados em tópicos abaixo.

Conselho para a família pastoral:

- 1- Amar a família e as pessoas da igreja;
- 2- Não colocar a família em último plano;

- 3- A esposa não deve atrapalhar o ministério do marido, renunciar quando necessário e não impor sua decisão na igreja;
- 4- O pastor deve saber dividir um tempo com a família e com a igreja para desfrutar momentos de lazer com a família;
- 5- A família deve buscar a Deus em primeiro lugar;
- 6- A família tem que orar, dialogar, ser unida e transparente um com outro;
- 7- Casar com idade avançada e ter filhos depois dos 35 e 40 anos;
- 8- Tirar férias e não ir à igreja;
- 9- A família precisa conversar, planejar e avaliar;
- 10- Estabelecer distinção entre a família e a igreja, pois a família tem que ter a sua identidade própria;
- 11- Viver dentro dos princípios evangélicos;
- 12- Vivam uma vida familiar feliz, alegre, leve, sem ter o peso de uma vida pastoral;
- 13- Não se deixam ser influenciado pela igreja (cobranças e expectativas);
- 14- Peçam a Deus muita direção e discernimento;
- 15- Esposas, conversem, brinquem com todos da igreja, mas não dê a sua opinião;
- 16- Participar de grupos terapêuticos para pastores: “Pastoreio de Pastores”;

Os conselhos dados pelos entrevistados para a família pastoral envolveram a vida familiar, ministerial e espiritual. Ou seja, o pastor/a deve estar atento as necessidades da família no que se refere atenção, diálogo, carinho, afeto e lazer. O pastor/a deve cuidar do seu ministério se capacitando, aprimorando-se através de grupos terapêuticos para pastores. Ele/a precisa aprender a separar as cobranças e expectativas da família e da igreja, e dessa última não ser influenciado. O pastor/a como toda a sua família deve buscar a Deus em primeiro lugar viver dentro dos princípios evangélicos que são a base de toda “boa construção familiar firmada na rocha”. E quanto ao cônjuge, especificamente, este deve procurar não interferir nas decisões ministeriais, mas deve ser carismático e simpático como todos os membros da igreja.

Conselho para os filhos

- 1- Preparar para as mudanças que ocorrem por causa da itinerância dos pais;
- 2- Estar sempre do lado dos pais nesta vocação;
- 3- Não deixar de ser evangélico – abandonar a igreja;
- 4- Respeitar o chamado dos pais;
- 5- Promover a harmonia na família.

A partir das narrativas é interessante observar que todas as sugestões dadas pelos entrevistados para os filhos/as de pastores/as estão direcionados para a vocação pastoral. Isto nos leva a compreender que os filhos fazem parte desse chamado pastoral como cita alguns autores no tópico 3.2. Segundo os entrevistados, os filhos/as devem ser flexíveis quanto as mudanças ministeriais de seus pais, procurando sempre estar ao lado deles, respeitando e promovendo a harmonia na família.

Estas orientações não diferem dos que foram citados nos capítulos anteriores. Isto só vem ressaltar o quanto que a família pastoral precisa caminhar para conseguir resolver seus conflitos e tensões que surgem na dimensão entre o privado e o público. Observamos que essas orientações servem para as famílias pastorais que estão no início do seu ministério quanto para as famílias que já estão em curso no ministério.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o meu trabalho de conclusão de curso comecei a me deparar com informações nunca antes refletidas a respeito dos percalços que a família pastoral enfrenta frente ao exercício de sua vocação. A surpresa maior veio quando parti para o campo a fim de realizar as entrevistas com as famílias pastorais. Ao ouvir o relato de alguns membros da família pastoral me senti profundamente emocionada diante de duas realidades paradoxais que coexistem simultaneamente. Uma retratada no amor sublime ao chamado de Deus para pastorear vidas e o outro retratado na realidade difícil, trabalhosa, cansativa e algumas vezes dolorosa de viver esta vocação.

Nas entrevistas percebi que alguns membros da família tiveram a oportunidade de desabafar, de falar da vocação pastoral sem se sentirem constrangidos e culpados. Tive a sensação que eles puderam dar “voz” a um sofrimento, uma angustia, uma solidão que não pode ser dito, expressado no seu dia a dia. Talvez por não terem com quem desabafar ou por causa do tema ser um assunto ligado ao “mundo espiritual”, divino, do qual eles não podem se queixar. Observei também que os pastores se sentiram confrontados, testados na pergunta em que eles tinham que escolher entre a vocação pastoral e a família. Demonstraram muita dificuldade para chegar à conclusão que eles escolheriam a família. Enfim, este trabalho é apenas o início de um estudo que precisa ser melhor aprofundado, investigado com uma maior intensidade e especificidade.

Neste ressaltar três pontos que foram pertinentes no estudo deste tema, a compreensão da vocação pastoral pela família dos pastores/as, os conflitos e tensões que estas famílias vivem diante do chamado e os caminhos e alternativas para viver esta vocação de forma leve, feliz e satisfeita.

A vocação pastoral é compreendida por todos os membros das famílias entrevistadas como um chamado divino, uma escolha divina, que vai além do desejo do homem. Para eles o homem não escolhe a si mesmo, nem tão pouco

decide por si só viver esta vocação, mas é um chamado que ele identifica na sua relação com Deus. Partindo do entendimento bíblico o chamado é algo divino, pessoal. Porém, para todos. Todos os que aceitaram o convite de fazer parte da família de Deus são vocacionados por Jesus para ir e pregar o Evangelho a toda à criatura. César (1997) afirma que todo ser humano remido em Cristo é vocacionado. Ou seja, a vocação para servir é elemento intrínseco ao homem, faz parte de sua personalidade, é plano de Deus para aqueles que creem em Jesus. Diante de Deus todos são chamados para uma determinada missão conforme o dom recebido por Ele. Como explica o apóstolo Paulo na carta aos Efésios destacando que Deus distribuiu os dons entre os homens e chamou uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, outros para pastores e doutores, no intuito de sermos “corpo” completo em Cristo.

Depois de pensarmos na vocação pastoral como sendo um chamado divino e pessoal que está intrinsecamente relacionado com os dons recebidos de Deus, ainda nos perguntamos se a vocação pastoral é individual ou familiar? E se todos forem vocacionados, como fazer a família perceber esta vocação? Diante das narrativas, oito pessoas, entre elas três pastores, três cônjuges e dois filhos, disseram que a vocação pastoral é para todos da família, principalmente para o cônjuge. Alguns pastores ressaltaram que os filhos têm o direito de desejarem ou não estar envolvidos nesta vocação. E que também haverá questões específicas do ministério que caberá somente o pastor/a resolver, como por exemplo, problemas e conflitos com os membros da igreja.

A família compreende que a presença, o apoio e o suporte indireto faz parte da vocação e vem contribuir muito no ministério pastoral, assim como conviver com as privações e mudanças por causa da itinerância (vide Cap. 1 pag.10). Assim como relata a Pra. 4: *“...eu vejo que é também familiar. Porque é um ministério itinerante, já começa por aí. Então assim quando mudo eu não mudo sozinha, às vezes nos mudamos de casa, nós mudamos de bairro, muda-se de escola, né. Então acaba sendo familiar também, acaba sendo familiar quando você não consegue passar o natal com a sua família, com os seus parentes.*

Porque você tem culto na igreja e privam a eles também. Então acaba ficando junto.”

Santana (2008) afirma que a família pastoral é vocacionada para o ministério. Ele acredita que a família do pastor/a são pessoas únicas/escolhidas por Deus e que podem contribuir com o mistério participando ativamente, orando e intercedendo. Mello (2007) vai acrescentar dizendo que o cônjuge faz parte do chamado de Deus, porém, ele deve desenvolver o dom que Deus lhe deu sem se cobrar por aquilo que não tem aptidão para fazer. Partindo desse princípio, Deus concede para família pastoral dons para assumir este posto, este chamado. Talvez não sejam dons tão evidentes e explícitos como o de cantar, tocar, pregar, mas que sustenta uma vocação. Podemos perceber esta busca de dom na fala de uma esposa: *“dentro da minha casa, de uns anos para cá mais de dez anos, foi pela insistência minha com Deus. Porque eu dizia: _ Deus, o Senhor me escolheu e o Senhor disse que me capacitaria, então eu quero essa capacidade vinda de Ti.”* Pensando nesta vertente concluímos que pertencer a família pastoral já é um dom, pois Deus os uniu e os capacitará para exercerem juntos esta vocação.

Rainey (2000) enfatiza que a missão não é somente do casal como também dos filhos. Ele vai dizer que os pais não devem só ensinar e transmitir o conhecimento da Bíblia aos filhos, mas também deve levá-los a uma prática, a uma experiência com Deus, de modo que eles se sintam vocacionados e parte do ministério dos pais.

Santana (2008) acrescenta que filhos de pastores/as que vivem o chamado pastoral crescem vendo adversidades sendo transformadas em bênção e em vitórias, trazendo conhecimento, experiência e maturidade. Nas entrevistas realizadas com os filhos de pastores, podemos observar que os filhos mais envolvidos na vocação pastoral apresentavam, de fato, mais relatos de sofrimento. Porém, também eram os mais conscientes da realidade da família pastoral e mais maduros espiritualmente. Ou seja, relataram mais experiências com Deus. Já os que não se envolviam na vocação pastoral se mostravam

inábeis a respeito do assunto família pastorais e com poucas, às vezes, nenhuma experiência espiritual com Deus, mostrando assim certa imaturidade.

Portanto, a família pastoral só irá compreender que eles são vocacionados se entenderam que estão no mesmo “barco”. Isto é, querendo ou não eles são influenciados por este chamado, pois sofrem com a itinerância, ausência e renúncias. É impossível viver na família pastoral estando neutro ao chamado, pois se está no mesmo “barco” terá o mesmo destino e navegará pelos mesmos mares.

Podemos também observar nos pastores que quanto mais imerso, quanto mais envolvido na missão de pastorear maior resultado quantitativo e qualitativo eles alcançam dentro dos propósitos da missão do Reino de Deus. Ou seja, o pastor profundamente envolvido com o trabalho de evangelização e ensino tem maiores possibilidade de promover a fé e o crescimento e a maturidade espiritual para os membros de uma igreja. Comparamos o trabalho do pastor como o do semeador, quanto mais ele semeia e quanto mais ele cuida da sua plantação maior é a possibilidade de ter uma colheita farta.

Segundo Gaby (2007) nessa caminhada pastoral haverá muito conflitos e tensões. As famílias pastorais entrevistadas, na sua unanimidade, disseram que os maiores conflitos estão relacionados ao chamado, a vocação. Eles enumeram vários conflitos que desestruturam a família pastoral. O conflito mais citado foi à falta de limite do pastor em separar as necessidades da família e da igreja. Ou seja, o pastor se dedica de forma intensa as programações da igreja e aos problemas particulares dos membros. A esposa de um pastor expressou sua indignação da seguinte forma: *“Porque essa vocação ela é integral,... Ele não é uma pessoa de descansar, ele não é uma pessoa que aceita as férias pastorais, ele não aceita não estar em alguma atividade da igreja, ele quer estar em todas as atividades da igreja. ... porque o marido larga mesmo, larga e vai atrás das ovelhas.”*

A falta de limite e discernimento a respeito da divisão do tempo no exercício do ministério pastoral tem trazido muito sofrimento às famílias de pastores. Pois

há pastores que priorizam a vocação e não sabem separar tempo para a igreja e tempo para a família. Não sabem separar momento de lazer e momento de trabalho, não tem discernimento para escolher o que é prioridade. Se estes pastores/as dessem as suas vidas em sacrifícios por suas esposas/maridos como Cristo deu a Sua vida para sua noiva, a igreja, muitos dos conflitos familiares desapareceriam e concomitantemente não teriam que enfrentar consequências maléficas como família dividida, filhos fora da igreja, esposa/o entristecida e outros.

O segundo conflito muito citado por eles foram as cobranças que a igreja faz com a família pastoral. Algumas famílias disseram que a comunidade de fé cobra da esposa/o frequência em toda a programação e participação em alguns trabalhos da igreja. As esposas de pastor têm que estar envolvidas no trabalho com as mulheres ou crianças, ou no trabalho de visitação ou na ação social. Enfim, não basta só frequentar tem que estar envolvida. Já os filhos são mais cobrados na frequência, participação, mas principalmente no comportamento, conduta e vestuário. O filho/a de pastor/a tem que ser e dar exemplo dentro/fora da igreja para os demais.

Leite (2005) afirma que os filhos em geral são vistos como pessoas ideais e não pessoas reais. A igreja espera que os filhos dos pastores sejam “santos”, que não façam nada de errado e estejam sempre bem humorados, caso contrário, são vistos como demônios que vem para difamar e escandalizar a igreja ou os pais. Porém, os filhos de pastores não são anjos e nem demônios eles só precisam ser respeitados como pessoas “normais” com características, dons, habilidades e personalidades próprias. Nas entrevistas, dois pastores disseram que suas famílias não sofrem com as cobranças da igreja porque esclarecem para comunidade de fé que eles serão membros “normais” como qualquer outra, cabendo somente aos pastores as cobranças a respeito do ministério pastoral.

O terceiro conflito percebido através das narrativas diz respeito aos ataques que as igrejas fazem às famílias pastorais quando estão insatisfeitos com o trabalho do pastor. Esses ataques não são recentes na história das famílias

pastorais. Há séculos atrás a casa de João Wesley, o fundador do movimento metodista, sofreu um atentado por alguns paroquianos insatisfeitos com o pai dele que na época o pastor da igreja. Eles atearam fogo na casa pastoral enquanto a família dormia. Hoje os membros insatisfeitos não queimam casas de pastores mais “queimam” os dízimos. Deixam de dar o dízimo para os pastores não receberem os seus salários. Também “queimam” (denigrem) a imagem dos pastores através de fofocas, desrespeitos, críticas e comentários maldosos e maliciosos. Um depoimento de uma filha de pastor retrata muito este conflito: “... *fofoca, pessoas que não respeitam pastor e aí você como filha de pastor você quer a todo o custo que teu pai seja a autoridade, seja respeitado, e seja amado, seja cativado. Ele tá lá todos os domingos, todos os trabalhos, e ele tá fazendo tudo isso e muitas vezes ele não é reconhecido, muitas vezes ele não é valorizado. Então os conflitos surgem nesse sentido de você ir pra casa, vê todo o esforço de seu pai e mesmo assim, eu ouvi todo o xingamento, as reclamações e como assim, como isso está acontecendo? Eles não estão vendo tudo o que meu pai tá fazendo né?*” Enfim, todas estas atitudes maldosas de alguns membros insatisfeitos com o pastor/a acabam atingindo toda a família pastoral. Hoje “*não se queimam casa, mas se queimam vidas*”.

Pensando na trajetória da pesquisa, narrativas entre os conflitos e caminhos, entre a vocação pastoral na dimensão individual e familiar das famílias pastorais pudemos compreender melhor que este universo é tão doce, mas ao mesmo tempo também tão amargo. Os sabores se misturam nesta vocação, o doce vem da alegria, da satisfação e do amor divino em ganhar e cuidar de vidas para Deus. Mas ao mesmo tempo deparamo-nos com o amargo que surge com os conflitos, aborrecimentos e tristezas deste chamado. O apóstolo Paulo diante da morte e do findar da sua vocação disse: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei fé.” (II Timóteo 4:7) Ao passar a vida inteira dedicada a Deus o apóstolo Paulo considera que a vida cristã é um bom combate, porque é uma luta que vale a pena viver em prol do reino e dos desígnios de Deus. Por fim ele conservou lealmente a fé em tempos de severas provações, de grandes desalentos e de muitas provações. Paulo

passou pelo o bom combate em tempos difíceis. Agora, como um pastor/a pode passar pelo bom combate tendo uma família ao lado?

Podemos encontrar esta resposta nas sugestões e conselhos que foram citados nos capítulos anteriores pelas famílias pastorais para os iniciantes ao ministério pastoral. Contudo, podemos também resumi-los em uma única palavra, limite. Limite, segundo os dicionários significa demarcar fronteira, separa território. Limite é uma das chaves para a formação do bom pastoreio. O pastor precisa de limite para conduzir a igreja sem ultrapassar e invadir o seio da sua família. O pastor precisa ter limite para separar demanda da igreja e a demanda da família; ele precisa ter limite para não se sobrecarregar de trabalho ministerial que vai além de sua condição física e psíquica; e ele precisa de limite para não espiritualizar tudo. Sendo assim, o limite pode ser comparado como uma bússola para o capitão de um navio, embora ele não possa controlar o mar, o oceano, a natureza, pode dominar o seu pequeno barco sabendo que direção navegar. Portanto, quem tem limite tem direção e tem controle e não se perde e nem sucumbi em mares tenebrosos.

Desta forma terminamos fazendo uma última reflexão através de uma narrativa de uma esposa de um dos pastores: *“Então um ministério assim muito importante que eu acho que a gente deveria trabalhar é esse de esposa de pastor. A esposa de pastor tem que ser muito bem sensata, ela tem que ter uma visão, ela tem que entender porque é muito difícil, porque o marido larga mesmo, larga e vai atrás das ovelhas. Aí quando ele chega em casa você está fragilizada porque você é uma ovelha também e você não tem ninguém e aí você só depende de Deus”*. Essa fala nos lembra das vozes perdidas no deserto ou gritos presos na garganta. Ainda que gritem não tem quem as ouçam e entendam. Primeiro, porque não podem desabafar para membros da igreja, pois não se sentem acolhidas e confiantes ao ponto de revelar suas angustias, e segundo, acham que não podem reclamar, pois se trata de um chamado divino inquestionável. Eis um grande desafio para os terapeutas. Trabalhar com estas famílias pastorais no que tange a falta de limites dos pastores, ao desamparo dos cônjuges frente ao abandono dos parceiros e carência da função paterna/ materna dos filhos dos filhos de pastores.

Este trabalho teve a intenção de iniciar uma longa “navegação” por este tema tão instigante. Apesar desse início deixou claro o descoberto campo, ou melhor um “mar” a ser explorado e melhor compreendido para que se possa ajudar as famílias pastorais que tanto clamam por um auxílio em meio ao silêncio em nome da vocação do divino.

6. REFERENCIAS

- BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Visitando a fase adolescente. In: CERVENY, Ceneide M. Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper (org.). **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.61-84.
- BIBLIA. Português. A Bíblia Vida Nova. Tradução: Sociedade Bíblica do Brasil. 2. ed. 1995. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- BRUSCAGIN, Claudia. O casamento na visão cristã: Deus como membro do sistema. In: GOMES, Denise Mendes; BRUSCAGIN, Claudia; SAVIO, Adriano; FONTES, Fátima (org.). **Religiosidade e Psicoterapia**. São Paulo: Roca, 2008. p.53-66.
- CALIL, Regina C. Ciriano; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Reflexões sobre o método qualitativo em ciências humanas. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José A. Vera (org.). **Método Qualitativo: Epistemologias, complementaridades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 93-104.
- CÂNONES da Igreja Metodista 2012/ Igreja Metodista. Piracicaba: Equilíbrio Editora, 2012.
- CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. **Vocação; Perspectiva Bíblica**. Viçosa: Ultimato, 1997. 173p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 4. 1039 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Voz Bíblica, s.d.p. v. 4. 806 p.
- COLEGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. **Plano Nacional Missionário 2012-2016**. São Paulo: [s.n], 2011. 99 p.
- DORNELLAS, Joao Wesley. **Pequena história do povo chamado metodista**. Rio de Janeiro: Sociedade Metodista de Homens, 2007. 48 p.
- FRANKL, V. (et al.). **Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl**. Petrópolis: Vozes. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- GABY, W. T. S. **A família do pastor na ótica ministerial**. Artigo. [Ministério Pastor Biromenau](http://www.pastorbiromenau.pro.br/artigos.asp?id=17) Dorneles. Disponível em: <<http://www.pastorbiromenau.pro.br/artigos.asp?id=17>> Acesso em 27 de julho de 2014.
- GALANO, Monica Haydée. Família e história. In: CERVANY, Ceneide M. Oliveira (org.). **Família e Comunicação: divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.115-147.

- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 107p.
- GUIMARÃES, Lílíana A. M.; MARTINS, Daniela de Almeida; GUIMARÃES, Patrícia Magalhães. Os métodos qualitativo e quantitativo: similaridade e complementaridade. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José A. Vera (org.). **Método Qualitativo: Epistemologias, complementaridades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 79-92.
- ICETA, Manuel. **A família como vocação**. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 1999. 170 p.
- IGREJA METODISTA. **Cânones da Igreja Metodista 2012-2016**. Piracicaba: Equilíbrio, 2012. 496 p.
- KEMP, Jaimes. **Pastores em Perigo – Ajuda para o Pastor, Esperança para Igreja**. São Paulo: Editora Sepal, 2010. 95p.
- LEITE, Nelson Luiz Campos. **Pastoreando pastores: vocação, família e ministério**. São Paulo: Cedro, 2005. 87 p.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Editora Moraes, 1994. 110p.
- MELLO, Cláudia Cristina Pinheiro de. **Ministério pastoral, um ministério solitário: mito ou verdade?** 2007. 70 f. Monografia (Graduação em Teologia) - Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- MENEZES, Sérgio Murilo. **O ministério pastoral e o cuidado com a família**. 2007. 76 f Monografia (Graduação em Teologia) - Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- MINUNCHIN, S. **Família: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. 283p.
- NETTO, Dirceleia de Oliveira. **Família pastoral sob a ótica dos filhos de pastores e pastoras**. 2004. 102 f Monografia (Graduação em Teologia) - Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- NUNES, Lady Glória Magalhães Furtado. **Desafios da família pastoral: na Igreja de dons e ministérios**. 2007. 71p. Monografia (Graduação em Teologia) - Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- PAULIN, Luiz Fernando da Silva. Método qualitativo no campo social-histórico: definições e aplicação a propósito do estudo de uma instituição de saúde. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José A. Vera (org.). **Método Qualitativo: Epistemologias, complementaridades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 133-172.

- RAINEY, D. **Pastor e Família**. Artigo. Ministério Oikos. Disponível em: <<http://www.clickfamilia.org.br/default.aspx?pagecode=534>> Acesso em 27 de julho de 2014.
- RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica: Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. Lorena: Stiliano, 1998, 152p.
- SOUZA, Airle Miranda; MATOS, Evandro Gomes. Reflexões sobre as abordagens qualitativas, o método clínico e a entrevista como o encontro no aqui e agora entre o sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José A. Vera (org.). **Método Qualitativo: Epistemologias, complementaridades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 215-240.
- VIEIRA, Jusemara Medeiros Tavares. **Cuidado com a família pastoral: os mitos e verdades em ser esposa de pastor**. 2009. 1 CD-ROM Monografia (Especialização em Aconselhamento Pastoral) - Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

7. APENDICE

7.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Este termo de consentimento refere-se à contribuição para a produção de uma monografia sobre “FAMÍLIA PASTORAL: CONFLITOS E CAMINHOS ENTRE A VOCAÇÃO PASTORAL NA DIMENSÃO INDIVIDUAL E FAMILIAR”, referente a uma monografia de conclusão de curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal da Pontifícia Universitária de São Paulo. Este estudo está sendo desenvolvido pela psicóloga Milca Letícia de Souza Estanislau CRP 06/58250 sob a orientação da professora Dra. Claudia Beatriz Stockler Bruscagin CRP06/31944. Para tanto, utilizarei uma entrevista semi-estruturada de base dialógica como método de coleta de dados. Esta entrevista será gravada em áudio com objetivo de tornar mais fidedigna a transcrição do discurso coletado e terá um tempo de aproximadamente 60 min. de duração. A família é livre para participar e pode desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo algum. Os dados da família serão tratados de forma confidencial. Se vocês concordarem em participar, por favor, preencham e assinem este termo de consentimento. Na publicação dos resultados desta pesquisa, suas identidades serão mantidas no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-los. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente vocês estarão contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para produção de conhecimento científico. Caso haja algum desconforto durante a participação, proponho-me a tomar as medidas necessárias para bem estar e segurança de todos. Vocês poderão ter acesso aos resultados deste estudo, caso deseje.

Este termo vem impresso em duas vias, vocês poderão destacar a segunda via (imediatamente abaixo desta) e levá-la. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora: Milca Letícia de Souza Estanislau pelo telefone (11) 99170-6474 ou pelo e-mail Letíciaestanislau@yahoo.com.br

Atenciosamente,

Milca Letícia de Souza Estanislau

Local e data

Declaro que recebi a cópia do presente Termo de Consentimento

Eu _____

_____, consciente e livremente, mediante o exposto acima, aceitarei participar desta pesquisa como voluntário e autorizo a utilização dos dados da entrevista para o estudo e publicação. Declaro que recebi a cópia do presente Termo de Compromisso.

Participante

7.2 Roteiro de Entrevista Semiestruturado

- I. Como vocês compreendem a vocação pastoral?
- II. Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?
- III. Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?
- IV. É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?
- V. Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?
- VI. Na sua opinião por que existe tantos filhos(as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?
- VII. (Pastor/a) Você já se pensou numa situação de dilema entre vocação pastoral e família? O que poderia te levar a escolher um e não o outro?
- VIII. Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

7.3 Entrevistas

Pr.1 tem 38 anos de ministério pastoral e está casado com Esposa1 há 35 anos, junto tem três filhos F1 de 38 anos, F1 33 anos e F1 de 28 anos.

Achei que no início a família estava um pouco dispersa, talvez sem interesse e incomodada com a minha presença, visto que eles haviam se esquecido da entrevista e também porque estavam se preparando para viajar no dia seguinte. A filha do casal se mostrou mais solícita e interessada. Com o decorrer da entrevista eles foram se soltando e o clima acabou ficando mais descontraído.

P1

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

Compreendo como um chamado de Deus muito forte na minha vida porque não era o que eu queria, mas era o que Deus queria. Eu me sinto realizado de trabalhar com as pessoas, de estudar a bíblia e de falar do evangelho.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

A gente tem uma família muito informal, a gente dentro da família é pai e marido e no último lugar é pastor, mas a gente tenta manter o testemunho de uma família honrada, de um procedimento cristão. Porque acima de tudo a gente é ser humano, e a gente trata a esposa com carinho, os filhos. Nessa vida no lar é muito importante ter uma vida feliz e harmoniosa.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

A vocação pastoral de uma maneira ideal é familiar porque não adianta o pastor sozinho achar que ele é vocacionado se a esposa não o acompanhar. No meu caso a minha esposa é bênção, ela ajuda demais no ministério, os filhos na medida do possível, mas especialmente a esposa, ela faz parte desse ministério. Então a família realmente fica envolvida.

(Pergunta do pesquisador) Como o seu chamado foi transmitido para esposa e filhos? Foi tratada de maneira muito clara, porque a minha namorada Iolanda, ela é sobrinha de pastor. E ela tinha um propósito na vida de nunca se casar com um pastor e de repente ela resolveu casar comigo e foi maior bênção. Porque aí ela sabia o que ela estava assumindo e ela assumiu de corpo e alma. Fala da esposa: Bem a pergunta dela é eu tive escolha? Mas os filhos não, os filhos... você já era pastor. Diferente de hoje. Hoje tem muito pastores que começam já casados com filhos e tal, ele não. Ela assumiu, ela assumiu agora os filhos, eles foram aprendendo no decorrer dos anos. Quando o F1 que é o primeiro filho, ele tinha entre três e quatro anos o pessoal batia em casa e falava assim: “O pastor está? Ele falava assim: O pastor não é papai”. Era engraçadinho ele. Mas ele foi assumindo esta questão e hoje a gente vê que os nossos filhos, eles têm muita estima pelo meu trabalho e eles gostam quando as pessoas nos apreciam. Eles ficam muito tristes quando a gente é criticada ou quando a gente é menosprezada. Então eles vivem isso na minha pessoa, assim eles vão me defendendo e tentando entender os meus dramas e vitórias.

- 4)** É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Os conflitos são aqueles, aquele problema que é de dá mais valor para igreja do que para esposa e pros filhos e eu sei que erreí muito nisso, mais com os filhos. Então o conflito é a gente saber que a gente pode às vezes perder a igreja, porque tem mil igrejas para substituir, mas se perder a família não tem nenhuma para substituir, a gente fica perdido. Então não posso perder a minha família. A gente é um conflito eterno, eu to tentando. E agora também no meu ministério, depois de tanto tempo, que a família esteja em primeiro lugar.

- 5)** Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

É esta eterna pergunta que a gente faz a nós mesmos, que eu tenho que atender a demanda da igreja, tenho que visitar, tenho que ir atrás, tenho que telefonar e não posso esquecer das demandas da família, das necessidades da família. Por isso, que a minha esposa sonha de eu ficar um pouco de licença para trabalhar mais o nosso relacionamento familiar, livre da igreja pelo menos um período, porque realmente a gente se cansa.

- 6)** Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Eu já vi caso assim e acho tristíssimo. Eu convivi com um bispo, cujo três filhos já adultos; totalmente fora da igreja. Mas já vi pastores cujos filhos são firmíssimos na igreja. Isso é graça de Deus, a gente não tem formula, porque realmente às vezes os filhos ficam desestimulados e a gente tem que ter muito carinho com eles e também muito cuidado de não menosprezar a igreja na frente deles. Eu tenho três filhos, e um filho meu ele está muito desestimulado com a igreja, que é o caçula. Ele está mais de um ano sem frequentar a igreja. Fico triste com isso, ele é um bom menino, ele dá valor para família, ele não faz

desordem, só que não vai mais à igreja. Eu sei que isso acontece muito, agora uma explicação eu realmente, eu não tenho. Porque existem casos maravilhosos, de filhos lindos, de ministério, a família inteira e existem casos assim que os filhos realmente se cansam e nunca mais querem saber da igreja. Eu espero que nunca aconteça com meus filhos e nem netos isso.

7) (Pastor/a) Você já se pensou numa situação de dilema entre vocação pastoral e família? O que poderia te levar a escolher um e não o outro?

A gente sofre certos problemas, e os problemas que eu sofri neste tempo todo, são 35 de casado e quase 38 de pastor. Esses conflitos quase 100% são causados pela igreja, pela estrutura, por pessoas, por situações. Então a gente procurou vencer todos, mas se a situação ficar insustentável eu não tenho dúvida nenhuma que eu abandono a igreja e fico com a família.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Muito amor, muito amor, muito amor, o amor resolve tudo. Então o amor dentro do lar é fundamental, e o amor pelas pessoas da igreja, sabendo que a igreja, a estrutura, é sempre em segundo lugar, o primeiro lugar são as vidas. Então tratando as vidas com amor, com carinho elas vão compreender as necessidades da família. Toda a dedicação que o pastor estiver à igreja não pode nunca deixar a família em segundo plano ou em terceiro ou em quinto plano. Então ele tem que tomar este cuidado, de contrabalançar as prioridades e saber que ele nunca vai ser um bom pastor se a família, se a família ficar abandonada.

E1

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

Bom, eu entendo que ele teve um chamado, um chamado muito especial. Porque é ele que decidiu ser pastor, ele era criança, ele tinha 11. Aí o pai dele tirou da cabeça dele, porque falou que ele tinha que pensar primeiro em

estudar e terminar o colegial. Tudo pra depois, o que ele queria aí, ele queria fazer arquitetura também, mas o chamado pastoral foi muito mais forte. Porque ele é uma pessoa assim, às vezes as pessoas falam: “Ah vai ser pastor porque não conseguimos nenhuma outra coisa, é por isso que foi ser pastor”. É ele tem uma inteligência muito grande tanto que passou em primeiro lugar no concurso do banco do Brasil, trabalhou na prefeitura de São Paulo e desistiu do dos dois pelo pastorado. Então é vocação mesmo.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

Hoje eu vejo que a vocação dele é muito forte, e no começo do casamento eu não percebi, e achava que era uma coisa muito boa, porque às vezes ele acabava até abandonando a família por causa da igreja. Fazia tudo pela igreja. Às vezes podia estar a maior tempestade, eu falava para ele: “Bem, não vai hoje naquele ponto missionário, está chovendo tanto, você vai lá e vai ter uma pessoa só”. E eu com três filhos pequenos, ele largava tudo e ia. Então eu achava, eu ficava triste, mas ao mesmo tempo eu achava o máximo. Agora se fosse hoje eu já ia ser diferente: “Não, hoje você não vai e acabou. Você vai ficar comigo porque eu preciso de você aqui comigo”. Né, então nesse ponto às vezes é o que ele falou hoje. Ele fala isso, tem que colocar a família em primeiro lugar, que às vezes encontro a família em primeiro lugar. É claro em primeiro lugar é Deus, depois a família, depois trabalho, né e a igreja seria por último. Daí ele sempre colocava a igreja em primeiro lugar, então isso daí não é muito bom. Então é num, num, num chegou nessa pergunta ainda, mas eu aconselho aos pastores que estão começando para não fazer isso.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Eu acho que não é dos filhos, não da família, mas a esposa ela tem que ser, tem que ter vocação para ser esposa de pastor. Porque se ela não tiver não consegue. Em vez de ajudar ela vai atrapalhar o ministério dele. Eu já vi muitas que atrapalharam ministério. Porque tem que ter vocação para ser esposa de pastor, não dá pra casar com pastor se não tiver vocação de esposa. A esposa tem? A esposa tem. Agora os filhos não são obrigados.

(pergunta do pesquisador) Por que você acha que os filhos não são obrigados? Porque a igreja exige muito dos filhos e se for para exigir dos filhos é... todos os membros da igreja teriam que exigir, porque são filhos de membros de igreja e eu como mulher de pastor eu sou membro da igreja. Então tenho que ter vocação para trabalhar naquele lugar. Agora os filhos, a igreja cobra demais deles. Você é filho de pastor, você não pode fazer isso, você não pode fazer aquilo né. Então cobram muito, daí atrapalha. Então eles não precisam ter essa vocação.

(pergunta do pesquisador) É diferente a cobrança que a igreja faz da esposa e dos filhos? Você acha que os filhos são mais cobrados do que a esposa? Não, acho que a esposa é mais cobrada, só que a esposa que for vocacionada, ela acaba superando esta cobrança, agora os filhos não, para eles atrapalham.

- 4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Normalmente na nossa família quando tinha conflito, é sempre o conflito que vem da igreja para dentro de casa. Conflito entre a gente mesmo dificilmente, é mais da igreja que vem para dentro de casa. E às vezes eu acabava discutindo, brigando. Às vezes acabava até ajudando ele pra, na hora que ele estava nervoso, eu estava mais calma e acabava conversando e mostrando pra ele que não era bem assim, que ele tinha que agir diferente. Mas normalmente os conflitos são mais por causa da igreja mesmo, porque a igreja traz muito problema para dentro da casa da gente. Ainda mais quando mora ao lado da igreja. Hoje em dia é a maior parte das famílias pastorais moram longe da igreja. Nós sempre moramos do lado da igreja, então do quarto do meu filho, por exemplo, escutava tudo que o pessoal falava no corredor, tudo, né então né...

- 5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Até alguns anos atrás eu não, não separava isso, eu me dedicava demais à igreja, e às vezes até abandonava meus filhos, eu fazia tudo pela igreja. Até que chegou um tempo que eu falei: “Não... basta, agora eu vou me dedicar mais à família, se eu puder ir à igreja hoje eu vou, se não puder vou ficar em casa para cuidar dos meus filhos. Mas chegou uma época onde eu aprendi a fazer isso. E quando eu aprendi a fazer isso no começo teve algumas cobranças, mas depois foi parando porque daí foi uma decisão que eu tomei. Agora não, chega... não vou mais ser assim. É porque eu abandonava demais, eu me dedicava ao máximo. Mesmo ele estando doente eu ia, fazia, e largava ele sozinho em casa e ia pra igreja, ia para o ensaio do coral, ia para tudo. Meus filhos estão em primeiro lugar, mas só que demorei para entender isso.

- 6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Justamente por causa da cobrança que tem, é tudo eles, é igual, você é filho de pastor você não pode fazer isso, você é filho de pastor e você não pode fazer aquilo. Até correr dentro da igreja, que uma criança corre, o filho de pastor tem que chegar lá e ficar sentado quietinho como se ele fosse um santinho, um anjinho. E aí é uma criança como qualquer outra, é um adolescente como qualquer outro, né. É a cobrança da igreja muito grande em cima deles, daí não aguentam mesmos. Então daí não querem nem saber de igreja mais. E também porque escutam nos corredores da igreja, nas reuniões que tem CLAM, que tem concílio, em vez de ficar só ali, depois o pessoal fica fazendo grupinhos e falando e o filho do pastor fica ouvindo. E então, o meu filho mesmo, um dia ele estava na praça com os meninos, aí um deles ficou falando: “Ah, mas o seu pai ganha muito”. Ele não ganha nem metade que o pai do menino ganha. Mas nossa o seu pai ganha muito para ser pastor. Você... ah nem lembro, ele ficava falando um monte de coisas assim, ficava jogando na cara dele. Sabe então,... esse aí é firme na igreja, já agora o outro não aguentou a pressão e não vai mais.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Primeiro a mulher não deve de jeito nenhum atrapalhar o ministério do marido. Porque na vocação que ele tem a gente tem que abrir mão de algumas coisas. Então ela pode abrir mão de estar em todo culto, de estar em todos os trabalhos da igreja para ficar com os filhos. Não atrapalhar o ministério dele, mas ele também tem que saber que tem algumas horas que ele tem que parar, que tem que falar não: “Hoje eu vou largar, vou ficar com a minha família e sair com você, vou jantar com você, vou fazer um passeio com você, porque a gente não tem dia”. Pastor é natal, é o ano novo, é dia da mãe, é dos pais, é dia disso e dia daquilo, a gente tem que tá na igreja, a gente não tem feriado, o feriado sempre tem trabalho da igreja. Daí todo o pessoal da igreja viaja e o pastor fica lá. Então chega uma hora que ele tem que falar não: “Agora vou sair com a minha família, vou curtir a minha família”.

(Pergunta do pesquisador) Você está falando que tem que ter limite? Têm que ter limite, os dois tem que por limite a mulher e o pastor na igreja. Ela não pode mandar, chega lá e mandar lá, mas ela tem que falar em casa e ele tem que acatar.

F1

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

É um chamado, e só tem vocação quem realmente tem chamado de Deus porque senão não aguenta, porque é a luta, batalhas muito grandes e a pessoa no meio do caminho desiste. Se ela realmente não tiver isso dentro dela, muito forte, muito vivo, de que foi Deus que a escolheu pra tá a frente de uma igreja.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

É a gente com o passar do tempo, dos anos vai, vai sentindo e isso vai, vai se tornando parte de você também como filha de pastor. Você vê a vivacidade e a realidade né, e isso se torna muito real com passar do tempo dentro do lar. Ou seja, você realmente vê o dom que o seu pai como um pastor tem. Então isso de certa forma te tranquiliza, porque a pessoa, se ela tem um chamado e não

segue provavelmente isso não traria a paz pra ela. Então mesmo com as lutas e com todos os problemas que esse chamado traz e tem, você fica em paz porque você sabe, você tá fazendo a vontade de Deus. Você tá dentro dos planos de Deus. Então é isso que a gente vivencia dentro da família pastoral.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Acho que é familiar a vocação, ela precisa fazer parte das pessoas que convivem com você diariamente. E isso também inclui um missionário, se ele é casado e ele quer fazer missão, ele vai abandonar a família pra seguir o ministério? Né, porque Deus não pode chamar o casal para fazer missão, evangelizar? Então da mesma forma o pastor, a ele só, tem como dar continuidade na vocação deles? Se a família dele tiver engajada também nessa obra nesse propósito e principalmente a esposa.

(Pergunta do pesquisador) E os filhos? Então eles vão tendo maturidade de entender o chamado do pai, mas não que eles sejam vocacionados ao ministério. O ministério é do pai, talvez estenda a esposa, mas os filhos, a gente vai tendo compreensão da dimensão deste chamado e aceita, respeita, entende. Porque acontecem muitas coisas, há mudanças, mudanças físicas de local que traz mágoa e tristeza. Só que a partir do momento que a gente entende, compreende que o teu pai tem verdadeiramente um chamado, você passa a aceitar aquilo que foi proposto, aceitar a vontade de Deus e tentar da melhor forma possível deixa tudo em harmonia para que a família sempre viva de forma boa.

4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Os conflitos existem porque a igreja teve e sempre tem problemas. As tensões existem na igreja né, a igreja ela cobra muito e causa muitos conflitos dentro da família pastoral, e aí a gente tem que saber administrar esses conflitos. Porque muitas vezes a gente fica revoltada com os acontecimentos na igreja né, e aí você vê muita injustiça, vê muita cobrança injusta, muitos falatórios. Enfim todos os problemas que é, que tem em qualquer igreja, fofoca, pessoas que

não respeitam pastor e aí você como filha de pastor você quer a todo o custo que teu pai seja a autoridade, seja respeitado, e seja amado, seja cativado. Ele tá lá todos os domingos, todos os trabalhos, e ele tá fazendo tudo isso e muitas vezes ele não é reconhecido, muitas vezes ele não é valorizado. Então os conflitos surgem nesse sentido de você ir pra casa, vê todo o esforço de seu pai e mesmo assim, eu ouvi todo o xingamento, as reclamações e como assim, como isso está acontecendo? Eles não estão vendo tudo o que meu pai tá fazendo né? Então a gente orava, a gente conversava, dialogava pra que isso não interferisse na minha caminhada pessoal com Deus.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Eu acho que chegou o momento que os meus pais souberam separar. Porque se houvesse uma cobrança excessiva a tendência seria eu abandonar. Então eles souberam dosar e equilibrar vendo que o chamado era dele, vendo que a necessidade de estar lá era dele. Para ele era importante à gente estar junto, era... mas a gente chega numa idade que a gente quer o nosso espaço, a gente quer o nosso sossego e eles souberam lidar com isso. Então deu para controlar a nossa prática na igreja sem interferir no relacionamento familiar.

6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

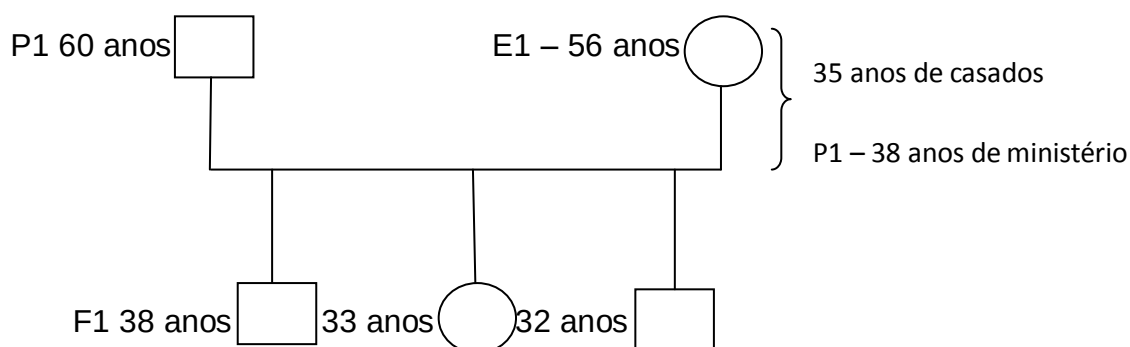
Acho que o comentário que eu fiz na resposta anterior, os pais que não conseguem administrar essa cobrança que há dentro da igreja, na família pastoral, eles acabam interferindo na educação dos filhos, e aí os filhos vendo todas as injustiças, todas as ocorrências que tem dentro da igreja, e eles acabam se sentindo extremamente cobrados e são muito forçado a terem um comportamento que não é real. A gente é como se fosse filho de autoridade, como se meu pai fosse um juiz, fosse presidente, eu tenho que ser exemplo, eu tenho que dá testemunho, só que muitas vezes a gente erra também, é humano. Então na maioria das vezes o que acontece é que os filhos de pastores cansam dessa cobrança, desse papel que ele tem que exercer, mas

que na verdade ele não tem obrigação nenhuma de exercer, e aí ele fala que a igreja não serve para ele mais. Se a função dele é essa então “baubau” igreja.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Tem que ter muita oração, muito diálogo, muita união da família, porque a família, a base dela tem que estar muito forte, muito conectada com Deus, porque vão vir as lutas e se a família não estiver muito unida ela vai ficar balançada. Então meu conselho é esse, que a família busque em primeiro lugar a Deus, seja bastante transparente um com o outro, sincero pra que não aja conflito interno, porque se não o pastor vai acabar levando isso pro seu ministério e o ministério pode ser interrompido no meio do caminho.

GENOGRAMA



P2 tem 32 anos de ministério pastoral e está casado com E2 há 22 anos, juntos tem um F2 de 22 anos.

Foi muito difícil marcar esta entrevista devido à agenda do pastor. Mas desde o início se mostrou interessado em colaborar com o meu trabalho. A entrevista foi realizada na igreja após a escola dominical. O pastor demonstrou estar um pouco cansado e apressado pois a hora já estava avançada, a esposa por sua

vez se mostrou mais receptiva e tranquila, o filho estava preocupado se haveria filmagem na entrevista e foi bastante sucinto nas suas palavras.

P2

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

É um chamado de Deus, ninguém se chama a si mesmo. É algo que a gente recebe de Deus pela fé, algo que nos é proposto a fazer por Deus. Algo que muitas vezes não estava na nossa concepção de vida, do nosso propósito de vida e que de repente numa determinada situação, num determinado dia, é claro para cada um é diferente. Então a gente recebe este chamado, então a vocação pastoral é um chamado de Deus para um propósito dentro do seu reino, dentro da visão bíblica que nós cremos. Eu era jovem, eu estava para entrar na faculdade, tinha meus propósitos, queria fazer administração de empresa, queria estudar muito economia, eu já tinha formação de contabilista e trabalhava numa empresa na área financeira, mas ainda não tinha passado por este processo de conversão. E no dia da minha conversão, quando ocorreu minha conversão, no meu caso eu já recebi este chamado. Então não foi apenas a conversão foi um chamado mesmo de Deus para o ministério pastoral. Então... e foi, vamos dizer assim, um fato sobrenatural, para mim a forma que foi.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

Bom, primeiro que na família eu não sou pastor, eu sou pai, eu sou pai, sou marido. Os princípios cristãos sim estão presentes né. Mas eu vejo assim como muita tranquilidade, eu vivo com muita tranquilidade essa vida pastoral e a família, vamos dizer assim, ela vai atrás né. Ela está junto, ela também... embora a família ela não tenha essa vocação pastoral. Mulher de pastor não é pastora e filho de pastor não é pastorzinho, embora... o chamado é meu né, o chamado é meu, isto fica muito claro. Então não há interferência, não vejo assim uma problemática ou conflito na vida familiar. Por que a família também, claro encampou essa minha vocação e está junto comigo.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Não é individual, porque o chamado é meu, o chamado é meu né. A família ela pode ser benção na minha vida estando comigo nessa caminhada e me dando apoio, sendo suporte, sendo coluna, mas o chamado é meu. Ou por exemplo como existem pastores que cujas famílias nem cristão são e de repente ele vive o chamando dele. E dentro do metodismo, por exemplo, nós temos o João Wesley que não teve uma vida familiar, uma vida matrimonial propriamente feliz, a esposa era alguém muito problemática e viveu sozinho a vocação dele.

4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Não, eu sempre tive tranquilidade nisto. A família está comigo, porém eu deixo muito claro que o papel da família diante da igreja, tanto da esposa quanto do filho são papéis de membros como todas as outras pessoas. Eu não coloco minha família num ponto especial, não, ela é uma família ao qual eles estão ali participando com as pessoas. Então eu nunca exigi, pedi para minha esposa que tivesse uma postura diferente, da postura da mulher do pastor, nunca, nunca, nunca. Ela sempre foi ela com as qualidades, defeitos, com a postura dela, eu nunca exigi e muito menos do meu filho. Então eu nunca sofri uma pressão em cima disso, porque para mim isso é muito claro. Ele é ele, o menino, o filho, ele acaba vivendo a vida dela com os problemas, com as dificuldades que ele vai ter como sendo um jovem da igreja como outro qualquer. Então, não há, não há... eu nunca tive esse conflito. Deixo isso claro para igreja. Então, por eles verem essa minha postura assim nunca cobraram, também eu nunca tive essa cobrança. _ Olha a esposa do pastor tem que fazer isso, fazer aquilo, ou o filho do pastor. Não, não felizmente eu nunca vivi este conflito.

(Pergunta do pesquisador) Os conflitos da igreja interferem no relacionamento familiar? Nunca, cem por cento das vezes nunca. É um problema meu, afeito ao meu trabalho, a minha vida pastoral. Dentro de casa, da porta pra dentro esses assunto eu nunca trouxe, nunca levei. Primeiro para poupa-los de coisas que eles não precisam sofrer por mim, segundo não poderiam, na grande

maioria dos caso, nem me ajudar e terceiro é algo inerente ao meu trabalho, a minha vocação, ao qual... Imagine por exemplo, só fazendo comparação, o médico por exemplo, a vocação médica, não tem sentido o medico trazer para dentro de casa... ou psiquiatra ou psicólogo que vive como sacerdócio este trabalho também e trazer para dentro de casa problemas a feitos ao seu trabalho. Então é bem estanque esta questão. A igreja é igreja a minha casa é a minha casa.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

É talvez essa seja uma área mais difícil, porque vamos estar falando de tempo. A família precisa de um tempo não como pastor mas como pai ou como esposo e a igreja demanda um tempo também. Existem as atividades, as programações, existe a dinâmica da vida da igreja que não se resume a penas ao domingo, mas todos os dias da semana enfim. Então esta é uma área, que esta sim, já causa mais um conflito pessoal, porque haverá momentos em que eu gostaria de dar mais atenção à família, mas há uma demanda pastoral que exige a minha presença. Aí eu conto muitas vezes com a compreensão da...ou espero conta com a compreensão da família. Porque vamos dizer assim, a minha esposa sabe que casou com um pastor, ela sabe que não casou com alguém que trabalha oito horas numa empresa e que fecha a gaveta no final do dia e vai embora. Ela sabe disso, ela pode não gostar, não concordar algumas vezes que a demanda exige a minha presença na igreja, porém ela sabe... algo assim que ela tem perfeita consciência disso. Então este é algo que me é... eu sou chamando a ter sabedoria para saber dividir esse tempo. Agora que causa conflito interno às vezes sim, causa. Às vezes fica um pouco de conflito sim, porque embora haja aquela obrigação pastoral para coordenar aquele momento também pode estar ocorrendo naquele mesmo momento muito mais um exigência familiar, isto acaba causando conflito e é inevitável, não tem como não ter este conflito, precisa saber trabalhar os conflitos, que vai ocorrer vai ocorrer. No mesmo dia numa determinada situação duas demandas estão sendo necessárias às vezes vamos optar pela igreja e às vezes vamos optar pela família.

- 6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Eu creio que a grande problemática aí, essa é uma realidade mesmo é que talvez esses pastores não souberam separar adequadamente a vida pastoral da vida familiar. Impuseram talvez aos filhos muitas obrigações, impuseram posturas e não souberam dar a liberdade aos filhos. Isso gerou uma barreira, uma repugnância e a partir do momento que os filhos tiveram a liberdade, eles falaram: _ Olha eu não quero isso para minha vida. Então eu creio que em grande parte, em grande parte eu vejo isso como uma responsabilidade do pastor, uma incapacidade que o pastor teve de lidar com essa situação e ele não soube separar adequadamente a vida pastoral da vida familiar. Acabou sendo um grande peso para os filhos e eles quando tiveram a liberdade não quiseram mais para si.

- 7) (Pastor/a) Você já se pensou numa situação de dilema entre vocação pastoral e família? O que poderia te levar a escolher um e não o outro?

Puxa, sinceramente eu não consigo imaginar agora uma situação que exigisse de mim esta escolha. Então estamos falando de situações hipotéticas porque eu fico imaginando... eu vejo que tanto a vocação pastoral, mistério pastoral quanto à vida familiar eles podem ser concomitantes, caminhando juntos enfim, né. Não são antagônicas, mas eles compartilham dos mesmos ideais enfim, né. Mas vamos dizer que haja uma situação dessa, que é hipotética, não consigo imaginar nunca cheguei perto de uma situação assim. Sem dúvida a vida familiar ela sempre tem a precedência diante de Deus. Eu tenho que tratar bem a família, se houver uma situação dessa eu creio que estarei olhando para a minha família, para integridade da minha família, o que adianta eu ser bom na igreja e ter uma família destruída em casa. Então eu quero ter a família construída, integra, aí sim a partir daí sim eu quero estar vivendo a questão da vocação.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Que saibam separar muito bem as coisas, saibam separar. Saibam viver uma vida familiar com princípios do evangelho, mas jamais sem a imposição de uma vida pastoral. Porque na verdade diante de Deus todos nós somos sacerdotes, todos nós somos chamados a viver uma vida cristã, fiel, digna, enfim. Então eu diria que saibam separar muito bem as coisas, vivam uma vida familiar feliz, alegre, leve, sem ter o peso de uma vida pastoral, enfim. Então saibam também ter os seus momentos, ter sua... não se deixar ser influenciado pelo que a igreja quer, pelo que a igreja imagina que deve ser um pastor. Tenha a sua vida da maneira que vocês são, sejam naturais. Viver com naturalidade esta vida sem grandes imposições porque a família pastoral nós vamos nos privar disso ou daquilo, não vamos fazer isto ou aquilo. Não, não tenham plena liberdade de viver as suas vidas e sejam felizes.

E2

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

Eu vejo como um chamado mesmo né, como uma pessoa que não decidiu por si só, que foi escolhida, chamada para este ministério. Eu acho que ele tem um... que nós todos da família eu, F2 e ele mesmo sabemos que isso não é uma escolha, mas foi realmente uma opção que Deus deu para ele só. Quando nos conhecemos ele já era pastor. Tem uma coisa muito diferenciada aí, porque ele era pastor da minha igreja e eu estava casada, nesta igreja que ele era pastor. E eu passei admirá-lo e a entender de Deus da maneira diferente. E durante este pastorado meu casamento, que já não estava bem... eu me separei. Aí eu tive nele um pastor, que não um pastor de acusação e também foi um pastor que só chamou pra aconselhar no sentido que a vontade de Deus era que fossemos felizes e que estivéssemos bem. E a partir daí nós nos separamos, eu me separei desse meu marido. E vi este Deus diferente, bonito, que ele pregava tão apaixonadamente aí pude me dedicar mais a isso. E aí, nós trabalhávamos... a igreja tinha um projeto da AMAS e precisava de um funcionário e aí eu fui trabalhar e o pastor P2 passava lá todos os dias e a gente tinha que discutir vários assuntos sobre aquele ministério. E aí eu ia

conhecendo mais né, achando assim: _ Nossa que coisa linda esse Deus eu não tinha visto ainda! Nossa, como este rapaz, porque ele é mais novo que eu, como esse menino, esse rapaz vê e se dedica as coisas de Deus! Então eu acredito que foi por aí que eu comecei a... desde o princípio quando eu o vi pela primeira vez na palavra eu já achei uma diferença no conteúdo, no direcionamento e depois esta questão de acompanhar, de vendo e vendo a postura mesmo da pessoa, que era coerente com aquilo que era pregado e enfim. Aí eu fui admirando mesmos e fui me aprofundando nas coisas de Deus. Então esse foi o momento que... primeiramente admirando como menino, porque ele veio muito jovem para minha igreja, ele era mais novo que eu e eu já tinha, já estava casada, já tinha filhos grandes. Então eu era uma pessoas de mais maturidade, vamos dizer assim... perto das pessoas. Então eu era uma pessoa madura, embora a nossa diferença de idade seja de cinco anos, mas assim eu já era bastante madura, eu tinha filhos, fui casada há muito tempo, já tinha uma vida... e ele era um menino que tinha acabado de se formar. Então eu entrei nessa vida pastoral assim, admirando, olhando: _ Que lindo, que bonito, como é dedicado! E a nossa relação depois de algum tempo foi se estreitando nas programações da igreja que acompanhava, que ele estava. Aí quando começou a surgir essa possibilidade, depois de muitos anos que já eu estava separada, que começou surgir esse olhar diferenciado. Eu sempre dizia: _ Deus para mim não, pra mim não, porque o senhor sabe que não vai dar certo, porque o senhor sabe como eu sou. Então eu acho que foi observando mesmo a vida dele, a vida pastoral, sendo uma admiradora do trabalho dele. E quando lá pra frente que começou a surgiu uma possibilidade foi de um tremendo de um susto e dizendo pra Deus que de jeito nenhum, que não tinha nada a ver, nada ver. E Deus na sua infinita misericórdia Ele nos prepara, Ele nos capacita. E não entendo mesmo porque dentro de uma igreja com tantas moças solteiras, livres e lá e tudo, de repente Deus me separou... e durante a minha vida assim... durante a nossa convivência ele sempre foi uma pessoas mais nova mas muito madura. Ele lida com as questões que eu tinha como uma família. Então foi uma coisa assim bonita.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

Então aí é uma coisa muito séria, muito difícil porque a vocação é dele não é da família. E quando a gente analisa a questão dos padres, a gente pergunta: _ por que, por que muitas vezes o padre não casam? E quando a gente está vivendo essa caminhada muitas vezes a gente diz isso mesmo: _Ah é por isso. Porque essa vocação ela é integral, Deus os preparam para isso, mas a família é normal, a esposa é normal, o filho é normal. Eles querem coisas normais e que eles nem sempre podem fazer por conta da dedicação total do pastor, do trabalho pastoral. E viver isso, agora dentro da minha casa, de uns anos para cá mais de dez anos, foi pela insistência minha com Deus. Porque eu dizia: _ Deus, o Senhor me escolheu e o Senhor disse que me capacitaria, então eu quero essa capacidade vinda de Ti. Então essa coisa de... porque dentre vários pastores que eu conheço ele tem alguns diferenciais. Ele não é uma pessoa de descansar, ele não é uma pessoa que aceita as férias pastorais, ele não aceita não estar em alguma atividade da igreja, ele quer estar em todas as atividades da igreja. Isso é um diferencial, porque a maioria dos pastores tem essa tranquilidade de falar não vou nesse, vou naquele, não, vou no outro, não vou, mando um representante, ele não é assim, por natureza ele não é assim. Então isso foi muito difícil, mas assim eu lutava comigo e com Deus, continuava sendo esposa de pastor ninguém sabendo o que estava ocorrendo, mas eu lutando com Deus. _ Senhor por que isso, por quê? Não posso ter mais família, convivo com amigo convivo com família, não posso agir nada na minha vida porque ele é o centro de tudo. Se ele não pode, se acontecer qualquer reuniãozinha ele tá, para tudo para fazer aquilo. Então foi assim muito difícil. Hoje em dia, já alguns anos atrás eu tiro isso muito de letra, porque aí eu falo: _Ah você vai? Tá então eu vou. _Ah então você vai para reunião? Eu não vou, vou para tal lugar. _Ah tem tal programação, você vai? _ Eu não vou não, porque hoje tenho que visitar a minha família. Isso ficou... estabeleceu-se como uma coisa tranquila e a gente toca né. Mas eu sentia... ele não sentia de não ir, eu podia não ir na maioria das coisas e ele estava bem. Mas eu sentia falta dele nas coisas: como família, como marido e mulher, como vida social que a gente tinha que levar. Mas assim... hoje em dia não, hoje em dia já as coisas estão mais tranquilas e a gente leva né. Mas muito assim mesmo essa dedicação ser tão total para igreja que quando seja em casa está tão exausto que já não tem mais, não tem mais... não quer mais ouvir, quer descansar, e é

muito difícil. Todas as mulheres reclamam disso e nós esposas de pastores reclamamos e muitas vezes não reclamamos porque a gente sabe que aquilo que ele está fazendo é uma coisa de Deus. Então a gente tem dois pesos: o fato do marido não te dar aquela assistência, não conversar, não participar e ao mesmo tempo você sente que Deus tá dizendo pra você cuida dele porque ele precisa do seu cuidado. Então são duas coisas que são muito fortes que eu entendo como ser esposa de pastor.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Sem dúvida, eu tenho certeza disso, não sei no caso dos outros, no nosso caso é pra família, pra família, porque não tem como você quebrar isso, ele é pastor, ele é meu marido, eu faço uma coisa ele faz outra, não tem. Eu creio, pra mim foi muito claro isso quando eu pedia a Deus, eu dizia: _ Senhor eu não tenho condições de ser esposa de pastor, porque se exige muito de uma esposa de pastor e eu não tenho condições disso. Agora se o Senhor acha que é eu preciso de sua capacitação. Então acho que se exige esta questão de pelo menos de ser esse chamado de toda a família.

(Pergunta do pesquisador) Como você exerceria esse chamado como esposa de pastor? Eu já observei várias situações até mesmo antes de ser esposa de pastor. Então o que eu hoje. Acho que a característica pessoal não muda, sendo esposa de pastor ou sendo esposa de qualquer pessoa. Então existe aquilo que nós chamamos de característica. Então no caso de você ser esposa de pastor a igreja ela tem uma cobrança, ela tem um olhar, ela tem... ela acha que você tem que ser padrão junto com a família, há uma cobrança sim. Mas por outro lado, a igreja às vezes não percebe que há dentro desse chamado uma característica. Então eu acredito que a família toda ela é chamada. Mas acredito que tenhamos... as esposas tem características diferentes. Então tem umas que são companheiras, mas não querem se expor, não querem porque qualquer coisa que você for dá opinião: _ Ah, a esposa do pastor falou. Então tem esposa que não querem isso, tem outras que age naturalmente. E eu aprendi a duras penas que a esposa de pastor ela não pode, em hipótese alguma, cair pra nenhum lado, nem a esposa e nem o pastor. Mas a esposa principalmente ela tem que ter um direcionamento muito grande que ela não

pode cair nem pro lado a favor desse ou daquele, ela tem que ser sempre bem, sempre bem..., como é aquela palavra? Ela não pode se deixar levar por nenhuma opinião, porque as pessoas vêm até ela para falar coisas achando que ela tem poder de dizer isso para o pastor e de mudar aquela situação. À medida que você dá valor no que a pessoa tá falando, a pessoa se sente sua companheira, a sua aliada e acha que você está trabalhando em direção a ela. Então o quê que eu tomei para a minha vida aprendi a ouvir e não dar a minha opinião, aprendi ouvir e a brincar com a situação porque quando a pessoa vem dizendo: _ Ah o pastor não falou, não disse, não quis. Eu digo assim: _ Não, vamos falar com o bispo, porque onde se já viu um pastor não fazer isso? Aí você quebra, você brinca com a pessoa, a pessoa continua sua amiga e você num... porque se você ouve ela acha que você ... aí vem o outro fala uma outra coisa ou você fica com duas opiniões. Então a esposa de pastor ela tem que entender que ela vai ouvir e não vai emitir nenhuma resposta daquilo. Porque eles acham por ser esposa de pastor vou ter que fazer isso. E aí cavando o seu espaço, porque uma é mais quetinha, a outra é mais falante, outra é mais participante, outra não. E as cobranças vem né. Eu vejo que muitas esposas se forçam a determinadas coisas por conta disso ou se não se decepcionou tanto que desistem. Então um ministério assim muito importante que eu acho que a gente deveria trabalhar é esse de esposa de pastor. A esposa de pastor tem que ser muito bem sensata, ela tem que ter uma visão, ela tem que entender porque é muito difícil, porque o marido larga mesmo, larga e vai atrás das ovelhas. Aí quando ele chega em casa você está fragilizada porque você é uma ovelha também e você não tem ninguém e aí você só depende de Deus. Por isso, eu acho que a família ela é chamada também.

- 4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

É difícil, é muito difícil, muito difícil, muito. Sim, há conflitos e tensões. Há conflitos porque você nem sempre concorda com aquilo que está sendo dito, tá, você tem opinião. Há conflitos por ordem familiar porque você gostaria de ter mais atenção ou você queria ir para outro lugar, você queria fazer uma outra coisa. Como eu disse para você no começo foi muito sofrido, mas eu sou assim

gosto de fazer, gosto de ir para igreja, goste de aprender de Deus, gosto de estar junto com as pessoas, é uma característica minha. Então ao mesmo tempo que era conflituoso eu gostava de estar lá, de estar junto com as pessoas, de... então eu tirava o meu proveito, eu tiro sempre o meu proveito. Então eu não trabalhado sendo como estou na igreja eu sou esposa de pastor, eu estou na igreja eu sou uma pecadora, eu sou uma pessoa difícil, eu sou uma pessoa que tenho, que preciso melhorar, eu sou... eu penso em mim como pessoa. Depois é que eu penso em mim como esposa de pastora. Então primeiramente diante de Deus é assim que eu resolvo, diante de Deus eu quero me resolver Ele comigo como um ser humano, como uma pessoa amada por Deus, depois como esposa de pastor e é isto que eu te falei. A gente vai aprendendo a não dar opinião, a ouvir e ficar quieta, a participar das coisas, e principalmente, eu faço isso com facilidade, sempre fiz, mas é uma das coisas melhores que é para você fazer no seu ministério, no ministério de esposa de pastora é, cumprimentar todo mundo. Cumprimentar o velinho, a novinha, a criança, ouvir todo mundo é está assim, entendeu? Porque as pessoas costumam dizer a esposa do pastor nunca falou comigo, a esposa do pastor, olha! Então, eu aprendi, eu aprendi não eu já sou assim, eu sempre fui assim, então com isso eu completo. E se alguém não é, e pergunta como você faz? _ É assim: não dá á opinião, ouve todo mundo, brinca quando for possível e aproxima-se de todos. Mas não porque você é esposa de pastor é porque Deus te dá um amor tão grande que te dá sensibilidade e você vai falar: _ Ah deixa ver porque essa pessoa está assim.

(Pergunta do pesquisador) Os conflitos da igreja interferem na família pastoral? Muito interessante porque varia de pastor para pastor. Eu acho incrível e ao mesmo tempo absurdo que o P2 não faça nenhum comentário. Ele chega em casa...a casa é casa e igreja é igreja. Então é assim, se alguém está doente, se alguém, só se for uma coisa assim muito que ele comenta, mas se não ele não comenta nada. E se eu quiser comentar ele corta também. Então é como se ele dissesse aqui na minha casa eu não quero, eu quero separar. Muito bem, isso para ele é muito bom, para a esposa do pastor não é bom, porque no outro domingo você está lá: _ Aí mais o pastor não te mandou o recado, o pastor falou que eu estava doente, o pastor não te contou que entrou ladrão na minha casa? Você não sabe nada. Então por causa do jeito dele eu tenho que lidar

assim. Em compensação ele chega de reuniões e eu percebo que ele está exausto, que ele está assim no limite, mas ele não abre a boca. _E a reunião foi boa? _ Foi bem. Ele não traz o problema de fora para dentro. E às vezes eu já reclamei disso, mas na maioria das vezes..., mas eu aprendi, olha que legal, presta atenção, eu aprendi que o modo do pastor ver é o modo que Deus manda ele ver e o modo que eu veria a situação é o modo que eu E2 e qualquer pessoa viria. Então não é bom eu saber que o que aconteceu. Então às vezes acontece rolos tremendos, daí um tempo a irmã comenta comigo: _ Nossa, você soube isso, isso, isso? E eu não estava sabendo de nada. Ao mesmo tempo que aquilo me chocava eu aprendi que não, mas é um amadurecimento espiritual dado por Deus. Não, eu não quero saber porque quero continuar amando aquela pessoa como aqui. Agora ele é pastor e ele vai lidar com ela do jeito que Deus preparou ele para lidar. Agora eu não, eu não sou pastora. Então é importante para mim não saber, porque para mim vai continuar do mesmo jeito. Ofensas que podem ter feito para ele, de situações de briga, qualquer que seja o problema ele não comenta. É ruim por um lado, mas o ruim é menor do que o bem que faz. Porque eu fico tranquila, eu durmo, eu venho para igreja numa boa porque não sei se alguém magoou ele, falou, a não ser que eu veja, se eu ver a coisa fica complicada, mas se não... é isso.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Eu separo ele não separa, para ele é só igreja, só, só e só. Então qualquer evento que tenha a igreja em primeiro lugar. Eu já discuti isso algumas vezes, não é assim, não é assim, não é assim que está escrito na bíblia, oh, oh, oh. Sabe de uma coisa: _ Senhor se tiver de mudar o Senhor muda ele, eu quero mudança em mim, porque eu não quero me irritar. Se o Senhor falou que ia me capacitar, eu quero sua capacidade. Então como é que se separa? Eu separo, eu consigo ter agora essa autonomia, isso eu vou, isso eu não vou, hoje eu vou fazer com a minha família. Eu faço ele não, ele é primeiro lugar a igreja, ele larga qualquer coisa em favor da igreja.

- 6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

É justamente por isso, porque o pastor dá toda a atenção a todos e ele fica tão exausto que quando ele vai para casa ele não tem essa paciência, esse tempo, essa né. Então se ele não tiver uma estrutura, se ele não tiver essa coisa de separação, de amor. Eu vejo muito em casa o P2 é muito... o F2 é muito parecido com P2, os dois são muito quetão e tal. Mas o P2 agrada o F2 de uma forma assim que o F2 compreende. Porque o F2 não tem a necessidade de ficar muito coisa, vim junto, é homem porque tem o mesmo jeito. Então eu pontuo, não filho vem aqui, vem com a mamãe agora você fica ali com o papai. Então a gente dá esta estabelecida na vida dele, mas eu creio que a maioria dos casos é porque vem à dedicação absurda que eles tem com a igreja, com o trabalho e o tanto que as pessoas sugam deles que quando chegam em casa não tem mais saúde para..., não tem mais tempo, não tem mais vigor, não tem pra cuidar. Eu vejo que é isso.

- 8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Então o conselho é esse mesmo, que entendam, que entendam que é assim, não entram achando que é diferente porque é assim, que peçam muito a direção de Deus, muito não, que peçam a direção de Deus e que consigam separar: _Você vai, você quer? Muito bem é o seu ministério, agora eu com ele vamos na festinha, vamos visitar a família. Que haja esse discernimento e que as condutas sejam sempre muito firmadas, nesta questão, não é porque é filho de pastor tem que ser diferente. Então o pastor por exemplo, o filho do pastor fez alguma coisa errada faz aquele Ahhhhh. O meu marido nunca fez isso né. A gente corrigia o nosso filho como corrigia de todo mundo, mas não é falar: _ É porque na igreja você é o meu filho e tem que fazer assim. Jamais, esse é um conselho, criança é criança. O conselho para esposa de pastor é aquilo que eu falei seja, ouça, não dê a sua opinião específica, brinque e converse com todo mundo. E separe, entenda que a vida dele, mas tenha consigo mesma que a vida dele é, mas a sua e de seus filhos é diferente. Então eu devo promover sim um final de semana numa praia, num lugar, ah ele não vai de jeito nenhum, não mas eu vou porque eu acho conveniente, porque eu acho...

eu vou porque meu filho precisa. _ Mas a esposa do pastor? A esposa do pastor é mulher também, porque ela cansa, o filho do pastor sobe nas coisas porque ele é criança. E deixar isso sem essas cobranças em casa e ter essa clareza, ele é. _Quer vir comigo, você precisa descansar também, não quer descansar? _Ah não. Ah, então tá, você vai e eu vou fazer isso. Para que haja um equilíbrio, para que o filho, a esposa possa descansar e para que ele sinta que ficou sozinho. Ele vai ficar sozinho porque a família vai descansar. E às vezes essa separação é positiva porque eles caem à ficha.

F2

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

Ah eu vejo como um homem diferenciado que recebeu um chamado para trabalhar na igreja. Não sei como ele se tornou pastor, eu não sei da história direito, mas deve ser um chamado divino, porque é um chamado diferenciado. Quando eu nasci meu pai já era pastor, ele se tornou pastor no final da década de 70, não, não se tornou pastor, começou a fazer teologia. Quando eu nasci ele já era pastor, já era pastor metodista. Eu acredito que o seu chamado foi algo divino porque ele é uma pessoa que tem uma capacidade intelectual diferente poderia fazer qualquer coisa, mas resolveu se tornar pastor. Mas deve ter alguma coisa diferente.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

Ah no meu caso não interfere muito não, porque ele é uma pessoa reservada, fora da... a maioria dos... pelo que eu lembro assim quando eu tinha 18 anos ele foi pastor parcial e dentro de casa assim ele não comenta, como eu posso dizer, os assunto... Então ele é uma pessoa reservada, não comenta, agora por exemplo, dentro da igreja exercendo, dentro da igreja ou quando está na área de trabalho exercendo a função aí sim ele é uma pessoa do tipo 100% focado no trabalho da igreja, mas por exemplo eu acho que é um trabalho tão desgastante que dentro da igreja ou quando ele está fazendo alguma coisa para igreja, que fora da igreja ele não chega comentar, se torna muito, com eu

posso dizer, não interfere muito na minha vida. Ele não chega a comentar, falar, agora por exemplo quando chega domingo aí sim ele vem, a gente vai, mas dentro de casa assim... comentar como foi o dia, falar ele não é muito não. Tanto é que ele teve sempre dois, três empregos que era administrador de uma loja de veículo, então ele é uma pessoa muito reservada. Quando está em família ele não chega... não é pastor 100% integralmente assim. Então não chega interferir tanto.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Não, o chamado é só do meu pai, tanto é que não hereditário o que ele faz, o que ele se tornou é individualmente para ele. Agora uma vocação pra mim, pra minha mãe que é casada com ele, pessoalmente eu acho que não. A vocação pastoral é para ele só. Ele é totalmente diferente do pai dele assim o gênio, totalmente diferente e eu sou totalmente diferente do meu pai assim na questão... de quase tudo assim, por exemplo de gênio eu sou... nós somos pessoas diferentes, tanto no meu vô quanto do pai. Então cada um tem a sua vocação, ele é vocação pastoral e eu posso ter uma outra vocação referente outra coisa, não que seja uma vocação de família toda. Acho que a minha mãe deve pensar assim.

4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Então se meu pai fosse médico, fosse um outro emprego que cuidasse de pessoas dizendo assim teria o mesmo problema. A prioridade é a igreja, se ele tem... a igreja assim... se ele tem algum compromisso na igreja, no domingo ele vai colocar a prioridade com a igreja. Ah, interfere pra mim nem tanto, por exemplo para minha mãe que gosta de viajar, quando vai viajar, por exemplo, é meio difícil porque tem que ser na data certa que meu pai recebe férias, porque é difícil para ele sair no meio do ano. Fazer uma viagem abandonar a igreja por alguns dias, isso interfere um pouco.

(Perguntas do pesquisador) Os conflitos e problemas da igreja interfere na família? Não, não meu pai é totalmente reservado, tem que ser, porque ele

atende as pessoas, os problemas das pessoas ficam para ele, ele nunca comenta. É uma pessoa reservada, comenta muito pouco ou não comenta nada, não comenta nada que acontece na igreja dentro de casa, não leva para dentro de casa.

(Pergunta do pesquisador) Você sofre com as críticas da igreja? Não, muito difícil ouvir alguém criticar meu pai, mesmo se criticar não ligo tanto, é problema dele assim, mas meu pai é uma pessoa muito focada, ele dá muito o sangue, é muito difícil ouvir crítica sobre ele. Na questão de votação e de igreja que eu já vi, de com por cento que votou, acho que noventa e sete queriam que ele ficasse e duas e talvez uma que não queria, então a popularidade dele é assim bastante grande dentro de igreja. Raramente eu ouço críticas. Críticas sobre o meu pai eu nunca ouvi, mas se ouvisse não ligaria tanto assim.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Não, eu me vejo como um membro normal, eu separo, sou um pessoa reservada. Daí as pessoas já percebem que sou uma pessoas reservada, que não gosto e não procura para ministério porque o meu pai exerce a função de pastor. Isso daí... muitas pessoas pensam que se ele é filho do pastor tem que ter ministério. Não, sou membro normal e o meu pai é o pastor para igreja e para mim ele é o meu pai. Então eu separo as coisas da igreja e as coisas fora da igreja. Eu separo muito bem.

6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Não sei, depende, se os filhos dos pastores são aqueles pastores envolvidos em escândalo na TV, dessas megas igrejas, eles devem ter um tipo de vergonha, porque o nome está bastante difamado. Se ele for um pouco esperto e saber que o pai é um pilantra, assim, rouba o dinheiro da igreja, ser pastor a facilidade do pastor tem de manipular as massas como na TV e a pessoa e o

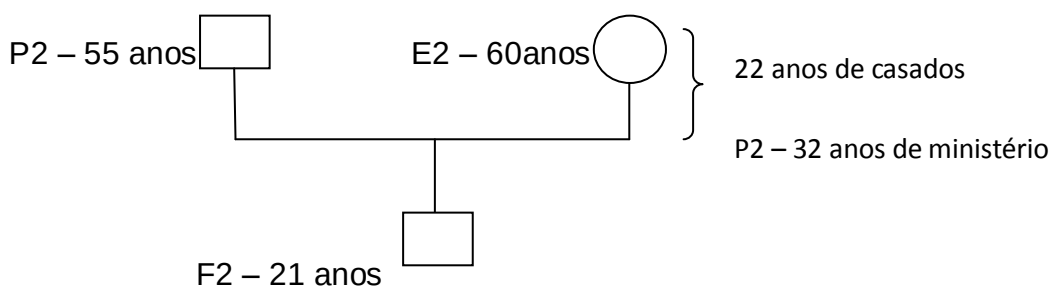
filho souber da verdade, ele não quer saber da igreja. Mas se não tiver este problema não sei o que seria outro.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Ah eu diria é, que depende que caminho que o pai vai trilhar, não sabe se vai ser pastor integral, se vai ser para fazer ministério longe, não sei. Mas respeitar a escolha do pai e tentar acompanhar ele na caminhada, mesmo não concordando, é tem pessoa que não concorda, não sei, depende de cada um. Respeitar a escolha do pai porque é um chamado dele, é um chamado pessoal dele. A escolha é sua se quiser se envolver neste chamando ou não quiser.

(pergunta do pesquisador) Como o filho poderia acompanhar o pai no ministério? Primeira coisa depende da idade do filho, se for um filho criança, não sei, agora se for um filho maior aí a escolha dele. Assim respeitar a escolha do pai porque é um chamado dele ou depende de vários fatores, se o filho mora em casa ou se mora fora. Se morar em casa respeitar a escolha do pai e tentar acompanhar porque o chamado é uma coisa individual, mas querendo ou não acaba interferindo um pouco na família, mas valeria pra qualquer outro emprego, seria uma mudança até que radical, depender da igreja, mas primeiramente respeitar a escolha o pai e se ele quiser até acompanhar o pai, não sei, depende de vários fatores.

GENOGRAMA



P3 e família têm 31 anos de ministério pastoral e está casado com E3 há 25 anos, junto tem um filho F3 de 13 anos.

A entrevista foi realizada na casa da família e me senti muito bem acolhida. Todos, inclusive o pastor e esposa, se mostraram interessados em responder as perguntas do meu trabalho.

P3

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

Olha, na verdade para ser bem honesto é algo que a gente não compreende bem, é algo incompreensível. Não, não se traduz numa equação assim, racional né. Ao contrário acho que se fossemos seguir um caminho racional, não somente eu como os meus colegas todos, na grande maioria dos pastores e das pastoras não seguiriam este caminho. Então é algo de uma profundidade espiritual que alcança a nossa vida em algum momento e que a gente não tem muita explicação realmente. No meu caso em particular, teve muito associado à experiência de adolescente, de juvenil na igreja metodista liderando os movimentos da igreja, federação de juvenis, onde a gente teve muita oportunidade de falar, de liderar. E sempre também tinha uma certa reação das pessoas, no sentido assim: _ Poxa que bacana, você pode seguir esse caminho! Então isso reforça, mas de fato é algo que a gente não explica bem, mas é algo sublime, uma coisa significativa na minha vida. Já são 31 anos que eu trabalho como pastor e eu tenho uma satisfação muito grande, uma gratidão a Deus, eu diria assim.

(Pergunta do pesquisador) Como você teve certeza do seu chamado pastoral? Olha, no período anterior a minha primeira nomeação, que foi feita em 1984, então no meu período de estudante, ainda eu tive a satisfação de conviver com pessoas da igreja que sempre me apoiavam muito, sempre com uma palavra orientadora, sempre com um tipo de visão que aquilo me trazia certa tranquilidade. E especialmente numa comunidade da minha cidade de origem

que é Volta Redonda, onde eu era seminarista, eu tinha muita satisfação de estar ali, às vezes muito cansado pela dinâmica do trabalho sempre muito puxado, trabalho missionário numa comunidade nova que estava se formando. Mas eu diria assim que era um sentimento de alegria... Ou se eu fosse muito maluco de dizer bem estou aqui sofrendo e achando bom, mas não se trata disso né, eu acho que foi uma confirmação. Esse período foi muito significativo, assim como no período da formação. E se repetiu ao longo dos primeiros anos de ministério, com muitas dificuldades que são naturais do trabalho pastoral. Então, sempre que tinha esse sentimento de ficar cantando, de chegar da igreja alegre cantando e às vezes não tinha sempre motivo para isso, eu acho que era para mim uma confirmação e tem sido assim até hoje.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

É bem eu sempre procurei é... assim... tentar fazer uma divisão do trabalho pastoral e do trabalho familiar. Eu sei que isso não é possível de ser feito 100% porque as coisas se misturam, mas eu sempre tentei em termos práticos. Algumas coisas e sou grato a Deus que eu considero que consegui... que eu consigo nestes anos todos manter. Por exemplo, jamais de forma alguma relatar qualquer coisa da vida da igreja para minha esposa que, no caso eu passei 15 anos só com ela e depois que veio o meu garoto. Eu tenho 31 de pastor, com ela 28 anos de casados e ele tem 13. Então, fui pastor solteiro, fui pastor casado sem filhos e depois com filho. Então, nunca repassar uma informação, por exemplo, de algo da vida pessoal de alguém ou alguma situação conflitiva que ela não tinha participado ficava lá. Ela não viu, não testemunhou, então não ficava sabendo. Isso é uma coisa que é difícil, que a gente pensa assim: _Não, família é o meu espaço que eu tenho que desabafar. Mas eu não, eu tinha que desabafar eu procurava um outro espaço. Agora, em alguma situação mais global, mais geral, que não envolvia vida das pessoas aí a gente dialogava sempre, aí é natural e é até bom. Mas... é inclusive muitas pessoas procuravam a minha esposa para dizer algo com se ela já soubesse. E interessante porque ela dizia: _ Desculpa, mas não estou entendendo o que é isso? _ Mas o pastor não te falou? _ Falou o que? Não, claro que não. As pessoas por outros modelos pastorais acham que é uma extensão. Eu acho

que tem que ter uma divisão. Eu dei esse exemplo e poderia dar outro assim, evitar num aspecto mais negativo e critico comentar na frente do meu filho e com ela. Porque aí já é diferente, que a gente digamos... uma coisa simples banal que alguém vai cantar na igreja e canta tudo desafiando, isso às vezes acontece. Então no carro você fala: _ Nossa você viu que coisa horrível! A gente sempre tentou evitar isso e conseguimos pelo menos nessa fase inicial de criança. Agora com adolescente ele mesmo já toma a iniciativa de fazer algum tipo comentário critico. Mas a gente sempre procurou evitar pra que ele pudesse formar a opinião da igreja e não embarcasse num azedume que os pastores tem de reclamar: _ Poxa não tenho apoio! E coisas do gênero. Então eu sempre procurei fazer isso da minha parte e nós dois eu e minha esposa também relação ao G.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Acho que essa uma pergunta muito difícil que você esta me fazendo, porque a tendência seria eu dizer é individual, e de fato é. Porque digamos, no meu caso especificamente, ocorreu de namorar e depois casar com uma pessoa com muito envolvimento na vida da igreja, envolvimento anterior dela, de liderança leiga na igreja dela lá no tempo de solteira. Superintendente da escola dominical, conselheira de juvenis, cargos regionais é... tudo no tempo de solteira. Na medida em que a gente começou a namorar e casou e natural quer isso também pesa, no sentido de dizer: _ Poxa você tem clareza que você está casando! Então a sua esposa tem que ter sensibilidade e compreender o seu trabalho, não tem hora muito determinada, às vezes de madrugada toca o telefone, morreu alguém tem que sair e você esta preparadinho para sair pra uma festa. Agora alguém esta no telefone precisa de uma palavra, você tem que esticar, ou ir à igreja... você não vai simplesmente dizer está na hora de ir embora, às vezes tem que sair da li levar alguém no hospital, visitar alguém. Então eu acho que neste tipo de situação você acaba... não é que mistura na dimensão racional de um e de outro, mas a pessoa se pergunta, no meu caso: _ Bem minha mulher futura, quando você está refletindo, ela vai compreender o meu trabalho, minha vocação? A pessoa que está se casando com um pastor se pergunta também, do tipo: _Eu estou afim disso? Porque mesmo que haja

um cuidado para que não haja cobranças, mas as igrejas fazem cobranças, né. É do tipo, a mulher do pastor, o comportamento dela, do filho. Então, eu diria assim que são as duas coisas sabe, eu acho que é individual no sentido que a dimensão vocacional é de cada um é exercida, mas ela se torna coletiva, não de uma maneira autoritária assim do tipo que um encobre o outro de que você tem que seguir a minha vocação. É que naturalmente isso ocorre pelo cotidiano, pelo dia a dia. E mesmo que se houvesse um casal de pastores, o casal onde um é pastor ou pastora e a outra não tivesse qualquer vivência na vida da igreja, mesmo assim ela está convivendo com a dimensão vocacional, porque mesmo ela não indo à igreja, não se relacionando lá ela vai acompanhar certas situações que a gente vive, no campo emocional, no campo de tudo que a vocação ministerial dá. Então eu diria que é misturado.

(Pergunta do pesquisador): E os filhos são vocacionado? Também, mas no caso dos filhos tem uma certa diferença aí, porque no caso da esposa ela ao me conhecer, no namoro ela teve a oportunidade de escolha, assim como eu também... eu já era pastor solteiro... essa moça vai... tem a ver comigo, vai no meu conjunto da vida do pastorado. O filho não, ele não escolhe já nasce ali né. Então aí é uma situação mais delicada, que eu falei e que eu acho que é misturado. Eu estava pensando em termos de marido e mulher, em termos dos filhos acaba sendo também isso. Exigiria dos pais, não só eu mas também a mãe no caso a E3, um esforço maior para que esta mistura fosse positiva e não negativa, porque quando eu falei de marido e mulher eu falei que esta mistura era positiva, que acaba você dando um balanço geral da vida. No caso dos filhos, aí depende da idade, tudo isso a gente tem preocupações é claro de dizer assim: _ Poxa, essa experiência nossa não será legal que seja transmitida para ele? Sim claro, mas de que forma? Dai se não você fala: _ Você é filho do pastor tem que ir à igreja. Eu acho que isso não seja o caminho adequado, embora acho que o inverso não acho que é legal e fica dividido muito nisso. Qual a medida certa de dizer não vamos para igreja e tal.

- 4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Eu sou integrante da família pastoral, sendo pastor. Eu acho que é mais fácil do que para outra pessoa, seja esposa, esposo ou filhos. E que eles não tem essa responsabilidade, em ultima estância eles fazem o trabalho da igreja. No meu caso, o envolvimento da E3 é grande, mas por uma livre decisão dela. No meu caso então, o que seria mais desafiador e é, é respeitar o espaço do outro de dizer o seguinte: _ Bem, o outro não é só uma continuidade do meu trabalho pastoral. E isso pode se dar no nível da própria experiência da igreja, por exemplo, _Como é que eu trato um membro da igreja e como eu trato a minha esposa que também é membro da igreja, é igualzinho? Não é, seu eu falar que é igual a mim to mentido, porque quando termina o culto eu não vou para casa de nenhum outro membro, daí não vou dormir com ninguém, enquanto aqui em casa é assim. Então é diferente, verdade, mas por outro lado, eu não posso permitir, e eu me esforço nisso, que essa diferença seja brutal né. Então por exemplo, lidar com a verdade, quantas vezes eu já fui surpreendido com as pessoas da igreja perguntando assim: _ Cadê a sua esposa? Numa atividade da igreja por exemplo, e naquela oportunidade ela não foi porque ela não desejou ir. Isso não é tão comum, pelo menos no passado isso não era tanto. Porque o envolvimento dela sempre foi muito grande, mas tinha momento ela falou assim: _Não, não vou porque eu não estou a fim de ir nesta programação. Você vai porque você é o pastor e tem que ir, tipo obrigação. Em geral eu dizia para as pessoas que ela ficou dormindo. E as pessoas ficavam surpresas, porque não estavam acostumadas com respostas desse tipo. Em geral você diz assim... ou não diz a verdade, a gente sabe que isso existe não é. _ Ah ela ficou lá porque o neném está doente, estava passando mal, estava meio com febre ou ah porque teve uma outra coisa e tal. E eu dizia a verdade, então as pessoas ficavam surpresas muitas vezes. Agora, o membro da igreja fala a verdade para o pastor? Eu não to indo na igreja porque to chateado, porque eu não gostei do sermão. Eles não costumam falar mais as crianças falam, se pergunta assim: _ Cadê o seu pai? _ Ah ele não veio. _ Por quê? _Ah ele brigou com a minha mãe. A criança fala logo. Então esse tipo de tratamento relativamente igual eu sempre me esforcei em dar, mas para a E3, meu garoto mais agora que... mesmos assim... quer ver um exemplo, nós trabalhamos numa igreja onde as crianças tinham uma leitura muito frágil, não sabiam ler com facilidade, escola pública, periferia você

imagina como é que é. E ele era fluente porque o colégio mais forte e tudo isso. Então ele tinha aí sei, sete anos e lia muito melhor do que os meninos de 11, 12. Então o que estava acontecendo a professor colocava ele em destaque para lê e tal, tal. Então pensei, poxa vida o que eu devo fazer? Eu tive condição de dialogar com ela e falar cuida disso. Não dizer assim: _ Faça isso, faça aquilo, que seria tão autoritário quanto. Bota o meu filho em destaque ou tira o meu filho de destaque, é a mesma coisa. Mas com jeitinho até que ela entendesse e ele também né. __ Olha evite isso. Aí não to tratando... se fosse outra criança que tivesse a mesma condição dele eu ia fazer a mesma coisa eu ia dizer: _ Olha não bota esse tanto em evidencia só porque tá lendo bem e os outros podem ficar sei lá com ciúmes. Então eu falaria da mesma forma. Sendo o meu filho eu falei com mais cuidado para ser bem interpretado e tal. Então esse tipo de coisa que eu chamo de relativamente igual, num concílio, nas reuniões da igreja, as cobranças que os pastores fazem. _ Você não está vindo à igreja. E eu falo: _E a mulher também não está vindo. Então é relativamente igual, eu não digo que é igualzinho porque pelos motivos que eu falei de tá vivendo igualzinho.

(Pergunta do pesquisador) Os conflitos do ministério você traz para a família? Eu evito principalmente quando são questões que envolvem pessoas, porque os conflitos no ministério pastoral às vezes são: reações das igrejas ao trabalho do pastor isso tem muito né. Eu já vivenciei isso obviamente. Isso às vezes se dá num plano... a E3. percebia claramente, meu filho nem tanto, mas digamos assim evitar que isso fosse em casa um fórum para... o que eu devo fazer o que eu não devo fazer e tal. Mas também há conflitos entre membros da igreja que o pastor fica ali envolvido, envolvidos emocionalmente. Então aí eu sempre procurei não trazer de forma alguma, nem informação. Claro que a pessoa percebe e tudo, mas assim... a não ser que for coisa banal do tipo, ah o fulano quebrou a perna e tal, mas assim conflito pra vale não. Agora tem os conflitos que a gente chama de institucionais que não é nem da igreja local, mas é por exemplo tensões entre os colegas, pastores. Então no caso da E3 ela compreende muito bem este quadro institucional. Então não é uma coisa assim deu trazer isso pro diálogo com ela ou não, não faz muita diferença porque às vezes ela esta melhor informada do que eu muitas vezes em algumas situações, então isso é mais tranquilo. Agora em termos de igreja local e que

envolva pessoas da igreja local eu sempre procurei evitar. E acho que eu consegui assim sabe, pode ser que algum momento a gente também fale e fale uma coisa e faz outra, mas em geral eu tenho por mim que conseguia na grande maioria das situações não envolver a família com os conflitos da igreja.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Talvez pudesse incluir aí o aspecto do lazer. Eu sempre me esforcei de ter o período de férias e... mas eu não vou na igreja não. Isso já fui criticado, minha mãe criticava dizia assim: _ Você parece profissional. Do tipo assim, não estou de férias... mas eu não ia por uma razão simples, primeiro que você vai você não é um anônimo. Primeira coisa que a pessoa faz é vem aqui para frente, sentar aqui na frente ou do tipo: _ Ah que bom que você veio, então à noite prega à noite. Então muito honestamente eu sempre tirei férias e até esquisito falar assim férias da igreja. Então no período maior que a gente viveu sem filho...então realmente isso era uma forma que eu acha de ... então família é família e depois o filho também né. Agora não é fácil isso porque a dinâmica da igreja é muito... puxa muito a gente. Então, por exemplo, ficou com a gente aqui 20 dias um garoto do Peru no intercambio do colégio, meu filho ficou 20 dias lá e antes ele tinha vindo e ficou 20 dias. E ele gosta muito de futebol e queria muito ir a um jogo e eu também eu gosto muito de futebol, meu garoto também. Então vamos levar o S. no jogo. Só que por uma coincidência os jogos aqui em São Paulo no período que ele ficou eram todos clássicos, que eram realizados nos domingos. Então por exemplo São Paulo e Coríntias... e eu não tive condição de levá-lo porque não coincidiu. Os jogos da semana... aí não tinha um jogo no horário correto, correto não, adequado. E eu fiquei muito chateado com isso. Porque ele foi lá no Peru e foi no principal jogo lá, sabe. Então ele voltou falando: _ poxa eles me levaram lá e eu não levei o menino. Eu senti com isso, sabe... do meu coração eu poderia ter matado o culto no domingo e ter ido. Eu não fiz isso, porque aí fica esse conflito né, um certo conflito interno assim: _ Poxa tem a igreja e tal. Ele entendeu, mas eu acho que ficou o desejo: _ Poxa o meu pai podia ter matado a igreja! Mas de vez enquanto por uma viagem, uma coisa a agente deixa... eu fui ao Rio passei um

final de semana lá, eu não fomos à igreja, fomos no futebol lá no Rio. Então eu tento o equilíbrio é muito difícil isso.

6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Olha eu não sei se tem uma estatística sobre isso. Eu não sei se o número de filhos de pastores que não tem vínculo com a igreja ou não desejam ter é maior ou menor do aqueles que tem. A gente sabe que tem muitos que estão fora da igreja. Eu tiro de cabeça amigos meus e tal, mas eu não sei se esse numero ele é significativo, assim. Eu tenho por mim que não deve ser por causa da atitude do pastor, ou do pai, ou da mãe, pastor ou pastora, essa é a minha opinião. Eu acho que eles estão fora da igreja e não querem saber da igreja por caminhos que foram criados por eles mesmos. Talvez por exemplo, por um caminho um pouco mais crítico e as igrejas sempre foram mais refratárias aos pensamentos crítico e acho que hoje elas estão mais refratárias ao pensamento crítico, do tipo assim: _ Você está fora da visão. Porque você questionou um aspecto. E falam: _ Então você não pode vir aqui porque você está fora da visão e tal. E aí o jovem por ele mesmo ele diz: _ Eu não quero isso. Então... agora eu falo com muito medo de morder a minha língua, porque no meu caso específico eu tenho um garoto de 13 anos, que até um tempinho atrás ele ia com a gente na igreja do tipo criança. _ Porque que tem que ir porque nós vamos agora e ponto final. Hoje não, hoje ele, às vezes a gente vai e ele não vai, porque já fica em casa sozinho. Mas eu tenho medo que passe dois, três anos e eu tenho que responder essa pergunta e eu tenho que botar a mão na consciência e dizer assim: _ Pô, por causa de mim. Contradições que a gente tem e o adolescente vê e fala assim: _ Não vou na igreja não, meu pai é o pastor e está fazendo isso, eu vou? Então por isso eu falo com um certo cuidado porque eu não vivenciei isso. Estou falando de experiência de pessoas que eu conheço, amigos e tal, né. Então eu diria que, é porque as igrejas elas estão muito pouco preparadas para dar uma resposta mais consistente para os desejos da juventude. É muito lazer, o louvor é um lazer. Aí se a pessoa pode fazer um lazer de maneira diferente ela fala: _ não preciso da igreja. Agora eu estou tentando lembrar assim filhos de pastores que eu conheço que dizem

que eu não quero nem saber da igreja. Eu lembro de alguns do passado, mas agora dessa turma mais nova eu não sei se tem né. Ao contrario, estou me lembrando de alguns que são muito envolvidos com a igreja. Então eu não saberia responder bem esta pergunta, tenho um pouco de duvida.

7) (Pastor/a) Você já se pensou numa situação de dilema entre vocação pastoral e família? O que poderia te levar a escolher um e não o outro?

Bom, meu silêncio antes de responder é porque tem uma profundidade na pergunta, profundidade que talvez você possa ler nas entre linhas ou coisas assim. Mas a resposta objetiva é sempre muito difícil de dar. Eu só vou te contar uma historinha. Eu fiz há muitos anos atrás, uns vinte e cindo anos atrás, uma dinâmica com os jovens casados, a sua maioria casados, com o texto bonito do Rubens Alves sobre a pipa. A ideia da liberdade que você... então a pipa você prende a pipa. Então a ideia era relacionamento interpessoais assim, não só família, mas a forma de machismo, de dominação que tem, e por aí vai. Aí nós fizemos uma dinâmica com vários textos bíblicos e tal e ações e no final as pessoas escreviam as coisas mais importantes da vida no papelzinho, cinco papelzinho, cada um escrevia cinco e tinha que abandonar um, no primeiro momento. Aí se cantava algumas coisas, se lia alguma coisa, aí outro e outro e outro e quando chegou no penúltimo caso uma jovem senhora, jovem, ela ficou muito mobilizada com aquela pergunta e com a dinâmica e disse assim em quase em tom de desespero: _ Mas eu não sei o que fazer porque eu tenho na minha mão um papel com nome do meu esposo e no outro o nome do meu filho. Então aquilo serviu como exemplo assim... porque claro era um dinâmica, mas pra vê a coisa como é profunda. Eu diria que... eu me sinto muito privilegiado, sabe. E às vezes eu tenho até vergonha, não que a gente não possa testemunhar isso, falar, mas vergonha de dizer porque há muitas situações que eu vejo de colegas... que tem uma área de turbulência muito grande neste aspecto assim do tipo assim... há uma certa oposição da família em relação ao desenvolvimento mais pleno do pastorado. Nem assim se você vai ser ou não vai ser pastor, mas assim: _Você vai ser, mas tem que me dar atenção também. E eu nunca tive da parte da M. um tipo de freio dessa natureza. É claro que às vezes no diálogo você vai dizer bem eu

preciso aqui equilibrar um pouco mais, atenção a igreja, atenção a família ou atenção ao trabalho de modo geral, que faz outra coisa também né. Mas nunca assim uma coisa cerceadora, do tipo, sabe, de te encostar na parede: _ Oh se você não dá eu vou embora ou coisa assim. Então talvez por isso eu nunca fui testado para valer nesta pergunta, do tipo, que opção eu faria se eu percebesse. Também eu nunca vivenciei situações graves por exemplo de enfermidade na família, no caso mulher e filho de tal maneira que eu dissesse assim: _ Olha bispo eu preciso de uma licença para dedicar a minha esposa está precisando assim, assim, assim. Então isso poderia ser interpretado assim: _ Não, eu não vou pedir licença, porque o trabalho pastoral é importante eu vou estar colocando em segundo plano e primeiro plano tem que ser o trabalho pastoral. Eu não vivi esta situação assim sabe, para ser testado. Se eu vivesse ou se eu viver eu não saberia... eu acho assim que eu ia tentar de tudo para conciliar os dois. Mas eu sei que a sua pergunta não é essa. Então agora também eu estou perto da aposentadoria. Eu sou novinho assim como você está vendo, mas eu comecei muito novo. Então eu já tenho 31 anos, então eu acho que isso também modifica, talvez por mais maturidade hoje. Eu... digamos que hoje eu tivesse que ficar um ano, por exemplo, sem atuar como pastor para poder dar atenção para o meu filho. Vamos dizer que ele tivesse um tipo de dificuldade grave como muitos jovens tem em drogas e coisas assim, que eu tivesse que está ali acompanhando, aí talvez eu fizesse isso. Eu tenho impressão que se eu olhasse para traz: _ Poxa eu já dediquei tanto para igreja agora eu vou... Mas não com o sentimento de culpa, porque quando a situação é conflitiva a gente tem o sentimento de culpa né. Aí fala assim: _ Poxa eu nunca dei atenção para minha a família, então eu vou dar agora. Mas não é o caso. Eu me considero que eu consegui equilibrar nesse... mas é difícil mais eu sempre procurei. Então realmente é assim é... teoricamente, teoricamente a gente faz um discurso religioso do ministério pastoral. Mas eu acho na altura da minha vida eu consideraria que uma prioridade para a família. Se fosse um situação grave assim sabe, eu tinha essa impressão que eu daria esse passo, mas realmente eu nunca fui tão testado assim.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Então eu vou falar com uma certa desenvoltura, porque como a gente trabalhou muitos anos na formação, a gente sempre teve muita oportunidade de dialogar com os estudantes de teologia sobre isso. Então eu sempre tinha uma péssima mania de ficar dando palpite, dando conselho né. Então, primeiro casar com idade avançada, nunca antes dos vinte cinco, embora eu tenha casado com vinte quatro. Mas eu acho que a pessoa que está envolvido com a igreja e tal, se puder casar com trinta e cinco anos, melhor. Ou trinta, mas nunca com menos de vinte cinco e nunca ter filho antes dos quarenta, trinta e cinco também. Isso eu acho que para a família pastoral, para quem é pastor ou pastora. A minha experiência foi super legal, só que foi exagerada foram quinze anos, não precisa quinze, mas espera cinco, entendeu. Case com trinta e seja pai ou mãe com trinta e cinco, acho uma coisa legal. Tirar férias e não ir na igreja. Agora eu sei que vou ser criticado por ter falado isso aí. _ Que pastor mais sem espiritualidade é esse, onde se viu dar conselho desse tipo? Mas você está me pedindo e eu estou sendo sincero. Tirar trinta dias de férias e não ir na igreja nesses trinta dias. _ Ah vou no culto da Presbiteriana. Não nem lá, por quê? Fica em casa. As coisas mais gerais de diálogo acho que isso... isso que eu falei, na medida do possível, não fazer diferença entre o membro da igreja e a esposa ou esposo no caso. É ... me parece que não estou enganado, mas parece que é crescente um autoritarismo das esposas de pastores nas igrejas, eu percebo isso. Sabe assim... você liga para igreja atende a esposa. _ Eu posso falar com o pastor tal? _ Você quer falar o quê? _ Ora o que eu tenho que falar, eu tenho que falar com a esposa? Se é a secretária, tudo bem. _ Não, quero marcar um dia né. Então eu acho que para as esposas elas tem que ser como juiz de futebol, desculpa usar essa imagem, igual o presidente Lula sempre falava imagens esportivas. O bom juiz de futebol é aquele que ninguém percebe que ele está em campo, ele apita tudo direitinho e você não vê em nenhum momento, você nem sabe que ele está ali. Você está vendo o gol, você está vendo o jogador e tal. Eu acho que um esposo de pastora ou esposa de pastor ela tem que ser a mais discreta possível. E atuar na vida da igreja dentro da vocação que ela tem. Então digamos se a pessoa vai exercer alguma coisa na área da educação, exerça e vai fazer como outro professor da escola dominical também faz. Ou se participa da ação social enfim né, mas

nunca numa situação que saia desse âmbito específico do chamado como membro da igreja. Pode ser liderança é claro, mas nunca querer ser assim tipo o chefe de segurança do pastor.

E3

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

Ah, compreendo como um chamado que a pessoa identifica na relação dela com Deus. Daí o nome vocação, a gente usa mais o termo vocação e não profissão no ambiente da igreja muito mais comum. Justamente porque tem essa dimensão de um chamado, na relação da pessoa com Deus. Claro que vocação você poder ter para qualquer área da vida, vocação pra médico, pra professor, mas como você atribui o adjetivo pastoral aí você já tem essa dimensão na relação com Deus um chamado que a pessoa tem, despertamento para uma atuação em termos do pastoreio, que é do cuidado, do acompanhamento das pessoas da igreja que são rebanho, relacionado nesta palavra pastor. Então eu vejo assim, com essa dimensão de um chamado resultante da relação da pessoa com Deus.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

É quando eu comecei a namorar o meu marido ele já era estudante de teologia. Então quando a gente projetou que ia se casar, viu que esse ia ser o caminho para nossa vida já estava meio que pautado né, que eu me casaria com um pastor. E a gente, os dois sempre foi liderança na igreja e para mim eu tinha essa visão muito clara de que na família a gente viveria uma perspectiva diferente, porque um pastor, uma pastora não tem o horário definido de trabalho, não tem fim de semana né. Então a gente conversou muito sobre isso, se preparou para isso e a gente sempre viveu na família essa busca de um equilíbrio de ter e saber que é diferente de alguém que bate ponto no trabalho, que tem uma rotina, mas todo mundo tem uma rotina né. Quantas vezes em casa a gente estava pronto para dormir, tocava o telefone ou ele ia fazer o atendimento no próprio telefone ou ele ficava ali um tempão ou tinha que sair para ir ao hospital, era uma situação de emergência, um falecimento.

Então é, o fato de já ter namorado o P3 quando ele era um estudante de teologia isso foi muito importante pra me preparar para aquela vida que eu saberia que eu teria né. Então, a gente vê essa vocação pastoral na família como algo de muito valor e um comprometimento que tem que ser de todo mundo, de entender que não é uma profissão, entre aspas, normal. A pessoa tem uma rotina e isso não existe né. É vinte quatro horas o pastoreio.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Eu acho que é individual, a vocação é dele, ele recebeu este chamado. E eu entendo que a família deve valorizar, compreender e acompanhar né. Dá todo apoio, todo o suporte, mas a vocação é de quem recebeu este chamado, é dele, no caso da nossa família ele é o pastor. Inclusive eu tenho um certo incomodo quando as pessoas na igreja me chamam de pastora porque eu sou a esposa do pastor. E eu às vezes... eu me sinto com o dever de explicar: _ Não eu não sou pastora, eu sou membro da igreja como qualquer outra pessoa, ele é o pastor. E a gente compartilha disso tudo, como eu disse 24h, a gente vive, repira as coisas boas, as tensões, mas eu entendo que a vocação é dele e a família acompanha, dá este suporte, valoriza, mas a família não é pastora, ele é o pastor.

4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Então, é difícil, eu não diria olhando para mim é... Eu não vejo que seja difícil, como eu te falei, eu me preparei para isso, a gente teve um processo. Valorizo, acompanho, mas é difícil muitas vezes na relação com a igreja, da igreja perceber que eu sou um membro normal, que eu gostaria de ser assim, membro normal. Então é difícil neste sentido, é difícil ser um membro porque as pessoas sempre veem de forma diferente e colocam expectativas em cima da gente né. Então eu sei que a expectativa que esposa de pastor tem que acompanhá-lo sempre, em tudo e nem sempre eu posso né... tenho minha vida, minha profissão, viajo. Então essa dimensão é difícil de ter que ficar explicando, de ter que ficar colocando a questão da gente individual como uma

coisa que deve ser compreendida pela igreja. Isso é uma cultura que eu acho que a igreja criou ao longo da história. No passado em que as mulheres não trabalhavam aí ficavam lá o tempo todo com os seus maridos, eu acho que era uma outra realidade e que a igreja ainda guarda esse modelo do passado e muitas vezes joga essa projeção na esposa do pastor. Então eu tenho... sei durante estes anos todos, são 31 anos que ele é pastor, a gente está casado há 28 anos. Então neste anos todos é... houve momentos muitos difíceis, inclusive dele ter como metodista a itinerância de ter saído de uma outra igreja e eu querido continuar naquela porque eu gostava, gostei, porque gostei da igreja que ele foi pastor, que eu me identifiquei, quis ficar e até tentei, mas as pessoas vinham me procurar para fazer queixa do pastor que entrou. Aí se relacionavam comigo como se fosse com ele então aí eu vi que não tinha jeito e tive que então ir para outra igreja né. Então tem essas dificuldades que eu identifico, mas eu não vejo como uma coisa difícil para mim, do ponto de vista pessoal, não é difícil eu lido bem com isso. A dificuldade que eu vejo é nessa relação com a igreja, da forma com a igreja coloca estas expectativas né, isso é difícil. E aí outra coisa que estava dentro da pergunta?

(Pergunta do pesquisador) Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados? Então, tem sido muito um caminho de diálogo, por exemplo, uma coisa que eu acho muito legal que eu valorizo no pastoreio do P3 é que ele não traz para casa problemas da igreja e isso é muito bom. Ele, por exemplo cuida de conflito, de situações, problemas das pessoas e a gente aqui não fica sabendo de nada. As vezes a pessoa vem falar comigo assim: _ O pastor te contou né o que aconteceu? Eu falei: _ Não, não me contou, nem estou sabendo. _Ah ele não contou? Não, ele não conta porque uma coisa que é feita em aconselhamento, numa conversa. Por que ele vai contatar, por que a gente tem que saber de tudo. Então as pessoas até acham né que a gente fica sabendo de tudo. Mas eu acho isso muito legal da parte dele, ético, é uma questão dele não é da gente né. As vezes um comentário sobre uma coisa que todo mundo sabe, mas coisas que são... é um tratamento de uma questão pessoal de alguém, particular ou um conflito é... então isso ele guarda muito. Agora, existem situações que extrapolam que a gente acaba tendo que acompanhar, situações de dificuldade com um membros, algumas situações de

rompimento, discussões que a gente acompanha e a gente acaba vivendo as tensões juntos né. Isso a gente resolve com muito diálogo, com muita conversa e isso é muito legal. É tanto... eu oferecendo contribuição para pensar caminhos né, ele também se colocando comigo. Então eu acho que é bem legal, a gente tem essa, esse limite muito bem estabelecido quando é que todo mundo tem que participar e quando é uma coisa do trabalho dele e a gente não deve se envolver.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

É então eu acho que vai dentro daquilo que eu já falei. Eu tenho isso muito claro assim, inclusive uma coisa que a gente num dado momento da nossa vida de casado, eu não tinha meu filho ainda, meu filho veio bem tardiamente a gente tinha 15 anos de casado quando ele veio. Então a gente tinha 15 anos de experiência conjugal e nós dois sozinhos, então a gente aprendeu muito coisa estando sozinhos e uma coisa que a gente aprendeu e que a gente precisava é ter tempo para gente, que muitas vezes a igreja consumia o nosso tempo todo. A gente não tinha o tempo para gente de ter o nosso lazer, de curtir o nosso próprio casamento, nossa vida conjugal. Então a gente tomou a decisão, que num dado momento já alguns anos de casados eu me lembro bem 3, 4 e 5, que a gente ia separar o sábado, que já estava domingo o dia inteiro na igreja, sábado as vezes à noite tinha alguma coisa, mas pelo menos durante o dia que a gente deveria evitar reuniões, programações para a gente ter para gente, porque trabalhava segunda a sexta e ele sempre foi um pastor de tempo parcial, porque ele tinha um trabalho, além disso atendia a igreja durante a semana e mais o domingo. Então muitas vezes a gente viu: _ Gente não tá sobrando nada para nós dois! A gente tá junto, tá na igreja tal, vem para casa junto e tudo mais, e lazer, o cinema, fazer um passeio, dormir até mais tarde. Então a gente chegou a essa conclusão de que deveria fazer isso e foi muito bom e é uma coisa que a gente preservou até hoje a gente preserva até hoje, de preservar tempo para gente. Então isso é uma coisa muito importante que a gente preza e quando o nosso filho nasceu aí que a gente reforçou mais isso ainda, porque era uma terceira pessoa né e que merecia também o nosso

tempo e nossa dedicação. Então isso eu acho que foi uma coisa que a gente resolveu bem, de separar o que é nossa vida pessoal e o que é nossa vida na igreja. O fato também da gente nunca ter morado numa casa da igreja, porque eu acho... imagino..., nunca morei, mas imagino que quando os pastores e pastoras moram a coisa deve ficar mais intensa porque você ainda mora lá. Então não tem nenhum espacinho se quer de preservação porque está tudo muito misturado. E eu acho que isso facilitou muito a nossa vida sempre porque a gente nunca morou, mas a gente sempre dialogou sobre isso, porque houve uma época que tinha esse consumo muito grande da vida 100%, praticamente tudo muito intenso e a gente sentiu que deveria fazer essa separação. Então isso foi fruto de muito diálogo, de muita avaliação da nossa caminhada, isso foi legal.

- 6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Eu acho que tem várias coisas: primeiro eu acho que tem muitas vezes certas posturas de obrigatoriedade que são colocadas sobre os filhos daquilo que a gente já falou antes, das expectativas que a igreja coloca, que a família do pastor tem que ser a família pastoral, que todo mundo é pastor, tem que ser modelo e tudo mais. Então se coloca expectativas que muitas vezes pastores e pastoras não sabem lidar com isso e reproduzem essas expectativas e colocam cobranças nos filhos. Então quando esses filhos começam a tornar mais autônomos, independentes eles tomam essa atitude. _Ah me cobraram a vida inteira agora eu quero a minha vida. Então eu acho que tem muito isso. Em outros momentos também eu acho que talvez a falta de identificação com a comunidade. É ... neste momento a gente vive isso com o meu filho a gente ... por causa da igreja metodista que tem essa itinerância né. Então meu filho... hoje a gente tá numa igreja que a gente foi pra lá este ano e não tem adolescente e agora ele tem 13 anos, não tem. Então ele diz: _O que eu vou fazer lá não tem ninguém pra mim, só tem adulto, não tem uma...? Ainda mais nessa fase de início da adolescência é muito difícil. Então eu acho que tem este aspecto que é muito particular da igreja metodista, que muitas vezes desestimula os filhos de pastores porque eles criam laços. A gente já teve

numa outra igreja, o meu filho tinha seus 9 anos, que a gente foi transferido, ele chorou muito porque ele tinha criado laços, tinha um grupo de crianças enormes, tinha amigos que vinham em casa. Então foi pra ele um rompimento muito forte né. Então eu acho que isso deixa marcas nos meninos e meninas, das filhas e filhas mais nessa idade, nessa passagem da infância para adolescência, no adulto eu acho que já nem tanto. Eu acho que fica muito esta questão da cobrança, mas eu acho que particularmente na igreja metodista tem este aspecto da itinerância que prejudica bastante. Neste exato momento a gente está vivendo essa situação.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Bom, com base na nossa experiência assim, primeiro eu devo dizer assim, que eu vou dar esse conselho com base na vida da gente, porque a gente é muito feliz. Eu acho que... eu sempre dou este testemunho de estar casada há 28 anos e sou muito feliz neste casamento e já vivemos várias situações difíceis, inclusive com igreja, e fora da igreja, muitas situações difíceis, mas mesmo assim eu posso dizer que a gente é feliz e uma das bases dessa felicidade dessa harmonia que a gente vive é o diálogo. Eu já mencionei esta palavra aqui agora né, a gente conversa muito sobre tudo, a gente tem o jeito de ser que planeja muitas as coisas, como é que vai ser no final do ano, como vai ser o ano que vem, como vai ser as férias. Então a gente discute muito é uma coisa de discutir, planejar e ouvir o outro. Eu acho que as vezes isso aparece algumas discussões sobre família tem que dialogar, tem dialogar, mas fica mais no discurso e eu acho que na prática é fato esta questão de conversar, planejar, avaliar aquilo que eu falei, que uma determinada época a gente avaliou: _Olha precisamos ter tempo para gente, não está dando desse jeito, a gente não vive nós dois vive todo mundo. Então esta questão de avaliar, de conversar, se eu pudesse dar um conselho eu diria isso que é muito importante. Isso é uma coisa e segunda coisa que é uma coisa que eu já falei aqui, que é estabelecer esta distinção entre a família e a igreja, são duas coisas diferentes, por mais que seja difícil por causa das expectativas, mas a família tem que ter a sua identidade própria, ela não pode ser igreja o tempo

todo né. É um casal, são filhos, tem que ter suas vidas fora da igreja. Isso tem que ser muito bem delimitado, quando é que é pra responder pela igreja e pensar com a igreja e quando é que tem que pensar no seu caminho próprio, autônomo de uma família. E estabelecer bem esta distinção de quem é o pastor é ele ou ela, dependendo da família. As vezes esse mergulho tão intenso na vida de trabalho dessa outra pessoa cria problema de identidade também e as pessoas acabam misturando as coisas. Eu já vi situações muito difíceis, igrejas que o esposo da pastora ou a esposa do pastor era vista como que metia o bedelho em tudo, queria controlar tudo, se achava uma autoridade também. Então eu acho que isso é muito complicado, essas coisas tem que estar bem delimitada, as pessoas tem que ter a sua vida própria é e se isso fica claro para igreja, até ajuda a igreja, nesse relacionamento em termos dessas expectativas também. Então eu diria, eu falei essas 3 coisas que é o diálogo, essa questão da autonomia da família e da autonomia das pessoas em separar quando é trabalho do pastora e da pastora e o quanto a gente tem que ter uma vida própria né.

F3

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

Eu acho que como pastor eu acompanhei ele desde crianças e ele se esforça muito, mesmo tendo outra profissão que é ser professor. Ele se esforça muito como pastor. No domingo ele vai a igreja e alguns dias da semana ele vai a casa de pessoas para exercer a sua profissão.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

É a gente, eu e minha mãe, sempre fomos à igreja com ele, porque tem algumas famílias que eu mesmo conheço, como estudante de um colégio religioso tem outra família que tem pais que são pastores, que mesmo sendo filhos de pastores eles não vão a igreja. Eles ficam em casa ou com os avós. Mas eu e minha mãe a gente sempre frequentou e mesmo quando viajamos para o meu pai dar uma palestra ou outra coisa a gente sempre acompanha.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Eu acho que é minha e da minha mãe também, não só por acompanhar ele em casa ou na igreja, como também ele as vezes pede ajuda para gente, a gente sempre ajuda, se esforça o máximo para ajudar.

4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

No início sim, porque tem aquele negocio que tem que sair de casa quase todos os dias, domingo também tem que acordar cedo para ir na igreja, mas depois eu fui me acostumando e até gostei disso por fazer novos amigos nas igrejas, várias igrejas que já passei.

(Pergunta do pesquisador) Você passou por problemas, conflitos e tensões por ser filho de pastor? Eu nunca tive esse problema, muito, pelo contrário, me trata melhor, não melhor do que os outros, mas me trata bem eu nunca tive nenhum problema de brigas ou conflitos.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Eu particularmente eu acho que não, porque a igreja me trata bem mas não como o melhor do que os outros membros. Da mesma forma que ela vai tratar o filho do fulano vai me tratar como o filho de pastor. É então eu tenho que fazer as mesmas coisas que ele faria, eu acho que nada a mais e nada a menos, mas também não tenho que me esforçar tanto a mais. Mas eu me esforço para dar o meu melhor também. Eu separo bem, normalmente à tarde no domingo à tarde eu faço todos os meus estudos que eu tenho que fazer, mas sempre de manhã e à noite com a igreja.

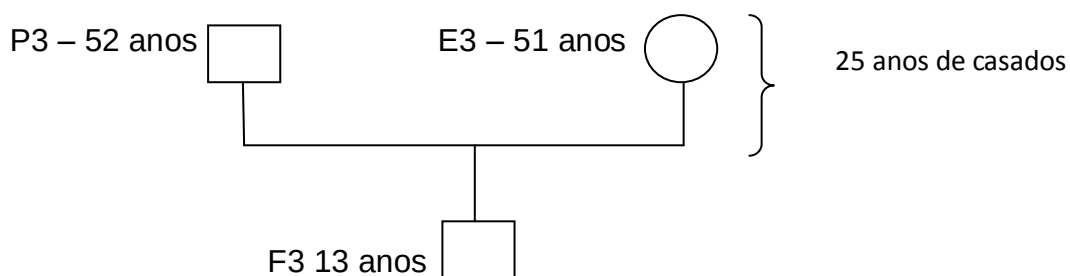
6) Na sua opinião por que existem tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Eu acho que além de ter um preconceito por exemplo nas escolas, na minha escola nem tanto por ser uma escola religiosa, mas tenho amigos entre aspas que apontam e diz: _ Nossa ele é filho de pastor, não vou chegar perto dele. Tem um preconceito porque o Brasil ter muitas religiões tem muitos católicos que os filhos tem preconceitos com os evangélicos.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Eu acho que eles têm que se preparar porque eles vão fazer amigos nas igrejas e depois vão mudar de igreja isso é muito difícil, mas você vai fazer sempre novos amigos e vai mudar e tem que se preparar psicologicamente para isso. Mas também tem que relaxar porque é assim que vai acontecer. Você se apega a pessoa e você tem que desapegar entre aspas. Você tem que por na sua mente que você vai fazer outros amigos e que você não vai deixar de falar com os outros, ainda mais hoje que existe redes sociais, telefone que você pode conversar.

GENOGRAMA



P4. tem 14 anos de ministério pastoral e está casada com E4. há 16 anos, juntos tem uma F4 de 13 anos.

A entrevista foi realizada na igreja que a pastora exercendo seu ministério. A família se mostrou interessada a participar da pesquisa, principalmente a pastora que se viu em muitos momentos confrontada a responder perguntas nunca antes pensadas. A filha estava um pouco apressada para ir embora e a esposa mostrou-se disponível para responder as perguntas.

P4**1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?**

Eu compreendo como um chamado especial, um chamado único, um chamado diferenciado porque entre todos os chamados ele exige muita renúncia, exige muita dependência, exige muita entrega. Mas é um chamado que eu tenho muita convicção dele, né. Então eu assumo ele com muito temor por entender que é um chamado diferenciado e é um chamado que vai repercutir não só aqui no meu entendimento mais para a eternidade. Então é um chamado que envolve muita responsabilidade também.

(Pergunta do terapeuta) Como aconteceu esse chamado? Com onze anos eu recebi meu chamado. Eu estava numa reunião de mulheres junto com a minha mãe, ela vendia pão, ela era vendedora ambulante e à tarde eu saía com ela ajudando. E na quarta-feira lá na minha igreja Metodista no interior as mulheres tinham uma reunião de oração à tarde. Então ela ficava ali em torno para que quando desse quinze horas ela pudesse ir para reunião e eu acabava participando dessas reuniões. E aí teve uma quarta-feira que uma pessoa não foi e eu sempre fui muito envolvida com a igreja desde pequena, de cantar, declamar poema, de participar. E aí então, uma das mulheres me disse, eu tinha onze anos, _ Ah P4 a pessoa não veio né, você lê um texto bíblico para gente né. Faz... eu tinha né... aí eu peguei a Bíblia e abri em Jeremias capítulo um e quando eu comecei a ler foi muito forte para mim, foi forte para algumas pessoas que começaram a chorar naquele momento que eu comecei a ler e ali eu tive a certeza do meu chamado com onze anos, eu quero ser pastora e para isso que Deus está me chamando desde o ventre. Quando tive dezessete anos resolvi que não era isso, eu falei não quero mais. Terminei o colegial e sonhava com uma outra faculdade, porque eu dizia assim não quero. Mas era muito, muito forte, muito forte e aí eu nem cheguei fazer outro curso. E aí eu reconheci que era aquilo mesmo que eu tinha que fazer e vim. Mas foi com onze anos, mas teve umas crises a vocação, do chamado eu achava que não era, mas eu enfrentei e não tenho tido dúvida assim.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

Quando o E4 meu esposo ele me pediu em namoro eu ainda não era nem seminarista. Então a primeira coisa que eu fiz antes deu responder sim ou não, foi dizer assim: _ Você que eu quero ser pastora? Aí depois eu pensei: _ aí meu Deus ele não me pediu em casamento ele me pediu em namoro. Aí ele falou assim: _ Não eu sei. Ele tinha quatro meses de convertido. _ Não, eu sei, eu já ouvi falar. _ Então e aí? _ Não acho legal, eu aceito, eu apoio. _ Ah, então tá bom, então eu aceito namorar com você. Então nos começamos namorar em agosto e em dezembro o pastor me virou, me chamou e falou: _ Olha você o ano que vem vai para a faculdade. Então cinco, seis meses depois eu estava vindo embora para São Paulo. Então namorando e vim para São Paulo. Deixei tudo e lá ele ficou terminando a faculdade dele de Ciências Contábeis. Fiquei um ano na cartinha, só carta, não tinha telefone, não tenha computador, não tinha nada na época, então era carta. Aí Deus abriu uma porta de emprego para ele logo que ele se formou. Na quinta feira ele colou grau, fez a colação de grau e na sexta feira tinha uma entrevista de emprego em São Paulo. Aí ele veio e foi o emprego que ele ficou durante dez anos, aqui em São Paulo. Aí ficou mais um ano nós namorando e aí no terceiro ano nós nos casamos. Então assim, para ele foi muito claro o terreno que ele iria pisar. Então desde quando começou a namorar. Então ele ficou muito ciente de que essa seria a nossa vida. Então embora tivesse pouquíssimo tempo de convertido ele assumiu, aceitou e tem sido assim uma bênção. A única dessa história que entra depois já neste contexto de ter uma mãe pastora foi a F4, a filha. E aí que teve que se adaptar a loucura da vida porque um pastor ele tem a esposa e a mãe. Agora a pastora ela é a mãe. Então com quatorze dias que eu a tive eu estava na igreja pregando de cesária. Eu estava na igreja e eu estava sozinha, era páscoa e não tinha ninguém. Então com quatorze dias eu estava no púlpito pregando ela no colo da minha mãe chorando de fome com quatorze dias. Então assim para ela eu acho que foi muito mais complicado de estar o tempo todo. Então a vocação eu imagino que para ela neste contexto e algo que a gente,... sabe eu sempre me vejo um pouco, um pouco em dívida, mas ao mesmo tempo tenho tratado para eu me sentir também tão culpada. Eu tenho também puxado um pouco algumas coisas assim, às vezes ele fala você

foi um pouco dura nesta questão, mas eu tento mais pra ela. Acho que nesta questão mais complicada, porque ela chegou já era, já era pastora, agora ele já entrou sabendo. _ Olha vai ser assim a nossa vida, a gente vai, nós seremos uma família pastoral, nós seremos diferentes. Então em vários sentido é uma loucura. Mas então eu e ele entramos mais conscientes disso e ela... eu imagino que também Deus porque me deu Ele deu na soberania Dele já deu essa família para ela. Então entre os erros e acertos que nós temos ela vai se encaixando e Deus vai também curando, sarando, vai lidando, nós vamos lidando com as nossas frustrações. Mas tem sido assim.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Ela num certo sentido ela é individual. Há coisas assim eu carrego sozinha, não tem como compartilhar né. Não seria nem justo para eles eu compartilhar. Então assim há coisas que ela caminha muito mesmo no sentido individual. Mas para mim eu vejo que é também familiar. Porque é um ministério itinerante, já começa por aí. Então assim quando mudo eu não mudo sozinha, às vezes nos mudamos de casa, nós mudamos de bairro, muda-se de escola, né. Então acaba sendo familiar também, acaba sendo familiar quando você não consegue passar o natal com a sua família, com os seus parentes. Porque você tem culto na igreja e privam a eles também. Então acaba ficando junto. Não se passa ano novo junto com a família porque existe... porque pelo menos nestes quatorze anos pelas quais eu passei tinha. E que bom eu acho maravilha eu ter a ceia, passar o ano... é então eles acabam ficando também. Então acabam sendo familiar quando nós abrimos a nossa casa para receber um grupo de pessoas ou então quando eu não tenho condições de vir atender no gabinete eu falo: _ Vem em casa. Então assim, eles estão na sala e eu falo preciso conversar, vocês ficam aí e eu vou ficar aqui no quarto e vou conversar com tal pessoa. Então acaba envolvendo a vida deles também nessa dinâmica. Acaba sendo familiar então muita coisa quando eu viajo nas questões da igreja quem fica também com ela e tem que ver isso, ver aquilo acaba sendo ele. Então eles tem que se encaixar, acaba sendo familiar. Há coisas que não, não tem como, mas nas demais coisas eles assumem também essa vida nossa, da igreja, que às vezes não é tão diferente de um membro, de uma família, de um

líder da igreja que te a sua família na igreja que acaba se envolvendo nas demais coisas e eles acabam também, mas muito mais até por causa dessa itinerância né. Então envolve muito a vida deles, mas há coisas que é minha, não tem como, coisas particulares minhas eu não posso compartilhar minhas angústias, minhas noites sem dormir, uma coisa que está me inquietando, uma situação muito grave que envolve questões das mais variadas, não tem como né. Então é meu um peso meu. Mas há outras coisas, que sabe... assim: _ Ora por mim, entenda isso... Acaba sendo familiar. Eu não consigo ver é só meu e vocês não tem nada ver, não consigo.

(Pergunta do pesquisador) Além desse apoio que é dado a você eles se envolvem com os trabalhos? Sim, o E4 hoje ele me ajuda muito na questão da diaconia, junto com os homens, na portaria, abrir e fechar hoje a igreja. Essa é a realidade que ele está assumindo, na outra igreja não precisava né. Então hoje ele assumiu até mais por causa da necessidade da igreja. Pela formação dele ele ajuda hoje, pela necessidade da igreja, na questão da administração. Então ele faz parte, me ajuda. A F4 ajuda na questão do louvor, a questão da dança, que sempre foi algo que ela gostou muito. Com os juvenis, quando precisa alguma coisa com crianças ela entra na escala. Então eles se envolvem nesta questão também na igreja.

(Pergunta do pesquisador) Eles fazem por obrigação o por sentirem participantes desse ministério? Eu vejo nessa igreja eles muitos mais participantes. Eles se veem mais como participantes... eu to nela, eu to aqui né ... eu tenho essa função. Acho que a outra era uma outra realidade o E4 ficava mais de espectador, não tinha muito... porque era uma outra realidade a igreja. Então nessa percebesse que eles veem a necessidade que tem , que existe e fala: _ To aqui, eu faço parte ajudando. A F4 sempre foi mais de se envolver mais com os juvenis, tá eu to lá de dançar, de estar junto. Então ela tem, mas o E4 nessa realidade aqui ele se envolveu mais, pela necessidade viu e falou: Oh to aqui eu posso fazer eu ajudo.

4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

É eu acho que eu tenho aprendido nas coisas ao longo desses quatorzes anos muito. Mas eu já erreí muito né, na questão familiar de... ah por exemplo, de não participar de muitas coisas da E4 e por questões minha de ser muito taxativa de achar que o mundo girava somente entorna daquilo. Então era difícil, por exemplo, foi ainda... acho isso muito, muito complicado para mim quando ela foi primeira vez daminha de honra de um casamento de uma grande amiga minha e foi no período que era concílio geral e eu era delegada do concílio geral e era lá em Aracruz e eu não tive dúvida. _ E4 você vai cuidar porque estou indo para lá. Então assim foi a pior experiência da minha vida, foi a pior experiência, pela experiência do concílio que eu vi e falei isso não é a igreja que eu acredito, não é a igreja que eu luto. E eu falei que besteira que eu estou fazendo aqui... de falar assim: _ Minha filha tá lá é o momento dela e o E4 sozinho na cabeleireira vendo e tal... entrando e ela no telefone: _ Mãe estou linda. Só vendo ela por... então assim foi muito difícil, era muito difícil nesta loucura de fazer, fazer. Num domingo lá na igreja já lá no altar de manhã eu falar: _ Puxa hoje é o aniversário dele, do E4 Nós levantamos, corremos e se arrumamos e vamos e eu esqueci que era o aniversário dele. Então são essas coisas... isso é difícil é de saber e dizer assim: _ Olha eu tenho que ter um tempo aqui, eu tenho tempo de saber administrar, não posso ser sugada tudo, tudo nessa loucura que é. Não é o ministério, mas eu sei que eu né ... eu sou assim. Então é difícil assim. Mas o pastoreio de pastores, que agora eu tenho participado, tem me ajudado muito. Olha dizer assim: _ É a minha folga, são férias, sim eu vou sair com a minha família agora, não, não vou porque tenho uma apresentação e eu vou. Eu tenho conseguido um pouco, mas para minha, para essa questão estava difícil de abandonar tudo. E não era só por causa do ministério eu vejo que isso sempre foi um questão minha, eu sempre fui caxias com igreja. Então desde pequena meus irmãos mais velhos não eram metodistas então tinha um batismo do filho do amigo na igreja católica, domingo. _ Não, domingo é escola dominical, não vou. Então eu ia sozinha para escola dominical com nove, dez anos. Então era muito assim...então eu acho que estas coisas Deus tem tentado trabalhar isso comigo né. Não pode

ser assim, tem uma família, em primeiro lugar é a família. Então este conflito existe não só por causa do ministério já era algo já... que eu não sei como foi plantado isso. Minha mãe não era assim, meu pai nem crente era, mas eu era assim. Então acho que isso apenas veio fortalecer mais esse meu lado, mas ao mesmo tempo eu acho que trazer cura porque chega um momento que você vê que... ou você deixa Deus mostrar para você o que é ou você arrebenta sua família, sua vida, sua saúde. Então tem muita coisa boa acontecendo, muita coisa boa nesse sentido como família. Dizer assim: _ Oh, esse é o tempo vai, vamos. Então eu acho que tem... agora eu acho que é uma questão muito pessoal para mim também ou eu que sou muito centralizadora, eu não sei... eu tenho muitas questões assim. Acho que um livro que me ajudou muito foi “Quando dizer sim e quando dizer não”, Limites era o nome do livro. Então assim eu consegui... sabe ele foi sinalizando algumas coisas porque esse limite realmente porque antes era tudo muito e eles nada, nada, nada, não tinha tempo, não tinha tempo, não tinha tempo. E isso nunca foi saudável, não é saudável para ninguém, mais era... era essa questão lazer, férias: _ Ah não dá para tirar agora. Semana trabalha sábado e domingo é a folga dele, mas sábado e domingo é mais intenso o meu trabalho, então quando que vai no parque, quando que vai no shopping. Durante o final de semana, não tem final de semana. Então acho que mais isso que de vez em quando pega um pouco, pega um pouco sim.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Sempre foi muito, muito difícil. É como eu falei hoje que estou começando, conseguindo por causa do pastoreiro de pastores, da mentoria. Hoje eu tenho uma pessoa que exerce uma mentoria na minha vida, que me cobra, que tem me ajudado a estabelecer prioridades, a cobrar e fala: _ Oh cuidado com essa área! Já fez isso aqui? Então hoje estou conseguindo mais, e tem sido libertador para mim, tem sido uma delícia para mim. Poder sair e falar assim: _ Você vai... eu vou caminhar junto, vamos caminhar? Vamos sair seis e pouco da manhã no sábado, precisa caminhar junto né. Então tem sido bom, mas

estou num processo né, estou num processo não é muito fácil pra mim não. Acaba ficando em segundo plano sim, acaba ficando porque não é só igreja local. A minha realidade tem algumas questões da região. Antes era mais e eu fui dizendo não, não, não quero, não, não quero, não posso, mas outras eu fui designada não foi uma eleição, fui designada, então você se acaba, então tá. Então tem muita coisa... então eu to neste processo dizer: _ Não isso aqui eu não vou fazer. Mas é difícil, ainda para mim é difícil dizer assim... numa quarta feira, eu tenho ajudantes então o ajudante vai ficar e eu não vou. É meu que inconcebível para mim entendeu? _Oh eu não vou, como eu não vou? Entendeu ainda é muito complicado para mim. _ Ah tem um domingo e tal, esse domingo vai ser o domingo da família. Tenho três ajudantes e a igreja não é tão grande. Então é inconcebível para mim ainda, difícil, muito difícil. Então é férias eu vou com um monte de livro, nas férias na praia livros da igreja para ver. _Aí que lindo isso aqui dá para fazer! Então é complicado ainda para mim e é meio complicado isso aí.

6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Ah na minha opinião porque eles perderam os pais para igreja. Viram muitas vezes que os pais, os pastores priorizaram a igreja. E também é assim, é difícil também, como você tem um ministério diferenciado, de renuncia, como eu falei no primeiro momento, você também tem que ter uma dosagem de sabedoria para tratar. Então assim, não tem como, domingo é domingo que eu sou pastora. Então assim: _Ah não vou, não vou! Eu também tenho que ter um pouco de tato para também fazer com que eles não se sintam muita vítima também. Nestes dias eu conversei com ela, peguei e tal, tal... numa situação, eu falei assim: _Olha não é porque eu sou a pastora que é isso, há outras situações de outros pais que não são e também não tem, então vão parar. Eu chamei então vamos parar. Então a gente também tem que ter um pouco de sabedoria, de lidar sabe assim, eu vejo assim. Agora tem, tem , porque viram também os pais sendo maltratados, viram coisas horríveis de uma igreja cruel para a vida dos pais, viveram isso, viram isso na casa, viram os pais chorando,

viram os pais se lamentando, viram os pais sendo colocados ao ridículo, viram os pais passando necessidades financeira porque... _ Não estou gostando então não vou dar o dízimo. E isso vai acarretar problemas. Então viram tudo isso, não tem como você proteger isso, sabe disso, viram isso. Por mais que a gente tente não falar, mas está vendo, está vivenciando isso. Mas cabe também, sabe assim, a gente ter muita... buscar essa sabedoria, essa direção de Deus para a gente poder tentar, sabe. Tirar um pouco o foco da questão humana a nossa confiança não está na estrutura, nós colaboramos com a estrutura, mas nós não confiamos na estrutura, isso não é bíblico, nós confiamos em Deus. Então, mas acaba que a gente se perde nisso, então eu imagino que seja isso.

7) (Pastor/a) Você já se pensou numa situação de dilema entre vocação pastoral e família? O que poderia te levar a escolher um e não o outro?

Ora tem que ser uma questão mas muito, muito, muito, muito, muito delicada mesmo. Muito, porque meu Deus eu não me vejo assim fazendo outra coisa, sabe assim, a vocação, o ministério eu não consigo ainda assim, sabe. Então tem que ser um dilema familiar muito, mas muito, muito, muito pesado para eu abrir mão da vocação. Eu abriria mão da vocação, mas teria que ser um dilema mais muito, muito, muito complicado mesmo, mesmo assim sabe. Eu não vivenciei assim, não experimentei assim. Ficaria com a família, mas teria que ser algo muito pesado, muito difícil mesmo. Não consigo assim imaginar, incrível né!

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Ah início de ministério começa fazer logo o pastoreiro de pastores. Sabe assim, se eu tivesse iniciado no ministério com o pastoreiro de pastores eu teria evitado muitos problemas familiares, muitos. Teria desencanado muitas coisas que agora estou desencanando, eu teria começado lá. Eu teria aprendido a cuidar mais da minha filha, aprendido a cuidar mais do meu marido. Então assim, o pastoreiro de pastores cuida da nossa saúde. Então eu comecei com

dez anos, onze anos de ministério. Então são três anos que estou vivendo uma experiência nova, que está sendo aberto outras oportunidades de Deus para minha vida. Para uma família pastoral começa a fazer logo pastoreiro de pastores. Sabe, ser o pastor junto com a família, que é saudável que a gente vai aprender a cuidar da gente, a gente vai aprender a cuidar de nós, a gente vai aprender ver biblicamente aprender aquilo que Deus quer. Então começa logo, começa logo, porque o pastoreio de pastores é uma ferramenta.

(Pergunta do pesquisador) O que é pastoreiro de pastores? Se trata o cuidado da pessoa, do indivíduo, da família, da prioridade. Então assim... no começo a gente quer falar de igreja, o que é latente a igreja, mas vai se perceber que a vida não é só a igreja. Ela vai perceber que existem outras coisas, que o chamado é maior que o ministério. Então tudo que eu falei acima é mistério, mas o chamado de Deus é maior que o ministério, porque amanhã depois eu posso não está no mistério, mas eu continuo tendo um chamado. Então o pastoreio trata isso. Ele trata relacionamentos e trata à questão do lazer, ele trata a questão do pastor ter plano, projetos pessoais, projetos familiares, de ter tempo familiar, de ser ministrado, não só dar mais ser cuidado, ser moldado, porque não somos super homens e super mulheres. Então ele desmistifica muita coisa, muita coisa. Então é mais para cuidado do pastor, da saúde do pastor emocional, espiritual, física. Então é isso aí para quem tá começando é o ideal porque evita muita coisa.

E4

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

Ah eu compreendo a vocação pastoral como um chamado de Deus para a vida da pastora primeiramente e depois da família. Porque para você está acompanhando, para você entendendo este chamando da P4 você também tem que ser vocacionado de uma certa forma. (Pergunta do pesquisador) Como foi para covê casar com uma pastora? Foi fácil, porque quando a gente começou a namorar ela já sabia desse chamado dela como pastora e depois de cinco meses de namoro ela veio para São Paulo para estudar. Então essa foi à fase mais difícil do namoro a distancia, mas para mim foi tranquilo. Mas

assim foi tranquilo no começo depois que a ficha caiu aí deu umas crises, mas foi tranquilo consegui lidar bem com isso.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

Ah eu não vejo diferença dentro de casa, a gente tem um vida normal, eu entendo. É certo que tem as cobranças como família, como marido, como família pastoral tem algumas cobranças que a igreja faz. Mas eu entendo que é uma situação normal.

(Perguntas do pesquisador) Que cobranças são essas? São cobranças de frequência, muitas vezes por causa do meu trabalho eu viajo bastante né. Tem um ano que eu não viajo mas já viajei bastante. Então as pessoas cobram. _ Ah pastora cadê o marido? _ O marido não está, ele está viajando. _ Poxa mais ele só viaja, seu marido só viaja? Então esse tipo de cobrança, de frequência. E aí tem igreja... eu não toco nada, não toco, não ministro, não canto, não prego, não dou aula na escola dominical e às vezes eu sinto que tem uma cobrança também neste sentido. Mas eu falo eu não sou pastor, o pastor é ela, ela que é a pastora. Ficou muito tranquilo nesta questão.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Como eu já falei nas perguntas passadas eu entendo que é familiar. Eu me vejo envolvido no sentido de apoio e ouvir, porque precisa ouvir, precisa ouvir muito porque às vezes ela chega em casa e eu falou: _ P4 você não tem que trazer para dentro de casa aquilo que você ouve dos membros, dos irmãos da igreja. Então é ouvir muito, ouvir muito, apoiar e entender que tem que sair de madrugada, às vezes de domingo não vai estar em casa, muitas vezes de fim de semana né. Tem as viagens também que ela faz porque ela é muito envolvida com a região e tem que entender né. Entender que de domingo, de natal, de ano novo você não vai conseguir sair. É igreja, mesmo que muitas vezes esteja eu, ela e um casal tem que está na igreja e tem que apoiar, tem que estar junto. Não adiante... _Ah não, a gente tem casa na praia, vamos para praia você fica né, tem que estar junto com ela.

(Pergunta do pesquisador) Você apoia a pastora na retaguarda e com os trabalho da igreja local? Não, na igreja como eu falei eu não canto, eu não prego, eu não dou aula na escola dominical, então é presença mesmo na igreja, não assumindo algum ministério. Como muitas vezes a esposa tem que assumir a sociedade de mulheres, o esposo tem que assumir a sociedade de homens, eu não sei, eu não assumo. Eu acho que tem os membros da igreja que podem fazer isso. Acho que se o marido ou a esposa do pastor se sente vocacionado acho que deveria assumir, eu não me sinto vocacionado para isso. Eu já tentei dar aula da escola dominical para as crianças, para a sociedade, mas não vai não é o meu caso. Então acho que o apoio é estando perto dela, acho que isso é uma vocação. Porque eu também acho que muitos, muitos esposas e muitos esposos que muitas vezes que acabam querendo assumir o lugar dos pastores. Ela é a pastora dentro da casa quem manda... será que sou eu? Bom, mas eu procuro exercer dentro de casa o meu papel, mas na igreja ela é a pastora. Eu vou está querendo assumir algum ministério ou estar querendo muitas vezes querendo dar uma voz de comando sendo que é dela.

4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Não, não acho que é difícil ser membro da família pastoral. Apesar de trabalhar, de ter o meu trabalho até hoje nunca interferiu. Todas as nomeações dela foram para São Paulo. Agora não sei quando uma nomeação for fora, aí não sei como eu reagiria, mas por enquanto não é difícil, eu não vejo nenhum problema por causa das mudanças né. Sempre a gente está mudando de igreja, até agora nunca interferiu, não tem nenhuma dificuldade.

(Pergunta do pesquisador) E há conflitos por causa da igreja e como você administra os conflitos? Não, às vezes acaba afetando, mas aí eu converso com ela: _ Você não tem que trazer para dentro de casa os problemas da igreja. A gente conversa, agente senta e ouço bastante ela, mas eu falo: _ Mas você não pode trazer algum problema com filho, você não pode trazer para a sua filha. Algum problema com ma..., que ela ouve assim... com o marido. _

Você não pode trazer para mim. A gente senta e conversa, mas não que isso possa afetar. Lógico que afeta, mas não deveria.

- 5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Gera conflito sim, várias vezes já gerou, várias atividades fora da igreja já gerou conflito em casa, porque às vezes tem a programação da igreja que ela tem que estar envolvida e em algumas vezes eu também estou e agente tem que vir, não tem como. Como programação em família como natal, como ano novo a gente nunca aparece né, então gera um conflito. E aí a gente procura... neste dias a F4 reclamou que a gente não participa do eventos da escola dela. Teve algumas outras atividades que a P4 não pode ir porque ela estava viajando pela igreja, aí o conflito fica né. A gente procura conversar, tratar, mas tem conflito não tem como, isso gera um conflito grande ainda.

- 6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

Tem vários... a gente inclusive numa das visitas que a gente fez, porque a P4 está fazendo o TCC, naquela época era TCC, não sei mais como a gente chama, a gente encontrou um filho de pastor preso, ele estava preso com AIDS e tudo é muito difícil essa situação. A gente cria mesmo a F4 para que ela sempre ame estar na igreja, mas a gente sabe que uma certa idade a decisão eles tem que tomar as suas decisões né. Mas eu acho que é assim, eles vivem mais intensamente do que os outros filhos da igreja né. Ouvindo conversas dentro de casa. Eu acho que uma maneira de poupa-los é não conversar sobre os problemas da igreja perto deles. E deixar eles viverem problemas comuns sendo membro da igreja não como família. Muitas vezes tem muitos pastores que... aí surge algum problema a gente procura evitar, poupar a F4 de ouvir algumas coisas, porque acho que isso afasta, acaba afastando muito. A igreja... algumas igrejas judiam de pastores a gente sabe disso. E aí eles vivem estas situações. Acho que isto acaba afastando da igreja os filhos de pastores.

Assim como também tem muitos filhos que amam estar na igreja e continuam a vida toda e alguns até se forma pastores. Mas realmente há muitos filhos de pastores fora de igreja, muito triste.

8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Eu acho que entender que a família vem antes da igreja, vem antes de ser pastor. Eu acho que é cuidar dos filhos, cuidar da esposa, cuidar do esposo e procurar estar junto, muitas vezes a igreja toma muito tempo, mas o tempo que tiver procurar viver, viver junto, desfrutar a cada momento assim com mais intensidade. E estando junto orando bastante, oração é importante. Tendo os momentos com a família de devocional dentro né, não como família pastoral, mas como família mesmo. É estar junto, estar junto é muito importante, cada momento que poder estar junto fazer o melhor momento que vale a pena, esse momento junto.

F4

1) Como vocês compreendem a vocação pastoral?

É bom eu vejo que não foi uma escolha da minha mãe e nem de mim, mas Deus escolheu ela para está sendo pastora. Então eu, eu assim não compreendo muito, mas assim é diferente, eu acho assim bom né. Eu acho que é um chamando de Deus é um dom também que ela recebeu para está sendo pastora.

2) Como essa vocação é vivida dentro da família de vocês?

É difícil, é difícil porque assim eu passei sete anos numa igreja na catedral que eu fui com dois anos e saí com dez. Foi difícil é sempre muito difícil esse negócio de está sempre mudando, porque a gente vai mudar de casa, mudar de escola, vai mudar totalmente a vida e assim é muito difícil. Em casa a gente ... o meu pai sempre do lado da minha mãe nas escolhas que forem feita pelo bispo e tudo e eu vou seguindo junto também, sendo difícil mas...

(Pergunta do pesquisador) O que é mais difícil para você? É quando muda de igreja e tem que mudar toda a rotina da casa, e escola e não ter uma vida assim vou estudar no colégio, vou estar nesta cidade, nesta casa sempre não tenho certeza porque pode mudar a qualquer ano.

(Pergunta do pesquisador) E com os amigos? Troca, troca os amigos, mas assim... o contato a tecnologia sempre a gente está bem junto, mas vai trocar né porque eu vou mudar de escola, vou mudar totalmente de lugar então eu tenho que sempre... não posso ser muito tímida e não posso ser muito fechada tenho que ser mais social para sempre esta podendo fazer novos amigos.

3) Vocês acham que a vocação pastoral é individual ou familiar?

Eu acho que a família tem que envolver um pouco porque se não fica difícil também né, porque só ela nessa vocação. Embora a vocação seja dela, o chamado seja dela a família acaba indo no pacote junto. Pelo fato de... é família então tem que sempre junto com ela na caminhada.

(Pergunta do pesquisador) ONDE VOCÊ SE VÊ MAIS ENVOLVIDA? Na igreja, assim eu não me envolvo muito na família pastoral eu sempre gosto de fazer o que eu mais gosto, por exemplo dança, outros ministérios, mas eu sempre tenho, estou junto. Quando eu era pequena eu estava mais pelo fato de não ter com quem me deixar eu ia nas reuniões em tudo que tinha. Hoje não, eu não vou mais nessas reuniões, só estou onde há necessidade da família pastoral, mas fora isso eu não fico mais.

4) É difícil ser membro da família pastoral? Há conflitos e tensões no exercício do ministério e como são encaminhados?

Sim, porque por exemplo mudou de igreja... _ Ah é filho do pastor! Então tem aquele negócio, aquela pressão, se eu não vou na igreja aos domingo: _ Puxa o filho do pastor não veio, nossa olha que coisa é desviado. É eu já ouvi isso, uma vez eu precisei de ir na festa de uma melhora amiga minha, que assim, que era o aniversário dela que eu não conseguia ir porque era sempre de domingo. Mas dessa vez eu falei: _Poxa minha melhor amiga, então vamos. E aí eu faltei, nossa meus amigos aqui da igreja: _ faltou, não faltou por que, não

você tem que estar junto, isso é desviado, é isso, é aquilo. _ Não gente eu faltei num domingo da minha vida que é para ir na festa de uma melhor amiga minha e se eu não fosse ia ser triste né, poxa não fui. Desde pequena, porque eu nasci já minha mãe sendo pastora então eu me acostumei... esse negócio quando minha mãe estava na catedral, que é uma igreja muito grande. E então eu... sempre teve conflito de... por exemplo apresentação de escola a minha mãe não podia estar porque estava na reunião de trabalho, dia das mães tem que estar na igreja não consegui ver ela muito bem. Então na catedral foi sete anos que foi, levanta vê a minha mãe de manhã e à noite porque à tarde ia para escola e o período da tarde até umas dez horas ela continuava na igreja. Então sempre foi difícil e eu conforme eu fui crescendo e fui pegando um trauma assim. Eu estava na igreja porque eu tinha que está, porque se eu não fosse ia dá... dos membros e tudo no que sei o que... então eu sempre estava, mas assim eu não tive a escolha né, mas assim foi um negócio que foi sendo tratado. Eu sempre..., faz um pouco tempo que eu resolvi isso com a minha mãe porque eu vivia... eu pensava: _ Poxa como ela consegue cuidar de todo mundo que é da igreja e eu fico assim meio sozinha. Mas isso foi bom para mim porque eu fui... eu tenho uma maturidade muito além da minha idade. Então assim foi bom para eu aprender. Mas conflito sempre teve... Esse negócio _ Poxa mãe, tem uma apresentação na escola você não pode ir, como é que fica, tem teatro, tem dança, tem apresentação de dança. Então buscar na escola, não dá para buscar na escola, você vai sozinha, você vem sozinha. Agora eu consigo ir sozinha para escola e voltar sozinha, isso não é mais problema, mas antes era porque eu me sentia mais sozinha, mas agora não tem muito assim.

5) Para vocês como é separar as necessidades da família e das necessidades da igreja?

Eu separo né, o pessoal da igreja tem certa cobrança, vamos resolver aqui e agora. Saiu outra cobrança fora da igreja então a gente resolve noutro lugar, em outra ocasião não envolvendo igreja com o meu pessoal, claro que vai

envolvendo pouco, mas sempre que puder mais distanciar possível é sempre bom.

- 6) Na sua opinião por que existe tantos filhos (as) de pastores (as) que não querem nem ouvir falar sobre igreja?

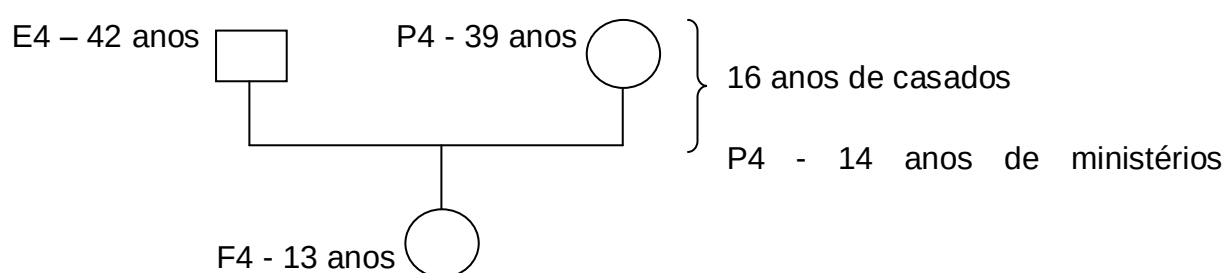
Eu entendo bastante nesse negócio de sair, porque eu já pensei bastante eu indo para igreja eu não quero, eu não aguento mais ouvir falar de igreja. Porque é assim... você está na escola, por exemplo: _ Ah filho de pastor não pode fazer nada, não pode ir em festa, não pode sair com amigo, não pode isso, não pode aquilo, a igreja, é isso, não sei o quê. Então vai pegando um pouco na cabeça... _ Nossa eu não posso sair com os meus amigos, não posso fazer nada! Não, quero ser que nem eles vamos sair também, vamos para festa, vamos... sei lá fazer outras coisas. Porque na igreja a gente é filho do pastor e fora da igreja também é filho do pastor, o estranho que não pode fazer nada, é tipo um alien. Então eu entendo bastante porque eles saem porque eles querem fazer as coisas normais também. Poxa é difícil sair e ver seus amigos indo para festa, se divertindo, indo pro cinema você não consegue ir, você não pode ir, então você acaba saindo da igreja. Eu tenho amigo que são filho de pastores, que o pai é pastor mas ele totalmente fora da igreja, embora vá alguns domingos. Mas é por causa disso no caso dele também, porque esse negócio que eu não quero ser visto como o certinho, o evangélico, porque os seus amigos que não são assim você vai pensar que nem eles. Então a maioria dos filhos de pastores eu acredito que saiam porque querem ser pessoas normais, não ser visto como o filho do pastor que tem que ser igual ao pai, tem o negócio. Ah vai ser pastor também, vai tem que ter esse negócio de sempre ser o certinho, errou um pouquinho já é totalmente errado. Eu acho que tem isso também.

- 8) Que conselho vocês dariam para famílias pastorais em início de ministério?

Eu falaria para eles darem um tempo para os pais conseguirem, para o pai ou para mãe que vai ser pastor, um tempo para ele estabelecerem porque é muito

difícil você está fazendo uma coisa e você tem que mudar totalmente o seu chamado e ser pastor. Então esperar o tempo deles, do pai virá... fazer as coisas e tudo e seguir junto, Porque eu acredito que é muito difícil para um pastor o filho ou a filha não estar junto na igreja. Deve doer muito. Então daria o conselho de sempre está do lado e por mais difícil que seja esse negocio de trocar de igreja e tudo, acompanhar ou pelo menos ficar em alguma igreja, se for evangélico acho seria bom.

GENOGRAMA



7.4 Mapa Mental Sintético

Categoria/ Entrevistado	1- VOCAÇÃO PASTORAL	2-FAMÍLIA PASTORAL	3-VOCAÇÃO INDIVIDUAL OU FAMILIAR	4-CONFLITOS	5-LIMITES	6-FILHOS SOBRE CARREGADOS	7-ESCOLHA IGREJA OU FAMÍLIA	8-CONSELHOS
Pr. 1	Compreendo como um chamado de Deus muito forte na minha vida porque não era o que eu queria,	É uma família informar que exerce o papel de pai e mãe e em último lugar o papel de pastor.	Familiar, especialmente para a esposa e os filhos na medida do possível.	Quando se dá mais valor para igreja do que para esposa e filhos.	Não consegue colocar limite até hoje, acha que terá que tirar uma licença para poder dedicar mais a família.	Acho que é o cansaço e a desmotivação em decorrência dos problemas da igreja.	Com certeza a família	Muito amor pela família e pelas pessoas da igreja. E não colocar a família em último plano.
Esposa Pr 1	É um chamado muito especial	A vocação sempre esteve em primeiro lugar. “Ele largava tudo e ia”.	A esposa deve ser vocacionada já os filhos não.	Os conflitos são mais por causa da igreja mesmo, porque a igreja traz muito problema para dentro da casa da gente	Há muitos anos não separava, largava a os filhos para se dedicar aos trabalhos da igreja. Hoje está se dedicando mais a família.	Cobrança da igreja em cima dos filhos do pastor. E as críticas que os membros fazem a respeito do trabalho do pastor		A esposa de pastor não pode atrapalhar o ministério do marido. Ela deve abrir mão de algumas coisas, não tudo e não querer mandar na igreja. O pastor

								deve saber dividir, tirar um tempo para estar com a família.
Filha Pr. 1	A vocação é um chamado de Deus porque senão não aguenta, as lutas e as batalhas são grandes.	Com o passar do tempo, dos anos você vai ficando tranquila e em paz, porque vê o dom de pastor do seu pai. E entende que ele está vivendo o chamado e a vontade de Deus.	Família, ou seja, da esposa. Os filhos não, mas na medida que vão crescendo, vivenciando, compreendendo e aceitando o chamado do pai pode ajudar na harmonia familiar.	Os conflitos vêm da igreja através das cobranças, injustiça, falatórios, fofoca, desrespeito com o pastor	Acho que meus pais souberam dividir isso e não cobraram de forma excessiva. Ele (pai) soube dosar, equilibrar não impôs o chamado dele sobre nós.	“Os filhos de pastores cansam dessa cobrança, desse papel que ele tem que exercer, mas que na verdade ele não tem obrigação nenhuma de exercer...”		A família deve buscar a Deus em primeiro lugar. Na família tem que ter muita oração, muito diálogo, muita união e transparente um com o outro, sincero pra que não aja conflito interno.
Pr. 2	“É um chamado de Deus, ninguém se chama a si mesmo. É algo que a gente recebe de	Na família eu sou pai e marido. “Eu vivo com muita tranquilidade nessa vida pastoral e a família”.	“É individual, porque o chamado é meu, ...A família ela pode ser bênção na minha vida estando comigo nessa caminhada	Nunca tive dificuldades porque eu deixo muito claro que o papel da família diante da igreja, tanto da esposa quanto do filho são papéis de	Ele considera a área mais difícil e mais conflituosa porque a família precisa de um tempo não como pastor mas	“Os pastores não souberam separar adequadamente a vida pastoral da vida familiar. Impuseram talvez aos filhos muitas obrigações,	“Mas vamos dizer que haja uma situação dessa, que é hipotética, não consigo imaginar nunca cheguei perto de	“Saibam viver uma vida familiar com princípios do evangelho, mas jamais sem a imposição de uma vida pastoral. ...saibam separa

	Deus pela fé, algo que nos é proposto a fazer por Deus.”	família está por traz, está junto, embora não seja vocacionada.	e me dando apoio, sendo suporte, sendo coluna, mas o chamado é meu.”	membros como todas as outras pessoas. Nunca teve conflito porque não levar para casa os problemas da igreja.	como pai ou como esposo e a igreja demanda um tempo também.	impuseram posturas e não souberam dar a liberdade aos filhos.”	uma situação assim. Sem dúvida a vida familiar ela sempre tem a precedência diante de Deus.”	muito bem as coisas, vivam uma vida familiar feliz, alegre, leve, sem ter o peso de uma vida pastoral, ...saibam também ter os seus momentos, ... não se deixar ser influenciado pelo que a igreja quer, pelo que a igreja imagina que deve ser um pastor.”
Esposa Pr.2	“Eu vejo como um chamado mesmo né, como uma pessoa que não decidiu por si só, que foi escolhida, chamada para este ministério.”	“ É uma coisa muito séria, muito difícil porque a vocação é dele não é da família.” A vocação é vivida de tempo integral “Ele não é uma pessoa	“É pra família...” A igreja cobra da esposa de pastor e ela por si tem que aprender, dentro de suas características, tem que aprender ouvir, acolher, brincar e não opinar na vida das	Não há conflitos referente aos problemas da igreja porque o pastor não traz nada para casa. Porém, há conflito quanto ao tempo disponibilizado para família.	“Eu separo ele não separa, para ele é só igreja, só, só e só.”	“...mas eu creio que a maioria dos casos é porque vem à dedicação absurda que eles tem com a igreja, com o trabalho e o tanto que as pessoas sugam deles que quando chegam em casa não tem mais		Entendam que o mistério é assim, que os marido não tem tempo para a família. Peçam a Deus muita direção e discernimento. Separe tempo para a família, mesmo que o

		de descansar, ele não é uma pessoa que aceita as férias pastorais, ele não aceita não estar em alguma atividade da igreja, ele quer estar em todas as atividades da igreja.” Ele não se permite faltar programação da igreja para estar em reunião de família. E quando chega em casa já está exausto que só descansar.	pessoas. Ela tem que ser sensata, ter visão, entender que o marido larga tudo e vai atrás das ovelhas.			saúde para..., não tem mais tempo, não tem mais vigor.”		marido não possa passear vá com seus filhos descansar. Tenha uma conduta firme e não trate seu filho diferente dos demais membros da igreja. Converse, brinque com todos, mas não dê a sua opinião.
Filho Pr.2	“...vejo como um homem diferenciado que recebeu um chamado	“...no meu caso não interfere muito não, porque ele é uma pessoa	“Não, o chamado é só do meu pai, tanto é que não hereditário o que ele faz, o que ele	O pai é uma pessoa muito reservada e não traz conflitos da igreja para casa. A dificuldade é	Não, eu me vejo como um membro normal, eu separo, sou uma pessoa	Talvez sejam os filhos de pastores que se sentem envergonhados porque os pais		“...Mas respeitar a escolha do pai e tentar acompanhar ele na caminhada,

	para trabalhar na igreja. ...deve ser um chamado divino, porque é um chamado diferenciado.”	reservada...” Ele não traz para casa os problemas do seu trabalho, ou seja, igreja.	se tornou é individualmente para ele.” “Então cada um tem a sua vocação, ele é vocação pastoral e eu posso ter uma outra vocação referente outra coisa, não que seja uma vacação de família toda.”	conciliar o tempo para a família porque ele dá prioridade para a igreja.	reservada. Daí as pessoas já percebem que sou uma pessoas reservada, que não gosto e não procura para ministério porque o meu pai exerce a função de pastor	estão envolvidos em escândalo de corrupção.		mesmo não concordando,...” “A escolha é sua se quiser se envolver neste chamando ou não quiser.”
Pr. 3	Não compreendem os bem porque vai além do nosso entendimento racional é algo profundamente e espiritual. Porque se fosse racional ninguém escolheria ser	“Eu sempre tentei fazer uma divisão do trabalho pastoral e do trabalho familiar. Eu sei que isso não é possível de ser feito 100% porque as coisas se misturam, mas eu sempre tentei	É individual o chamado, mas há momento que se mistura porque a esposa acaba participando dessa dimensão vocacional também. O filho também está envolvido nesta mistura, porém cabe aos pais	Não trago nenhum tipo de conflito para casa, nem problemas de igreja com o pastor, de conflitos membros com outros, ou de tensões entre os pastores.	Incluir o aspecto do lazer. “Eu sempre me esforcei de ter o período de férias e não vou a nenhuma igreja neste período. Dedicção a família	Acho que não seja por causa dos pais pastores, mas por eles tomarem caminhos, pensamentos mais críticos inconcebível nas igrejas.	“Eu não vivi esta situação assim sabe, para ser testado. Se eu vivesse ou se eu viver eu não saberia... eu acho assim que eu ia tentar de tudo para conciliar os dois. Mas eu acho na altura da minha	Casar com a idade avançada, nunca antes dos 25 anos, nunca ter filhos antes dos 35 e 40 anos. Tirar férias e não ir à igreja. A esposa de pastor tem que ser a mais discreta possível e atuar.

	pastor.	em termos práticos”. Nunca trazer problemas, informação da igreja para dentro de casa.	filtrar bastante os conflitos para que seja uma mistura positiva.				vida eu consideraria que uma prioridade para a família”.	E atuar na vida da igreja dentro da vocação que e tem.
Esposa Pr. 3	“Compreendo como um chamado que a pessoa identifica na relação dela com Deus.”	“A gente vê essa vocação pastoral na família como algo de muito valor e um comprometimento o que tem que ser de todo mundo, de entender que não é uma profissão, entre aspas, normal”. “Então a gente conversou muito sobre isso, se preparou para isso e a gente	“Eu acho que é individual, a vocação é dele, ele recebeu este chamado. E eu entendo que a família deve valorizar, compreender e acompanhar né. Dá todo apoio, todo o suporte, mas a vocação é de quem recebeu este chamado...”	Não há conflitos porque tem sido um caminho de muito diálogo e porque os problemas da igreja não são trazidos para casa.	Decidiram separar o sábado para a família porque a igreja estava consumindo todo o tempo.	“Primeiro eu acho que tem muitas vezes certas posturas de obrigatoriedade que são colocadas sobre os filhos daquilo que a gente já falou antes, das expectativas que a igreja coloca, que a família do pastor tem que ser a família pastoral, que todo mundo é pastor, tem que ser modelo e tudo mais.” E a itinerância, ou seja,		Primeiro conversar, planejar e avaliar. Segundo, “estabelecer esta distinção entre a família e a igreja, são duas coisas diferentes, por mais que seja difícil por causa das expectativas, mas a família tem que ter a sua identidade própria, ela não pode ser igreja o tempo todo.”

		sempre viveu na família essa busca de um equilíbrio.”				a mudança de igreja pode gerar a falta de identificação com a comunidade.		
Filho Pr. 3	“Ele se esforça muito como pastor.”	“Eu e minha mãe, sempre fomos à igreja com ele..”	Acha que é familiar porque além de acompanhar, ele e mãe ajuda o pai.	“Eu nunca tive esse problema, muito, pelo contrário, me trata melhor, não melhor do que os outros, mas me trata bem eu nunca tive nenhum problema de brigas ou conflitos”.	“Eu separo bem, normalmente à tarde no domingo a tarde eu faço todos os meus estudos que eu tenho que fazer, mas sempre de manhã e à noite com a igreja.”	Por causa do preconceitos muitos filhos de pastores não querem ser visto como evangélicos.		“Eu acho que eles (filhos) têm que se preparar porque eles vão fazer amigos nas igrejas e depois vão mudar de igreja isso é muito difícil,...”
Pra. 4	“Eu compreendo como um chamado especial, um chamado único, um chamado diferenciado	Eu e o meu esposo entramos muito consciente de como seria a nossa vida, mas a filha que veio depois entrou	Ela num certo sentido ela é individual. Há coisas assim eu carrego sozinha, não tem como compartilhar Mas para mim eu	O conflito está na dificuldade de colocar limite no seu mistério e separar tempo para família.	Ainda é muito difícil separar a vida familiar da vida ministerial. A família acaba ficando em segundo plano por conta da demanda da	“ na minha opinião porque eles perderam os pais para igreja...porque viram também os pais sendo maltratados, viram coisas horríveis de uma igreja cruel	“Ora tem que ser uma questão mas muito, muito, muito, muito delicada mesmo. Muito, porque meu Deus eu não me	Fazer logo o pastorei de pastores. Este trabalho com os pastores “...trata relacionamentos e trata à questão do

	porque entre todos os chamados ele exige muita renuncia, exige muita dependência, exige muita entrega.”	sem saber. “...eu imagino que também Deus porque me deu Ele deu na soberania Dele já deu essa família para ela.” “...entre os erros e acertos que nós temos ela vai se encaixando e Deus vai também curando, sarando,...”	vejo que é também familiar. Porque é um ministério itinerante, que muda a vida de todos dos membros;... onde a família tem que estar juntas nas ocasiões festivas quando abro as portas da casa para fazer aconselhamento pastoral;		igreja.	para a vida dos pais, viram os pais chorando, viram os pais se lamentando, viram os pais sendo colocados ao ridículo, viram os pais passando necessidades financeira...”	vejo assim fazendo outra coisa, sabe assim, a vocação, o ministério eu não consigo.” “Ficaria com a família, mas teria que ser algo muito pesado, muito difícil mesmo.”	lazer, ele trata a questão do pastor ter plano, projetos pessoais, projetos familiares, de ter tempo familiar, de ser ministrado, não só dar mais ser cuidado, ser moldado, porque não somos super homens e super mulheres.”
Esposo Pra. 4	“Ah, eu compreendo a vocação pastoral como um chamado de Deus para a vida da pastora	“Ah eu não vejo diferença dentro de casa, a gente tem um vida normal,...” “...como família, como marido,	Eu entendo que é familiar, porque eu tenho que apoiar, ouvir, entender que é um trabalho exige muito.	Não é difícil ser membro da família pastoral, porque nunca interferiu no meu trabalho. Mas em alguns momentos afeta quando a pastora traz conflitos	Por não sabermos separar as necessidades já gerou vários conflitos em casa e ainda	“Mas eu acho que é assim, eles vivem mais intensamente do que os outros filhos da igreja né. Ouvindo conversas dentro de casa. Eu acho que uma		“Eu acho que entender que a família vem antes da igreja, vem antes de ser pastor. Eu acho que é

	primeiramente e depois da família.”	como família pastoral tem algumas cobranças que a igreja faz.” Cobrança de frequência e participação em algum ministério dentro da igreja.	“Acho que se o marido ou a esposa do pastor se sente vocacionado acho que deveria assumir, eu não me sinto vocacionado para isso.”	da igreja para casa.	gera. “A gente procura conversar, tratar, mas tem conflito não tem como, isso gera um conflito grande ainda.”	maneira de poupa-los é não conversar sobre os problemas da igreja perto deles. E deixar eles viverem problemas comuns sendo membro da igreja não como família.” “...algumas igrejas judiam de pastores a gente sabe disso...”		cuidar dos filhos, cuidar da esposa, cuidar do esposo e procurar estar junto, muitas vezes a igreja toma muito tempo,... ...estando juntos orando bastante... Tendo os momentos com a família de devocional...”
Filha Pra. 4	É bom eu vejo que não foi uma escolha da minha mãe e nem de mim, mas Deus escolheu ela para está sendo pastora.	Foi difícil é sempre muito difícil esse negócio de está sempre mudando, porque a gente vai mudar de casa, mudar de escola, vai mudar	Eu acho que a família tem que envolver um pouco porque se não fica difícil... Embora a vocação seja dela, o chamado seja dela a família acaba indo no	É difícil por sempre tem a pressão da igreja em cima da gente. Conflitos sempre teve porque minha mãe não podia estar nas minhas apresentações da escola porque estava	“Eu separo né, o pessoal da igreja tem certa cobrança, vamos resolver aqui e agora. Saiu outra cobrança fora da igreja então a gente resolve noutro lugar, em	“...a maioria dos filhos de pastores eu acredito que saiam porque querem ser pessoas normais, não ser visto como o filho do pastor que tem que ser igual ao pai,..		“Então daria o conselho de sempre está do lado e por mais difícil que seja esse negocio de trocar de igreja e tudo, acompanhar ou pelo menos ficar em alguma igreja, se for

		totalmente a vida e assim é muito difícil.	pacote junto. Gosto de me envolver naquilo que eu gosto de fazer, por exemplo, dançar	na reunião de trabalho. A questão do tempo para estar juntos. “Poxa como ela consegue cuidar de todo mundo que é da igreja e eu fico assim meio sozinha.”	outra ocasião não envolvendo igreja com o meu pessoal, claro que vai envolvendo pouco, mas sempre que puder mais distanciar possível é sempre bom”	sempre ser o certinho, errou um pouquinho já é totalmente errado.”		evangélico acho seria bom.”
--	--	--	--	---	--	--	--	-----------------------------